



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**ESCOLA DE TEATRO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS**

**FERNANDO ANTÔNIO DOS SANTOS JÚNIOR**

***MNEMOSINE: A INVESTIGAÇÃO CRIATIVA DE UM ATOR A  
PARTIR DOS ENCONTROS COM VELHOS CONTADORES E SUAS  
NARRATIVAS***

Linha II – Poéticas e Processos de Encenação

Salvador  
2017

**FERNANDO ANTÔNIO DOS SANTOS JÚNIOR**

***MNEMOSINE: A INVESTIGAÇÃO CRIATIVA DE UM ATOR A  
PARTIR DOS ENCONTROS COM VELHOS CONTADORES E SUAS  
NARRATIVAS***

Linha II – Poéticas e Processos de Encenação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Meran Vargens

Salvador  
2017

Modelo de ficha catalográfica fornecido pelo Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA  
para ser confeccionada pelo autor

Santos Júnior, Fernando Antônio dos  
Mnemosine: A Investigação Criativa de um Ator a partir dos  
Encontros com Velhos Contadores e suas Narrativas / Fernando  
Antônio dos Santos Júnior. -- Salvador, 2017.  
149 f.: il

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Meran Muniz da Costa Vargens.  
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Artes  
Cênicas) -- Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro,  
2017.

1. Memória. 2. Oralidade. 3. Narrativa. 4. Contadores de  
Histórias. 5. Experimento Cênico. I. Vargens, Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Meran  
Muniz da Costa. II. Título.

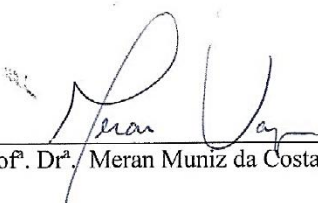
## FERNANDO ANTÔNIO DOS SANTOS JÚNIOR

“Mnemosine: A Investigação Criativa de um Ator a partir das Memórias dos Velhos Contadores e suas Narrativas”

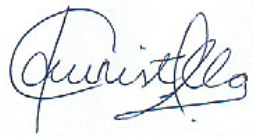
Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Artes Cênicas, Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 25 de setembro de 2017.

### Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Meran Muniz da Costa Vargens (Orientadora)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cleise Furtado Mendes (PPGAC/UFBA)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cristina Colla (UNICAMP)

*Para Fernando e Cleuza.  
Pais amados, bússola presente em toda caminhada.*

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Mestre maior, o Senhor de todo o amor e conhecimento. Aquele que traz luz aos momentos de dúvidas e incertezas. Ao meu Deus amigo, louvo por Sua presença em minha caminhada;

À minha avó Argemira, ou simplesmente “Mira”, inspiração para esse trabalho. Suas memórias estarão comigo para sempre;

Aos meus melhores amigos, não por acaso, os meus irmãos: Emanuel, Eber e Tatiana. Cada palavra de incentivo foi a força necessária para concluir mais uma jornada;

À Meran Vargens por acreditar em minha pesquisa até quando pairava sobre mim as maiores incertezas. Ter a sua orientação tornou essa pesquisa ainda mais especial. Para a dona do melhor abraço o meu muito obrigado;

À Edleuza, ou melhor, Tia Lêza a minha eterna gratidão por ser quem é! Pelo apoio incondicional aos meus sonhos e por me ajudar a torna-los realidade;

À querida companheira de mestrado, Paula Andrea, pela parceria e cumplicidade nas orientações;

Aos queridos amigos Fernanda Beltrão, Edu Coutinho, João Guisande, Kita Veloso, Augusto Nascimento, Clara Trocolli, Monique Monteiro e Rafaela Lima pela disponibilidade em lançar olhares e escuta sobre o meu experimento cênico. Que emoção os ter como minha primeira plateia desse experimento. Em especial agradeço a Luísa Muricy, Ronei Jorge e Wanderley Meira por terem aberto a casa e o coração para a apresentação do experimento;

Às queridas Larissa Raton e Daiane Nascimento pela colaboração na transcrição dos áudios dos encontros com meus *velhos contadores* e a também querida Márcia Lima pelo olhar carinhoso e colaborativo ao meu experimento cênico;

Ao asilo Dom Pedro II, na pessoa da senhora Áurea Regina, por abrir as portas para que pudesse coletar algumas memórias de dois dos seus ilustres moradores;

À professora doutora Jacyan Castilho pelo incentivo, desde o período embrionário desta pesquisa;

Aos colegas de mestrado pelo apoio constante;

À FAPESB cujo incentivo através da Bolsa de Estudos possibilitou a realização dessa pesquisa;

E minha eterna gratidão aos meus *velhos e velhas contadores de histórias*: sr. **Nilton**, sra. **Ceres**, dona **Martha Muniz**, sra. **Giselia**, sra. **Dioneia** e seu **Rosalino**. Suas memórias enriqueceram não só a minha pesquisa como a minha vida. Guardarei em minha memória todos os nossos encontros, vocês fizeram diferença na minha jornada.

*“Suba o primeiro degrau com fé. Não é necessário que você veja toda a escada. Apenas dê o primeiro passo” (Martin Luther King).*

*“O ‘corpo memória’. Acredita-se que a memória seja algo independente de todo o resto. Na realidade não é assim, pelo menos para os atores. Não é que o corpo tenha memória. Ele é memória” (Grotowski in Ceballos, 1993, p. 34).*

*“A minha força é de poder ficar muito ligado às minhas raízes, sem, no entanto, recusar a abertura diante do desconhecido, porque o conhecimento vem do desconhecido para o conhecido, e não do conhecido para o desconhecido. A riqueza é esta” (Les Chemins de Sotigui Kouyaté, 2002).*

## RESUMO

A pesquisa se concentra nas memórias de seis indivíduos acima de 65 anos, residentes na cidade de Salvador – Ba, nomeados como *velhos contadores*. Esses relatos são à base de uma investigação criativa que utiliza as suas contações como base para a elaboração da célula de um experimento cênico, aprendizado que aperfeiçoou as capacidades interpretativas do ator/autor desta investigação. Trata-se de uma pesquisa teórico-prática que busca entender de que maneira a ação de um *velho* contando suas memórias pode cooperar para a elaboração de uma pesquisa que tem nos meandros artísticos (palavra, gestos, olhar e estado de presença) alguns dos mecanismos para que se estabeleça a conexão entre ator e público. O texto relata o passo a passo de uma investigação baseada na livre associação entre as memórias de um ator com os relatos dos *velhos contadores*. Dentro do referencial teórico, foram estabelecidas proximidades com o trabalho sobre memória e sociedade, desenvolvido pela professora de psicologia social Ecléa Bosi, além dos conceitos de memória criados por Henri Bergson (o relato do passado é uma construção do presente) e Maurice Halbwachs (o meio social enquanto influência para a elaboração da memória individual); já para a contação de histórias, utilizou-se do olhar social, poético e artístico do *griot* africano (ocidental) Sotigui Kouyaté. Por fim, relata as apresentações da célula do experimento ocorridas nas casas de amigos, revelando as relações estabelecidas entre o estudo teórico da pesquisa e o processo de criação para o experimento cênico.

**Palavras-Chave:** Memória, Oralidade, Narrativa, Contadores de Histórias, Experimento Cênico.



## ABSTRACT

The research focuses on the memories of six individuals over 65 years old living in the city of Salvador - Bahia, named as old accountants. These reports are the basis of a creative investigation that uses their counts as the basis for the elaboration of the cell of a scenic experiment, learning which has perfected the interpretive capacities of the actor / author of this research. It is a theoretical-practical research that seeks to understand how the action of an old person counting his memories can cooperate for the elaboration of an research that has in the artistic meanders (word, gestures, look and state of presence) some of the mechanisms to establish the actor-audience connection. The text reports the step-by-step investigation based on the free association between an actor's memories and the stories of the old storytellers. Within the theoretical framework, the work on memory and society developed by social psychology teacher Ecléa Bosi was established, as well as the concepts of memory created by Henri Bergson (the account of the past is a construction of the present) and Maurice Halbwachs (environment social as an influence for the elaboration of individual memory); already for the account of stories, was used the social, poetic and artistic look of the African griot (western) Sotigui Kouyaté. Finally, it reports the presentations of the cell of the experiment that took place in the friend's houses, revealing the relations established between the theoretical study of the research and the process of creation for the scenic experiment.

**Keywords:** Memory, Orality, Narrative, Storytellers, Scenic Experiment.

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	11
<b>Introdução</b> .....	14
<b>1. Capítulo I: Revirando o Baú de Memórias</b> .....	20
1.1. Henri Bergson: O Passado Presente na Memória.....	20
1.2. Maurice Halbwachs: O Passado Reconstruído na Memória.....	36
1.3. De Tempo e Memória Somos Feitos.....	48
<b>2. Capítulo II: Contando a Contação de Histórias</b> .....	56
2.1. Narrativa, Narração e Oralidade.....	56
2.2. A Palavra Viva.....	64
2.3. Construindo Conexões: uma Breve Visita aos <i>Griots</i> Africanos.....	67
2.4. O <i>Griot</i> Sotigui Kouyaté e os Meus <i>Velhos Contadores</i> .....	69
<b>3. Capítulo III: O Mergulho de um Ator nas Memórias</b> .....	77
3.1. A Palavra Expressiva ou “A Palavra que <i>Preenche o Meu Quarto</i> ”.....	80
3.2. Os Gestos que Esculpem Palavras.....	97
3.3. A Experiência de Contar Memórias ou “Enfim, Visitas em <i>Meu Quarto</i> ”.....	105
<b>Considerações Finais</b> .....	112
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	117
<b>Anexos: Transcrições dos Encontros com os <i>Velhos Contadores</i></b> .....	119
• Memórias de dona Dioneia.....	119
• Memórias de dona Giselia.....	123
• Memórias de dona Martha Muniz.....	125
• Memórias de sr. Nilton e sra. Ceres.....	130
• Memórias de seu Rosalino.....	141

## APRESENTAÇÃO

*Posso começar? Você está gravando?*

*Giselia Cardozo Sales*

Esta pesquisa é fruto do meu interesse por conhecer e ouvir histórias de vida contadas por quem as viveu, sendo como memórias reveladas cuja ação possibilita ao *eu-ator* reconhecer a poiesis nos indivíduos durante o ato de contar. É desejo, neste trabalho, reunir as minhas duas formações acadêmicas: História e Artes Cênicas.

O percurso que me trouxe até aqui tem na figura central da minha avó a inspiração para buscar em outros *velhos* a imagem do sábio que ensina através da sua experiência adquirida com a vida. Reconheço neles a jornada de herói do cotidiano que tenta resistir ao esquecimento da sociedade ou da família.

Nesta pesquisa, faço uma livre associação desses indivíduos, a quem nomeio como *velhos contadores*, com os *griots* africanos. Faço deles os *meus griots*, os guias da minha investigação criativa na elaboração da célula de um experimento cênico.

Aqui, propositalmente, faço uso da nomenclatura *velho*, ao invés de idoso, pessoa de terceira idade, melhor idade ou ancião. Tal escolha ocorre por entender que, ao contrário do que diz o senso comum, *velho* afasta-se do conceito de “usado”, gasto, antigo ou algo que valha, e aproxima-se da imagem arquetípica do sábio, conselheiro, mestre.

Uma citação do psicoterapeuta Joel Birman auxilia na reflexão sobre os conceitos.

Velho na percepção dos “envelhecidos” das camadas médias e superiores está associada à pobreza, à dependência e à incapacidade, o que implica que o velho é sempre o outro. Já a noção de “terceira idade” torna-se sinônimo dos “jovens *velhos*”, os aposentados dinâmicos que se inserem em atividades sociais, culturais e esportivas. Idoso, por sua vez, é a designação dos “*velhos* respeitados”. A expressão “idoso” designa uma categoria social, no sentido de uma corporação, o que implica no desaparecimento do sujeito, sua história pessoal e suas particularidades. Além disso, uma vez que é considerado apenas como categoria social “o idoso é alguém que existiu no passado, que realizou o seu percurso psicossocial e que apenas espera o momento fatídico para sair inteiramente da cena do mundo. (BIRMAN, Joel. 1995, p. 23. Grifo meu)

O significado da palavra *velho* tem, para mim, relação com experiência, conhecimento, história, ensino. Nomear alguém dessa maneira me faz sentir mais próximo e íntimo desse indivíduo. Por considerar a palavra “idoso” uma frágil tentativa de maquiar a velhice, saio em defesa do *velho* – a palavra e o ser/estar de um tempo que, se tivermos sorte, chegará para todos.

Ecléa Bosi menciona, em seu livro *Memória e Sociedade – Lembrança de Velhos*, uma lenda balinesa que aqui faço questão de reproduzir.

Existia um longínquo lugar, nas montanhas, onde outrora se sacrificavam os *velhos*. Com o tempo não restou nenhum avô que contasse as tradições para os netos. A lembrança das tradições se perdeu. Um dia quiseram construir um salão de paredes de troncos para a sede do Conselho. Diante dos troncos abatidos e já desganhados os construtores se viam perplexos. Quem diria onde estava a base para ser enterrada e o alto que serviria de apoio para o teto? Nenhum deles poderia responder: há muitos anos não se levantavam construções de grande porte, e eles tinham perdido a experiência. Um *velho* que havia sido escondido pelo neto, aparece e ensina a comunidade a distinguir a base e o cimo dos troncos. Nunca mais um *velho* foi sacrificado. (BOSI, 2002, p.76-7. Grifo meu).

A lógica dessa lenda nos mostra o quão importante é a presença do *velho* na sociedade e o quanto a sua sabedoria faz a diferença. O vínculo com outras épocas dá ao *velho contador* a alegria de compartilhar suas experiências e o torna, assim como nas tribos antigas, o guardião das tradições, que é nada mais que o tesouro espiritual de uma comunidade.

Explicada a escolha pelo uso do termo *velho*, saiba, leitor, que a base para a elaboração da pesquisa em questão começou lá atrás...

Em uma cidade do interior da Bahia chamada Vitória da Conquista vivia um garoto que adorava ler e criar histórias. Isso era início da década de 1990. Tratava-se de um garoto curioso que gostava de ouvir as histórias ficcionais contadas pelos seus pais e principalmente pela sua avó. Eram, porém, as histórias reais que o fascinavam.

Os anos se passaram e, em 2005, o garoto, agora jovem, resolve seguir os seus instintos e, contrariando o seu pai, que o queria como médico ou advogado, decide cursar História na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB. Para a felicidade do jovem, sua intuição estava certa. Ele havia encontrado o curso que contemplava o seu desejo por conhecer outras histórias para além da leitura dos livros de ficção ou das histórias contadas pelos seus familiares.

Durante o curso ele aprende que a memória, segundo Jacques Le Goff <sup>1</sup>(2013, p.419), “é a propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas”. E entende, já naquela época, que, mais que um retorno ao passado, a memória é o olhar de hoje sobre algo que já aconteceu.

Ao concluir em 2009 o curso de História, o jovem passa a dar aulas na rede pública de ensino para adolescentes e adultos. E, mais uma vez, lá estava ele contando outras histórias. Nesse mesmo período ele ingressa em um curso livre de teatro que ascende o desejo de cursar uma nova faculdade, dessa vez, Artes Cênicas, entendendo ser a possibilidade de aliar o seu interesse pelos estudos acadêmicos à atuação.

Assim, em fevereiro de 2010, o jovem, agora adulto, se muda para Salvador e inicia os seus estudos na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, UFBA. Cinco anos depois, tendo já concluído a graduação em interpretação teatral, sua segunda formação, ele reúne, em um projeto de mestrado, as suas duas formações acadêmicas.

A princípio o projeto era coletar memórias de indivíduos acima dos 65 anos que pudessem revelar os diversos olhares sobre a cidade de Salvador e seus bairros para, em um segundo momento, elaborar uma cena reunindo essas memórias em torno de uma única personagem. Porém, no decorrer do projeto, o rapaz foi entendendo que o seu interesse estava para além da cidade em si, estava nas pessoas que a habitam.

Assim, um caminho diferente foi trilhado e o que se segue relata isso.

---

<sup>1</sup>Importante historiador francês que se dedicou ao estudo da Idade Média. Fez parte da terceira geração da Escola dos *Annales*, dedicando grande parte de sua obra à História das Mentalidades. Abordou, em suas obras, aspectos sociológicos, psicológicos, religiosos, antropológicos, artísticos, comportamentais, econômicos e sociais. A grande contribuição dos seus estudos foi no sentido de mostrar a Idade Média como um período dinâmico, ao contrário dos estudos tradicionais anteriores, que mostravam apenas os aspectos econômicos e militares. Desta forma, ele mudou a visão que havia até então sobre tal período. É considerado um dos principais historiadores da Nova História (*Nouvelle Histoire*).

## INTRODUÇÃO

*Quando eu olho pra mim eu enxergo a Deus! Porque Ele diz: “Fazei o homem de conforme a minha imagem e a minha semelhança”. Aí quando eu olho pra você eu tô vendo Deus!*

*Rosalino dos Santos*

Foi na Grécia Antiga que, como bem lembrou Jacques Le Goff (2013), a memória tornou-se uma deusa e recebeu o nome de *Mnemosine*. Ela era a mãe de nove musas procriadas no percorrer de nove noites na companhia de Zeus.

Cabia a *Mnemosine* a tarefa de lembrar aos homens as recordações dos heróis e de seus grandes feitos, além de presidir a poesia lírica. Assim, o poeta era um ser possuído pela memória, um adivinho do passado, a testemunha inspirada nos “antigos tempos” da idade heroica. Uma das nove filhas de *Mnemosine*, se chamava *Clio*, ou História.

*Mnemosine* e *Clio* sempre caminharam juntas, entrelaçadas. Por vezes, como bem disse um *velho contador* de nome **Nilton**, “A memória nos falha e nos deixa na mão, mas é só forçar um pouquinho que ela reaparece e nos faz lembrar é de muitas histórias”. Seu **Nilton** é um *velho* senhor de cabelos brancos que adora tomar whisky e contar anedotas; ele e outros personagens reais estarão presentes nesta pesquisa através de suas lembranças.

A figura do *velho* sempre me causou fascínio, muito por conta de uma relação criada a partir da imagem desse *velho* que conta suas histórias de vida para os seus. É compreensível pensarmos que um indivíduo de mais idade, por ter vivido mais, por ter acompanhado mais gerações, por ter presenciado o maior número de mudanças sociais, terá um cabedal de histórias e memórias mais extenso que um (a) jovem ou uma criança.

Isso posto, o objetivo da pesquisa está no uso de tais memórias enquanto subsídio para o estudo e análise das contações de histórias de vida feitas por *velhos contadores* sob o olhar do ator que as utiliza, enquanto instrumento, para a elaboração da célula de um experimento cênico e elucidação de princípios teóricos referentes à memória.

É, também, proposta desta pesquisa, associar os *velhos contadores* e suas recordações com os *griots* africanos contadores de histórias, apontando possíveis similaridades nas relações sociais e na aquisição de uma sabedoria a partir das experiências vividas.

Entre as muitas definições do contador de histórias, escolho a do africano Hampâté Bâ<sup>2</sup> por ser o representante de peso de uma das culturas que mais conservaram seu conhecimento tradicional e que mostraram maior resistência em assimilar a educação e os valores ocidentais.

Os mitos, contos, lendas [...] frequentemente constituem para os sábios dos tempos antigos um meio de transmitir, ao logo dos séculos, de uma maneira mais ou menos velada, pela linguagem de imagens, *os conhecimentos que, recebidos desde a infância ficarão gravados na memória profunda do indivíduo*, para ressurgirem, talvez, no momento apropriado e iluminados por um novo sentido [...] Eles são a mensagem de ontem, destinada ao amanhã, transmitida no hoje. (HAMPÂTÉ, 1994, p.248. Grifo meu).

Ponto de encontro entre o passado e o presente, os *velhos* são verdadeiros guardiões do passado e, para tanto, precisam ser vistos, ouvidos e valorizados. Nos idos de 1979 do século XX, Ecléa Bosí<sup>3</sup> elaborou uma tese de livre-docência que gerou reflexões sobre esses *velhos* e a sociedade na qual estava inserida. A metodologia utilizada, e que reproduzo na minha pesquisa, alinhava teoria e empirismo a cada momento de reflexão sem dissociá-las.

Ecléa entrevistou *velhos* acima de 70 anos de idade que viveram desde a infância na cidade de São Paulo. Salienta-se que os encontros eram informais, um verdadeiro bate papo, e as tais memórias emergiam à medida que crescia a cumplicidade entre a autora e os seus entrevistados. Era fluído, orgânico.

---

<sup>2</sup> Historiador, escritor, poeta, pensador e contador de histórias. Nasceu em Bandiagara, aos pés das falésias do país Dogon, e morreu em 15 de maio de 1991, em Abidjan. Nomeado, em 1962, membro do Conselho Executivo da Unesco, estabeleceu como meta apresentar aos europeus a tradição africana como cultura. Sua frase célebre: “Na África, quando um velho tradicionalista morre, é uma biblioteca inexplorada que queima” é lembrada por todos os que pesquisam as tradições orais.

<sup>3</sup> Professora emérita e titular do departamento de Psicologia Social e do Trabalho no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Graduiu-se em 1966 na USP e fez mestrado e doutorado em Psicologia Social na mesma universidade. Dentre suas obras importantes estão “Memória e Sociedade Lembranças de Velhos” (Companhia das Letras, 2002), “Cultura de Massa e Cultura Popular” (Vozes, 1972), “O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social” (Ateliê, 2003).

Diante desse disparador, apresentado por Bosi, busquei por alguns *velhos* moradores da cidade de Salvador – Bahia, querendo ouvir suas memórias sem interferir no fluxo das suas lembranças.

Entre março de 2016 e fevereiro de 2017 aconteceram os meus encontros com os *velhos contadores*. Através das indicações de amigos, busquei por indivíduos que aceitassem contar suas histórias de vida da forma que bem entendessem, rememorando à sua maneira os fatos vivenciados da infância até os dias atuais.

De posse dessas indicações, o primeiro contato com os *velhos* acontecia através de telefonema ou de um rápido encontro em que era explicado o objetivo da pesquisa e do quão importante seria escutá-los. De modo geral todos foram receptivos, entretanto, a disponibilidade de tempo dos entrevistados, o fato de pertencerem a diferentes classes sociais e de possuírem histórias singulares de vida foram os pontos levados em consideração no momento de escolher os seis *velhos contadores* parceiros desta pesquisa.

Infelizmente, por motivos particulares, alguns *velhos* ouvidos e escolhidos no primeiro contato não puderam participar efetivamente da pesquisa através dos relatos, mas permanecem presentes na minha memória e na minha trajetória pessoal.

Cada encontro ocorreu de acordo com as necessidades dos entrevistados. Os locais foram escolhidos por eles – exceção do asilo – e a sua duração foi variável:

- ✓ **Nilton de Oliveira Sampaio** (77 anos) e **Ceres Laert Cotrim Sampaio** (74 anos): 02 encontros de 2h30min na residência do casal no bairro da Pituba;
- ✓ **Giselia Cardoso Sales** (80 anos): 01 encontro de 2h na casa de uma das suas filhas no bairro da Pituba;
- ✓ **Rosalino dos Santos** (77 anos): 01 encontro de 2h15min no Abrigo Dom Pedro II no bairro da Boa Viagem;
- ✓ **Dionéia Lima** (88 anos): 01 encontro de 1h30min no Abrigo Dom Pedro II;
- ✓ **Maria Martha Muniz** (69 anos): 02 encontros, um de 40 min. e outro de 3h, em seu ateliê no bairro do Pelourinho.

O sublime nesses encontros, independentemente da duração, acontecia quando, sem que percebessem, os *velhos* se “desnudavam” e contavam suas memórias como quem narra uma história e retira de um baú de recordações inúmeros episódios que nem mesmo eles sabiam que se lembravam.



Dona **Martha**, artista tecelã que trabalha há mais de trinta anos no bairro do Pelourinho, centro histórico de Salvador, assustada com o volume de histórias que acabara de contar, parou, fixou seu olhar em mim, suspirou e emocionada disse: “*É, minha criança, você me fez lembrar de coisas que nem eu mesma lembrava. A gente guarda é coisa na memória, né?*”. Depoimentos como este comprovam o quanto estamos inundados, inconscientemente, por histórias e experiências que se completam e que se fundem formando muito do que somos hoje.

Por vivermos um tempo cada vez mais voltado para o agora, para o acúmulo de conquistas e realizações, o capitalismo reina soberano sobre as sociedades que vislumbram o avanço tecnológico, onde focam tanto no futuro que esquecem de retornar para o passado e buscar possíveis respostas para as questões que os mobilizam. Essa corrida para o acúmulo de realizações tem afastado o indivíduo da experiência.

Ninguém melhor que o *velho*, segundo Maurice Halbwachs (2006), para exercer a função social de lembrar. Em nosso próprio seio familiar nossos *velhos* deixaram suas marcas. Essa percepção acontece quando nossos pais e avós se detêm na caminhada e, envolvidos pelo passado, tornam suas experiências de vida ensino para aqueles que permanecem no caminho.

A fundamentação teórica e a relação entre conceito e prática, através de trechos das contações das memórias dos *velhos*, ouvidos na pesquisa de campo, estarão presentes no **capítulo I**. Firmados nos binômios individual/coletivo, consciência/inconsciência, mente/corpo, o filósofo Henri Bergson (1859-1941) e o sociólogo Maurice Halbwachs (1877-1945) esmeraram-se na análise do conceito memória sobre diferentes vieses que se completavam.

Em Bergson, a memória traz à superfície o que estava imerso. Ela brota do embate entre a subjetividade do espírito e a exterioridade da matéria. Já Halbwachs refere-se à memória produzida mediante os seus quadros sociais, sem que para isto reviva o passado tal qual pudesse ter sido realizado, e sim através de um exercício de reconstrução desse passado diante das atuais possibilidades.

Após a conceptualização e análise dos conceitos de memória no **capítulo II**, é proposto um diálogo entre os aspectos apresentados na contação de histórias feitas pelos contadores tradicionais (palavra, imagens, linguagem, ritmo e transmissão do conhecimento) com a forma artística com que traduzo os relatos das memórias de vida feitos pelos meus *velhos contadores*.

Além disso, o capítulo apresenta conexões que estabeleço entre as memórias do ator/griot Sotigui, presentes no livro *Encontros com o griot Sotigui Kouyaté*, de Isaac Bernat, com as memórias dos meus *velhos contadores*.

Minha intenção, ao buscar essas conexões, é a de afirmar a força da experiência dos *velhos* como importante mecanismo de ensino, manutenção e divulgação das tradições entre família e comunidade, tratando suas memórias como tesouros de uma existência.

Para o neuropsicólogo Elkhonon Goldberg, em seu livro *O Paradoxo da Sabedoria*, é na velhice que a sabedoria, enquanto processamento mental avançado, atinge o seu ápice. Justamente no período em que a capacidade do nosso cérebro começa a diminuir.

Goldberg diz, entre outras coisas, que “A velhice é sempre vista como uma época de declínio, mas ela pode trazer novas habilidades muito poderosas”. Seja o olhar múltiplo sobre questões complexas, uma palavra de resiliência como forma de apaziguar conflitos, habilidades como estas são conquistadas através da experiência e, em geral, são observadas nesses indivíduos que atravessam gerações.

A memória dos *velhos contadores*, na pesquisa em questão, torna-se um disparador das experiências dos ouvintes ou ativador da leitura de mundo e de possíveis reflexões sobre a realidade. Eu, enquanto ator, aproprio-me delas e as direciono para a fundamentação de uma investigação criativa.

O **capítulo III** fica reservado para o relato dessa investigação onde, baseando-me nas memórias dos *velhos contadores*, elaboro a célula de um experimento cênica em que a palavra, a narrativa e o gesto são pensados como instrumentos que auxiliam na formação de uma terceira memória. Ela surge da junção das memórias desses *velhos* que contam com as desse ator que escuta e entende cada indivíduo como criador de uma história que está sendo elaborada.

Essa alquimia das memórias acaba acontecendo longe da sala de ensaio.

O acaso – ou seria destino? – provocado pela ausência de um local para a realização da pesquisa prática e do pouco tempo para a sua busca, acabou revelando a existência de um espaço até então esquecido por mim, mas que no passado havia sido meu universo de segredos e descobertas: meu quarto.

E assim, como uma volta à infância, minhas investigações e descobertas ocorreram nesse local de significativas recordações.

Por fim, ao fazer uso de uma escuta sensível das memórias dos *velhos contadores* na qual direciono minha inteira atenção sobre suas histórias de vida, percebo que cada palavra proferida, cada olhar lançado e cada gesto acionado tornam-se exímias instrumentos para um ator que enxerga em si e no outro uma profusão de possibilidades para a criação artística, oportunizando que esse mesmo ator exercite a sua autonomia criativa.

Reflexões que fazem da minha pesquisa a concretização de um anseio artístico em conseguir extrair, das histórias e memórias dos indivíduos, elementos que substanciam o desenvolvimento do ator.

## 1. CAPÍTULO I

### REVIRANDO O BAÚ DE MEMÓRIAS

*Sim... o que é que você queria saber?  
Deixa eu ver se eu me lembro...*

*Giselia C. Sales*

#### 1.1. Henri Bergson: O Passado Presente na Memória

As observações de Henri Bergson (1999) em relação à natureza e às funções da memória devem ser analisadas quando relacionadas ao contexto de sua obra filosófica, correspondendo aos conceitos de “memória”, “tempo” e “devir”.

Meu intuito é desenvolver esses conceitos com base nas memórias narradas por seis *velhos contadores* ouvidos exclusivamente para essa pesquisa, relacionando-me com o ambiente social em que vivem, ou seja, família, trabalho e amigos. De modo que, como mencionado por Ecléa Bosi em seu livro *Memória e Sociedade*, a análise das memórias de mulheres e homens idosos pressupõe “a existência de um *estofo social da memória*” (BOSI, 2002, p.43) que independe dos conceitos filosóficos porventura analisados por Bergson.

Dito isto, vale destacar que a importância dada à análise de Bergson sobre a memória está concentrada em seu estudo referente à fenomenologia da lembrança, e é nesta análise que minha pesquisa se debruça. Para Bergson, a memória, mais que um retorno ao passado, é algo que afeta o presente, projeta uma ação no futuro e dá-se enquanto fenômeno interno ao indivíduo, além de envolver a percepção particular dos fatos vivenciados e o seu registro estruturado em imagens que serão preservadas no inconsciente.

O processo que leva à percepção, segundo Bergson, caracteriza-se pelo esquema *imagem-cérebro-representação* e, assim como o esquema motor *imagem-cérebro-ação*, depende de um esquema corporal que vive no agora e se realimenta desse mesmo presente em que se move o corpo em sua relação com o ambiente.

Para Bergson, a percepção é o resultado de estímulos “não devolvidos” ao mundo exterior sob a forma de ações. A percepção surge como um intervalo entre as ações e reações do organismo; algo como um “vazio” que é preenchido de imagens as quais, trabalhadas, assumirão a qualidade de signos da consciência. Nesse sentido, ao perceber imagens no mundo exterior, o cérebro pode retomar com estímulos que desencadeiam ações; ou não.

A lembrança, por sua vez, é aquilo que estava submerso e vem à tona em função da percepção que ocorre no tempo presente. A memória possibilita que os fatos passados emergam e desloquem estas percepções. Já a representação seria o intervalo existente entre as ações e reações do organismo diante de algum acontecimento. Bergson diz que

O corpo, colocado entre os objetos que agem sobre ele e os que ele influencia, não é mais que um condutor, encarregado de recolher os movimentos e de transmiti-los, quando não os retém, a certos mecanismos motores, mecanismos estes determinados, se a ação é reflexa, escolhidos, se a ação é voluntária. (BERGSON, 1999, p.83)

Bergson, no desenvolvimento de sua pesquisa sobre ação e percepção, chega a se debruçar sobre o problema da passagem de tempo. Pensemos: se é mesmo verdade o que Bergson diz que cada ato de percepção é um ato presente, torna-se, também, verdade que cada ato de percepção é um novo ato. E em sendo “novo”, pressupõe que, antes dele, aconteceram outras experiências, outras ações e movimentos.

A questão que se levanta diante dessa análise é que, para o estudioso, em termos de percepção, só existe o agora, o tempo presente, a imagem criada no instante da percepção. Ecléa Bosi levanta outra questão bastante contestada entre os estudiosos, que é o fato de Bergson não condicionar a recuperação da memória às relações entre os indivíduos e o ambiente que os circunda. Assim, afirma Bosi:

Não há, no texto de Bergson, uma tematização dos sujeitos-que-lembram, nem das relações entre os sujeitos e as coisas lembradas; como estão ausentes os nexos interpessoais, falta, a rigor, *um tratamento da memória como fenômeno social*. (BOSI, 2002, p.54)

Tal fundamento modificou-se a partir dos estudos de Maurice Halbwachs, que introduziu diferenças significativas no estudo da memória, tanto individual quanto coletiva. Primeiro porque trata os fatos e o sistema social como coisas que têm

precedência sobre os fenômenos de ordem psicológica individual. Segundo porque, seguindo essas premissas, estudou a memória de um indivíduo inserida nos âmbitos condicionantes dos diversos grupos que fazem parte e que se constituem em suas referências organizacionais e estruturantes – a família, a associação profissional, o grupo religioso, a classe social – cujos papéis são fundamentais na constituição e recuperação da sua memória, determinando o que será e como será lembrado.

Retornando a Bergson, o pesquisador formaliza o que parecia ser simples: a percepção como resposta de uma relação do ambiente com o sistema nervoso, e adiciona outro dado no jogo perceptivo: a lembrança que “impregna” as representações.

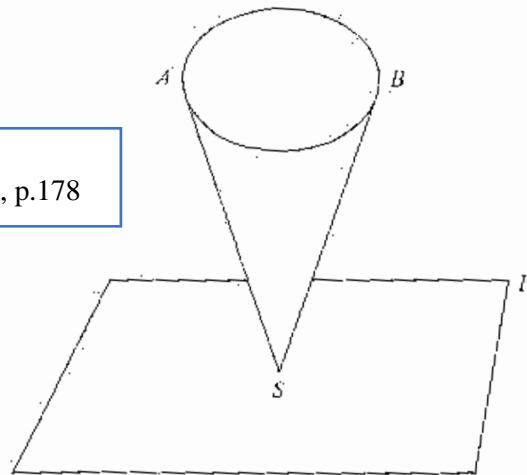
Na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos, misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos mais do que algumas indicações, simples “signos” destinados a nos trazer à memória antigas imagens. (BERGSON, 1999, p.30).

A atenção maior de Bergson é de compreender as relações entre a conservação do passado e a sua articulação com o presente, a confluência entre memória e percepção. Essa percepção do presente que, segundo Bergson, obedece à “atenção à vida”, ou seja, à utilidade da vida prática, inexistente sem a lembrança. Através dela se garante a continuidade entre passado e presente.

Bergson, em *Matéria e Memória*, ainda propõe que se trabalhe para além de uma percepção que se remete ao passado, mas com a *percepção pura*, capaz de perceber, sobretudo, o presente no momento em que se pensa. Com a chegada da lembrança, a *percepção pura* cede lugar a uma outra mais rica e mais viva que Bergson denomina de *percepção concreta e complexa*. A bem da verdade, a única real, já que a percepção pura do presente, sem a presença da memória, seria apenas o seu conceito estabelecido e não propriamente uma experiência vivida por cada um de nós.

Para evidenciar a diferença entre o espaço profundo e acumulativo da memória e o espaço raso e pontual da percepção imediata, Bergson utilizou-se da figura do cone invertido.

Figura 1  
Fonte: BERGSON, 1999, p.178



A figura do cone é assim comentada por Bergson:

Se eu representar por um cone SAB a totalidade das lembranças acumuladas em minha memória, a base AB, assentada no passado, permanece imóvel, enquanto o vértice S, que figura a todo momento meu presente, avança sem cessar, e sem cessar também toca o plano móvel P de minha representação atual do universo. Em S concentra-se a imagem do corpo; e, fazendo parte do plano P, essa imagem limita-se a receber e a devolver as ações emanadas de todas as imagens de que se compõe o plano. (BERGSON, 1999, p.178).

Fixada a distinção e a interação entre *percepção pura* e *memória*, Bergson realiza um estudo sobre a memória apontando suas características internas e suas peculiaridades frente a sua formação e funcionalidade no indivíduo. O corpo, consciente de que o passado se mantém vivo e atuante no presente, consegue guardar, muitas vezes automaticamente, ações outrora realizadas sobre as coisas. A essa função dá-se o nome de *memória-hábito*, que nada mais é do que a memória dos mecanismos motores. Há também lembranças que existem sem a necessidade de ser atreladas a qualquer hábito, são lembranças isoladas, que são tão somente reminiscências do passado.

A *memória-hábito* é a obtenção de uma memória a partir do esforço da atenção e repetição de gestos e palavras. O monólogo de uma personagem estudada inúmeras vezes, onde se repassa e tenta, a todo custo, decorar palavra por palavra, onde, a cada leitura, efetua-se um progresso até que se torne uma lembrança e seja acolhida na memória, exemplifica muito bem a característica principal da *memória-hábito*, a repetição que gera memória.

O ato de saber comer com talheres ou de escrever, falar outro idioma, dirigir um carro, digitar um texto são alguns outros exemplos que faz da *memória-hábito* o nosso adestramento cultural.

Do outro lado encontra-se a *lembrança pura*, que, atualizada na *imagem-lembrança*, consegue trazer à consciência o momento único, aquela ação singular que, ainda que venha a se repetir, jamais será da mesma maneira.

É evocativo como a recordação de um determinado dia em que se passou ensaiando por horas a fio um espetáculo teatral e se difere de algo mecânico como a ação de estudar por várias vezes a fala de uma personagem.

Bosi completa o raciocínio da seguinte maneira:

Sonho e poesia são, tantas vezes, feitos dessa matéria que estaria latente nas zonas profundas do psiquismo, a que Bergson não hesitará em dar o nome de “inconsciente”. *A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia.* A memória-hábito parece fazer um só todo com a percepção do presente. (BOSI, 2002, p.49. Grifo meu).

Uma das memórias contadas pela professora aposentada, dona **Ceres Laert Cotrim Sampaio**, 74 anos, exemplifica a ideia de *imagem-lembrança*.

Dona **Ceres** é casada com seu **Nilton** e juntos foram os primeiros ouvidos para a pesquisa, o que talvez explique o quanto eu estava ansioso por aquele encontro. Entrei no elevador do prédio consciente de que precisava passar tranquilidade e segurança para conquistar a confiança daqueles que iriam compartilhar suas memórias.



Foto, disponibilizada pelo casal, tirada durante um dos muitos eventos que costumam frequentar.



Toquei a campainha e escutei do outro lado uma potente voz pedindo para aguardar. Tratava-se de dona **Ceres**, que abriu a porta e me acolheu com um sorriso largo e um abraço afetuoso.

Depois dos cumprimentos fui convidado a entrar, mas, antes, ela pediu para não reparar na bagunça, o apartamento estava em reforma e *“como você sabe, meu filho, reforma só tem data pra começar... nunca para terminar”*.

Entrei e não tive como não reparar.

Sofá, mesa e cadeiras atulhados em um canto e cobertos por lençóis. Nada diferente das outras reformas. O que me chamou atenção mesmo foram os inúmeros quadros com fotografias espalhados pela casa.

Sentei em uma das três cadeiras reservadas para a nossa conversa. Dona **Ceres** me ofereceu água, eu, de imediato, aceitei! A boca estava seca por conta da ansiedade em ouvir as primeiras histórias daquela senhora que devia ter por volta de 1m60 de altura.

Na sala as inúmeras fotografias da família chamavam a minha atenção. Entre as antigas fotos o destaque era a mais recente do casal, tirada nas inúmeras saídas para jantar que eles conservam como tradição.

Após retornar trazendo o copo com água, dona **Ceres** tratou de chamar o seu marido, seu **Nilton**, para a sala: *“Venha, homem, Fernando já está aqui. Só não me apareça aqui com aquelas tuas ceroulas. Coloque uma roupa”*.

Sem demora o seu **Nilton** apareceu na sala sem as tais ceroulas.



*Foto, disponibilizada pelo casal, tirada durante um dos muitos eventos que costumam frequentar.*

Cumprimentamo-nos com um forte aperto de mão. Ele tratou logo de explicar que sua memória era um tanto falha, mas que iria se esforçar para lembrar tudo e que, caso viesse a esquecer, “*a minha Ceres vai me ajudar a lembrar*”.

Antes de iniciarmos de fato a conversa, ele pediu para ser o primeiro a ser ouvido, pois, dali a algumas poucas horas, o seu fisioterapeuta chegaria. Dito e ... não feito! Dona **Ceres** resolveu que ela começaria.

O fato que segue foi narrado por ela nesse primeiro encontro ocorrido em uma ensolarada tarde de abril, fato que a marcou de tal maneira que acabou se recordando de inúmeros detalhes daquele dia, um exemplo de *lembrança-pura*.

O dia em que não tinha trabalho, ela [*mãe*] ... ela só não, várias mulheres colocavam a cadeiras do lado de fora e conversavam, os vizinhos, e as crianças brincavam, né? (...) Era uma rua que não tinha carro, não tinha nada (...) E eu era danada, tanto que ... tarde, fim de tarde, ela apontava na esquina, ela vinha da esquina com pão na mão, ela vinha pra dar o café da gente e sair novamente, eu ficava [*como quem pensa*] ‘meu Deus o que foi que eu fiz hoje?’ ... se eu tinha andado na linha, porque eu era muito danada, mas ela tinha uma autoridade presente, ausente... uma autoridade extraordinária. Tanto que uma vez, minha irmã mais velha, que era aquela que tomava conta de todo mundo, ela tava limpando a casa porque o namorado ia tomar café, que foi depois o marido dela, e aí eu brincava muito, acredite que eu até hoje tenho uma caixinha bonitinha que eu não consigo jogar fora, porque naquela época eu aproveitava tudo e tinha uma peça velha, toda enferrujada no fundo do quintal, minha casa tinha um quintal, uma peça velha que era onde eu guardava tudo lá e aí eu tava brincando no chão, no degrau da sala, do corredor pra sala de jantar, aí a minha irmã vinha varrendo a casa porque ia arrumar a casa porque o namorado vinha, aí ela: ‘Ceres, saia!’, não sei se eu disse que não ia sair ou coisa parecida, aí ela chutou, passou a vassoura com tudo nos meus brinquedos, eu [*risos*] eu aí fui na sala e fiz xixi na sala, eu já era menina grande já, aí quando ela viu o meu movimento, ela sabia que eu era danada, ela que viu... ela aí me bateu, me deu umas duas palmadas, quando minha mãe chegou eu pensei que ia levar uma surra, aí minha mãe disse [*para a irmã*] ‘você perdeu a razão, você não tem autoridade, não tem direito de bater nela, aqui só quem pode castigar sou eu ou seu pai e está encerrado o assunto’. (SAMPAIO, Ceres Laerte Cotrim. Entrevista I. [abr. 2016]. Salvador, 2016. 1 arquivo .mp3 [2h.30min.45seg. ]).

Nota-se que, na narrativa construída por dona **Ceres**, há uma preocupação em relatar cada detalhe. Nada passa despercebido, as situações vividas são relembradas através da descrição das imagens que ficaram preservadas em sua memória... a mãe dobrando a esquina segurando os pães para o café ou o local onde ela estava brincando antes de ter os seus brinquedos varridos pela irmã.

A sensação que tive ouvindo esse fato foi que a lembrança dessas imagens ficou mais fixada na memória de dona **Ceres** que o diálogo travado por ela e sua irmã durante a discussão.

De acordo com Bergson (1999), as imagens geram movimento através da ação e da contração. As imagens exteriores transmitem o movimento ao corpo sobre a forma de afecção, ou seja, o corpo é afetado por um movimento a partir das mais diversas imagens exteriores. Por exemplo, a imagem da irmã de dona **Ceres** varrendo os seus brinquedos gerou na nossa contadora a ação de sair correndo e fazer xixi na sala.

Obviamente a mesma imagem poderá gerar os mais variados movimentos dependendo de infinitos fatores psicológicos e sociais.

Nas palavras de Bergson,

O corpo é, no conjunto do mundo material, uma imagem que atua como as outras imagens, recebendo e devolvendo movimento, com a única diferença, talvez, de que meu corpo parece escolher, em uma certa medida, a maneira de devolver o que recebe. (BERGSON, 1999, p.14)

A diferença em “escolher... a maneira” possibilita que o nosso corpo venha a ser um centro de irradiação de movimento fundado na liberdade. Logicamente a ação escolhida pelo meu corpo é limitada, e, num certo sentido, determinada pela maneira em que foi afetada.

A imagem do passado se atualiza, ou se fixa, quando é escolhida para servir ao presente, ou seja, quando se forma a percepção do presente mediante o fato ocorrido no passado. O esquema mental que possibilita a evocação das imagens é, segundo o teórico:

[...] em estado aberto, o que a imagem é em estado fechado. Apresenta em termos de *devir*, dinamicamente, o que as imagens nos dão como já feito, em estado estático. Presente e atuante no trabalho de evocação das imagens, ele [*esquema mental*] se dissipa e desaparece por trás das imagens depois que estas foram evocadas, tendo cumprido o seu papel. A imagem de contorno fixo desenha o que foi (BERGSON, 1999, p.146).

A citação de Bergson possibilita entendermos, de maneira sintética, o processo da atualização da lembrança em imagens, e que poderíamos dizer se tratar de um reencontro com o passado.

No esforço de lembrar as suas memórias de infância, dona **Maria Martha Muniz**, ou simplesmente **Martha Muniz** (como prefere ser chamada), tem em sua contação de memórias a característica de conseguir contar gerando imagens no ouvinte.

Isso ocorre por se tratar, também, de uma contação recheada de detalhes, chegando a narrar até mesmo palavras ditas pelo seu pai quando a mesma ainda era uma criança.

Ah meu pai era ignorante mesmo... meu pai não gostava desse “negoço” de namoro, esse “negoço” de casar, sair com colegas, ele não gostava e eu fiz tudo que ele não gostava! Quando comecei a namorar botei na porta essa menina não sei o que por que minha irmã com quinze anos já tinha filhos, ela engravidou e ele chorou... depois pegou uma arma foi atrás do cara... eu que fui mostrar pra ele onde que tava o rapaz... eu era pequena... minha irmã casou cedo justamente pra fugir das ordens de meu pai, mas nem adiantou... ela casou e terminou morando lá em casa junto com o marido, (...) minha irmã não falava nada, era mais fechada... eu não, meu pai comprava um pano e se eu não gostasse eu não ia vestir, comprava sapato com pé maior... ele comprava um número maior e botava um estopa dentro para quando o pé fosse crescendo... aí eu dizia “eu que não quero esse sapato de homi” e ele respondia “queta com isso, essa menina, eu lá vou comprar sapato de homi pra você? Me arespeite” e eu respondia “parece sapato de homem sim”. E veja você... quando fui pela primeira vez a Espanha comprei um sapato igual, oh pra aí eu chorava tanto e agora tô comprando um sapato igual a que meu pai comprava! (...) Não esqueço meu pai dizer: “ Como é que pode? Uma irmã tão diferente da outra? Essa sinhá Maria é muito peituda...ô nega peituda é essa menina” e por que? Porque eu dizia a ele “eu vou pra batucada” e eu ia! (MUNIZ, Maria Martha. Entrevista I. [out. 2016]. Salvador, 2016. 1 arquivo .mp3 [40min. e 03 segs.]).

**Martha Muniz** é uma tecelã que trabalha no Pelourinho, centro histórico de Salvador. Conhece cada viela, cada pessoa que passa pela sua porta e se gaba por chamar todos pelo nome. Sua simplicidade me conquistou no primeiro instante que a vi, no apertar das mãos na apresentação e no abraço caloroso na despedida.

Foi através da minha orientadora Meran Vargens que vim a conhecer essa *velha* senhora. Ela assistiu uma peça dirigida por Meran, “O Castelo da Torre<sup>4</sup>”, e o pouco

---

4 Sétimo espetáculo do grupo VilaVox (Salvador-Ba), sendo o segundo itinerante do grupo. O público é recebido por um personagem que representa o caseiro do castelo, que conduz as pessoas aos espaços internos. A alusão ao castelo acontece em uma casa situada no bairro do Pelourinho no centro histórico da capital baiana. Neste espetáculo, vencedor do Prêmio Braskem de Teatro – Melhor Direção no ano de 2015, o público conhece uma parte da história do Brasil pouco explorada – o poderio dos Garcia D'Ávila em mais de 300 anos, com a consequente dizimação de tribos indígenas e torturas de escravos, com requinte de crueldade – vêm à tona para provocar reflexão. Neste contexto, paredes, portas, janelas, escadas e cômodos são testemunhos de vozes que falam de atrocidades que foram cometidas no Castelo Garcia D'Ávila — atualmente em ruínas, em Mata de São João, a 60 quilômetros de Salvador, Ba.

diálogo entre elas foi suficiente para fazer com que Meran visse naquela mulher uma interessante personagem a ser visitada e ouvida!

Pois bem, o encontro aconteceu em uma dessas tardes de sol a pino às voltas com a típica rotina do Pelourinho: vendedores tentando conquistar a sua freguesia no grito, mulheres trançando cabelos nas portas das casas, *velhos* jogando dominó na praça, crianças correndo atrás de um pobre cão vira-lata, turistas registrando suas viagens em máquinas fotográficas... e eu a procura dessa mulher de nome **Martha**.

Eu sabia que estava por perto, só precisava perguntar a um e a outro sobre ela que, por conta da sua popularidade no bairro, todos iriam me direcionar até o seu estabelecimento. Andei um pouco mais e logo avistei uma placa de madeira com o nome da tecelã escrito. Olhei para dentro do imóvel e vi obras de arte feitas de lã, lindos tapetes, tapeçarias de cores vibrantes, algumas esculturas de madeira... o local era pequeno e rústico.



Outubro 2016, dona Martha Muniz em seu ateliê situado no bairro do Pelourinho, Salvador – Ba.

Fiquei por alguns minutos batendo palmas aguardando a chegada de dona **Martha**, porém nada dela aparecer. Fiquei apreensivo, repeti o gesto de bater palmas e dessa vez ouvi ao longe uma voz fina e vigorosa dizendo: “*Estou indo... um momento*”.

Aguardei por mais alguns instantes até que uma mulher miúda, de fala rápida, olhar penetrante e um tanto desconfiada,

surgiu na sala. Tratei logo de me apresentar e explicar minha pesquisa. Após esclarecer o meu interesse sobre as suas memórias, dona **Martha Muniz** relaxou e abriu um sorriso de boas-vindas.

Escutei as primeiras palavras daquela mulher sem deixar de reparar na presença constante dos movimentos das mãos que resultava em um fortalecimento do seu

discurso. Cada palavra era pontuada por um gesto de mãos, um levantar de dedos. Conversávamos na porta da sua loja até que ela me convidou para entrar, conhecer o seu trabalho e ouvir mais de suas memórias.

Já nos primeiros minutos de papo dona **Martha** repetiu várias vezes que conhecia todos os moradores do Pelourinho. Nisto, apontava para os meninos que passavam pela sua porta nomeando-os. Ela, assim, comprovava que realmente conhecia aquelas pessoas.

Percebi que dona **Martha** havia ficado envaidecida por saber que suas memórias de vida me auxiliariam na pesquisa, chegando a dizer que se eu desejava mesmo conhecer as histórias daquele lugar eu estava falando com a pessoa certa. Ela me contou em tom de segredo que dias atrás uma repórter passou por lá querendo conhecer o Pelourinho através do seu olhar e que com isso ela estava se sentindo famosa.

A foto de dona **Martha** em seu atelier foi tirada logo após a nossa conversa, em outubro de 2016. “... *mas eu estou toda desarrumada, vê se ajeita depois essa foto e me deixe bem bonita, viu?!*”, foi o que ouvi quando pedi para tirar a foto dela perto de um de seus teares.

A princípio este encontro seria o primeiro de mais dois outros, porém tornou-se o único já que logo em seguida perdi o contato com dona **Martha**, seu telefone não atendia e sua loja estava fechada. Um dos vizinhos me informou que a *velha contadora* precisou se ausentar para cuidar de um parente que havia adoecido. Apenas em março de 2017 voltei a ter contato com a tecelã para colocar o papo em dia. Por desejo dela os relatos aqui postos só se referem àqueles mencionados por ela no encontro ocorrido em outubro de 2016.

Segue-se o seguinte trecho:

(...) a minha infância foi uma infância muito boa, eu nasci em 19 de janeiro de 1947, então foi uma época assim... eu tive uma infância normal, brincava... nós brincávamos de roda, podíamos ficar na porta, brincávamos de ping-pong e de baleou, de bambolê... mas o meu pai não gostava de que eu usasse aquele... uma amiga nossa tinha um bambolê, ele dizia que menina não se anda assim se mexendo com bambolê [*diz como que reproduzisse o seu pai falando*], (...) e a gente continuava mexendo pra continuar na cintura e fazia aquela [*faz o gestual de como quem estivesse usando um bambolê*]. Eu sempre fui rueira, desde criança, eu apanhei muito, apanhei muito porque eu gostava de rua e lá as meninas ficavam brincando e eu tinha que varrer primeiro a casa pra depois sair pra brincar de capitão, costurar aquelas roupinhas de boneca e minha mãe... quando eu nasci, minha mãe tinha 47 anos, quando eu nasci, né? (...) E aí todo mundo achava que a minha mãe era a minha avó e eu não gostava que ela fosse na escola, eu só queria que a minha irmã fosse (...) Aí resultado, lá na rua tinha

uma senhora que matriculou as meninas, foram na Escola Parque se matricular. Eu tinha nove anos e eu fui junto com elas, cheguei lá e me matriculei sem os meus pais saberem, na Escola Parque que pra mim hoje... hoje não, alguns anos atrás foi... [*nesse instante da contação um transeunte pede informação, Marta Muniz lhe dá atenção*] ... Aí com nove anos eu fui nessa escola. [*pergunto se antes dos nove anos ela ia pra escola*] ... Naquela época a alfabetização era mais tarde, eu acho que... quem me alfabetizou foi minha irmã. Eu estudava em uma escola que saía de manhã e voltava à tarde, era uma escola de freiras na Soledade, eu estudava num colégio... Escola Parque Número Um, mas como eu vinha com aquelas meninas o meu pai disse que eu não tinha... [*começa a rir*] eu nunca gostei muito de estudar, eu gostava mais de prendas, de fazer coisa de casa, eu sempre fui assim desde muito pequena, e aí eu me matriculei na Escola Parque sem eles saberem, aí quando mãe, quando disseram à mãe que me viam em um lugar que se chama Avenida Peixe, lá na Liberdade... eu nasci na Liberdade onde hoje em dia é a feirinha do Japão, eu nasci ali. Aí mãe foi, aí a diretora da Escola Parque foi lá em casa pra conversar com os meus pais, pra falar a respeito da escola... que a escola ia ter um “curso de aprendizado” pra jovem, que não era só para as pessoas de... sabe? Que existia essa pobreza, sempre existiu uma diferença social muito grande e o meu pai, só depois que eu vim saber, observar que a maioria das minhas colegas... poucas tinham pai, era só mãe, né? E meu pai trabalhava nas docas e ele nunca facilitou muito as coisas pra gente, ele dificultava porque ele dizia que amanhã... que se tivesse qualquer dificuldade a gente sabia como sair dessa. [*pergunto quantos irmãos e irmãs ela tinha*] Tinha um irmão meu, mas morreu, eu tinha três anos quando ele morreu, Valter. E tinha minha irmã que é Valdívia, que ela adorava estudar, né? Com dezesseis anos ela já estava na faculdade e eu nunca fui estudiosa... eu me formei na raça mesmo. Antigamente tinha a escola particular, era que pagou, passou, né? [*risos*] depois que inverteu as coisas... e eu aí estudei em um colégio que se chama Aloysio Melhor que foi fundado pelo professor Válcio Lopes, e aprendi na Escola Parque o corte e costura e depois aprendi a tecelagem e aí a tecelagem eu me apaixonei porque eu me identifiquei muito com a professora Guilhermina (...) Aí eu tirei o primeiro grau, aí quando eu fui me formar o meu pai morreu, ele não me viu, né? (MUNIZ, Maria Martha. Entrevista I. [out. 2016]. Salvador, 2016. 1 arquivo .mp3 [3h. 9min. e 11 segs.]).

As lembranças de **Martha Muniz** sobre sua infância são contadas mediante o seu olhar de hoje, sem deixar de lado todas as experiências vivenciadas até aquele momento. O seu passado está ali, deitado no presente.

(...) na verdade o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. Inteiro, sem dúvida, ele nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisemos desde nossa primeira infância está aí, debruçado sobre o presente que a ele irá se juntar, forçando a porta da consciência que gostaria de deixá-lo de fora. (BERGSON, 2006, p.47)

Assim sendo, muito do que somos hoje devemos ao que fomos ontem, na nossa formação ocorrida na infância. O principal interesse de Bergson é o de entender as relações entre a conservação do passado com a sua articulação com o presente, a confluência entre a memória e a percepção.

Seguindo nas histórias de **Martha Muniz**, chegamos ao trecho onde ela analisa, através de suas memórias de infância, as mudanças ocorridas na educação nos últimos anos.

Eu consegui me formar em professora, depois eu fiz o curso da Escola de Belas Artes, nos anos 78 eu vim trabalhar aqui dentro do Maciel, que é aqui no Pelourinho... que era... eu não conhecia, era um submundo [pausa] e ensinei esses meninos com tanto amor e que hoje, às vezes, eu fico triste quando eu vejo como é que a nossa educação está. A diferença social continua... tá certo que o número de pessoas aumentou muito, né? Mas, eu fico assim observando que as crianças hoje “é” diferentes da minha época. Tinha coisas que era ruim, naquela época, mas eu acho que “tinha” outras que era bem melhor que hoje... [pergunto se ela conseguia ver essas diferenças] muito grande, sabe? Em termos... assim... de amor, de respeito ao mais velho, sabe? Teve muitas coisas que avançou, teve uma melhora em determinados aspectos e piora pra outros porque antigamente, na minha época, ave maria se um vizinho chegasse e fizesse uma queixa! a gente apanhava, tomava bolo...Tinha que dar bença, sabe? Ou tinha que chamar de o senhor, a senhora... mas eu tive uma infância muito boa! (MUNIZ, Maria Martha. Entrevista I. [out. 2016]. Salvador, 2016. 1 arquivo .mp3 [40 min. e 03 segs.]).

No tópico “Lembranças e Movimentos”, capítulo II de *Matéria e Memória*, Bergson elabora um conjunto de semicírculos em contraposição que representam, simetricamente, os níveis de expansão e profundidade espacial e temporal onde se situam os objetos evocados.

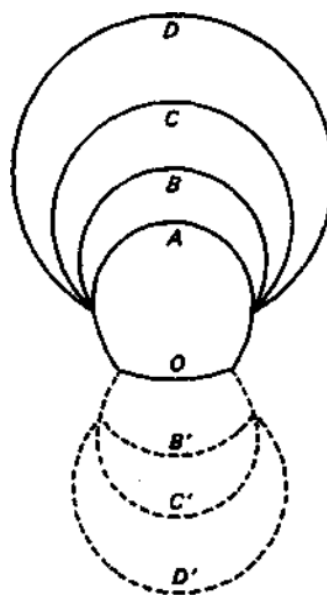


Figura 2  
Fonte: BERGSON, 1999, p.118



É da seguinte maneira que Bergson explica o conjunto de semicírculos e suas divisões.

O mais estreito A, é o mais próximo da percepção imediata. Ele só contém o objeto O com a imagem consecutiva que vem cobri-lo. Atrás dele, os círculos B,C, D, cada vez mais largos, respondem a esforços nascentes de expansão intelectual. É o todo da memória que entra, em cada um desses círculos, já que a memória está presente sempre: mas essa memória, que a sua elasticidade permite dilatar indefinidamente, reflete sobre o objeto um número crescente de coisas sugeridas, ora detalhes do próprio objeto, ora detalhes concomitantes que possam contribuir para esclarecê-lo. Assim, depois de ter reconstruído o objeto apercebido, à maneira de um todo independente, nós reconstruiremos com ele as condições cada vez mais longínquas com as quais ele forma um sistema. Chamemos B', C', D' essas causas de profundidade crescente, situadas atrás do objeto, e virtualmente dadas pelo próprio objeto. Vê-se que o progresso da atenção tem por efeito criar de novo não somente o objeto apercebido, mas os sistemas, cada vez mais vastos, aos quais ele pode vincular-se; de sorte que à medida que os círculos B, C, D representam uma expansão mais alta da memória, a sua reflexão atinge em B', C', D' camadas profundas da realidade. (BERGSON, 2006, p.120).

A citação acima procura descrever os detalhes do incrível dinamismo interno que acomete a nossa memória como um esquema que parte de uma imagem qualquer e, por associação ou continuidade, aciona outras imagens e assim sucessivamente, formando com aquela primeira imagem um sistema. A recordação seria, dessa forma, uma organização móvel cuja base não possui um aspecto padrão, ora sendo de um período da infância, ora de um período mais próximo da idade atual; vem daí a diversidade dos “sistemas” que a memória pode produzir, em cada um dos indivíduos, sobre um mesmo fato.

O esquema bergsoniano também nos mostra a correspondência entre os vários círculos da memória com os aspectos simultâneos que um objeto pode representar ao espírito. Seguindo essa linha de raciocínio, a cada situação evocada por um indivíduo haveria, exclusivamente, um círculo. Interessante notar que quanto mais individual e menos sociável for a lembrança, mais distante será a sua atualização pela consciência. Fatos e relações estarão incorporados no inconsciente, como é o caso das imagens do sonho.

Na tábua dos valores de Bergson, a memória pura, aquela que opera no sonho e na poesia, está situada no reino privilegiado do espírito livre, ao passo que a memória transformada em hábito, assim como a percepção “pura”, só voltando para ação iminente, funcionam como limites redutores da vida psicológica. (BOSI, 2002, p.51)

Um exemplo desse dinamismo presente na memória, onde uma imagem qualquer gera diversas outras imagens e com elas as mais variadas histórias, vem da narrativa das memórias do sr. **Nilton**.

Em sua contação foi marcante a presença de uma pessoa em especial; através dela, ele relembrou algumas histórias, inclusive as que foram contadas para ele e que tratou de passar adiante. Dona Otília é o seu nome.

Abaixo reproduzo três fragmentos de falas do sr. Nilton, no instante em que, ao lembrar-se de dona Otília, acaba evocando várias passagens de sua vida.

(...) meu pai sempre foi muito danado, e não admitia a autoridade do pai naquela época... quando a gente vê essas novelas hoje em dia, aquilo existia mesmo, era falar... o pai você não retrucava, não tinha nada que você fizesse, o pai deu a ordem, acabou! A ordem estava dada, e meu pai se rebelava muito contra isso, e principalmente porque ele pegou ainda jovem a madrasta... e a madrasta fazia a diferença entre os filhos dela e os filhos do primeiro casamento, ... e como ele era danado e conta, essas coisas vão passando na família de que ela fez uma gemada, um negócio e não fez pra ele, ele saiu quebrando os ovos todos que tinham na casa e aí o velho Flávio [avô de seu Nilton] não tinha conversa, o que a gente sabe mais ou menos é isso... e ele veio pra Salvador [*sua esposa dona Ceres interrompe e complementa dizendo: Com dezoito anos ele resolveu vir embora...*] e meu avô disse que não ajudaria ele em nada, tanto que ele chegou aqui, com a roupa do corpo, com algum dinheirinho junto e ele foi pra ficar em uma pensão de Vovó Otília, olha eu já estou chamando ela de vó... que passou a ser uma pessoa importantíssima [*pergunta se ele sabe o bairro onde ela morava, ele responde*] Pelourinho. Pelourinho naquela época era ali, onde hoje, se não me engano, é até uma repartição municipal, número 32 [*vibra*] olha a memória vindo... a pensão de minha avó... Vovó Otília, ele ficou lá e de lá ele começou a trabalhar servindo, eu não sei como é o nome não... não era lojista, não... era um empregado da loja. Ele tinha um espírito empreendedor muito grande. (SAMPAIO, Nilton de Oliveira. Entrevista I. [abr. 2016]. Salvador, 2016. 1 arquivo .mp3 [2h.30min.45seg.]).

Vovó Otília manteve ele [*seu pai*], disse até que teve uns meses que ele não tinha o dinheiro da pensão e ela deixava, e ela vem entrar depois quando eu vim a crescer porque eu fiquei... passei o resto quase todo da minha infância nessa casa... era no Pelourinho... Ela arrumou colchão pra ele [*seu pai*] que não tinha dinheiro nem pra comprar um colchão, dormia em cima de jornais. (SAMPAIO, Nilton de Oliveira. Entrevista I. [abr. 2016]. Salvador, 2016. 1 arquivo .mp3 [2h.30min.45seg.]).

(...) agora, me lembro, se você quiser... de carnaval com lança perfume, já pequenininho, vovó Otília, era ela que me arrumava e íamos pro carnaval, levava a gente de mão dada para o carnaval. Ela chegou a levar eu, Teca e Luís [*irmãos de seu Nilton*]. [*pergunta onde*

*era o carnaval nesse período]* O carnaval era mais ali [*dona Ceres acaba respondendo por ele: Ladeira de São Bento]* Ladeira de São Bento, [*dona Ceres, de novo, relembra mais um local: Barroquinha]* Praça da Sé ... a festa forte mesmo era nos clubes... nas ruas tinham desfiles e dona Rita e as senhoras botavam cadeiras pra assistir aos desfiles. (SAMPAIO, Nilton de Oliveira. Entrevista I. [abr. 2016]. Salvador, 2016. 1 arquivo .mp3 [01h.21min.45seg.]).

A grande lembrança da minha infância foi a vivência dentro da pensão de vovó Otília... foi muito interessante, foi um aprendizado...vinha gente de toda a parte da Bahia, né? E cada um tinha uma história e eu ficava com esses caras conversando, sentado... era bom ouvir essas coisas todas. Tudo isso foi me marcando... (SAMPAIO, Nilton de Oliveira. Entrevista I. [abr. 2016]. Salvador, 2016. 1 arquivo .mp3 [2h.30min.45seg.]).

Convém, agora, acentuar a singularidade presente na obra de Bergson e que, ao mesmo tempo, o distingue das abordagens psicossociais vindas a posteriori. O tema da memória, no livro *Matéria e Memória*, consiste em provar a sua espontaneidade e a liberdade em oposição aos esquemas mecanicistas que a alojava em algum canto escuro do nosso cérebro. O estudioso quer mostrar que o passado se conserva inteiro e independente no espírito e que o seu modo próprio da existência é um modo, por assim dizer, inconsciente.

Segundo seus escritos, a lembrança, antes de ser atualizada pela consciência, “vive” em estado latente e potencial. A esse estado dá-se o nome de inconsciente. O autor segue dizendo que o mal da psicologia clássica, racionalista, é o desconhecer a existência de tudo o que está fora da consciência presente, imediata e ativa. Negar a existência desses estados inconscientes significa, para Bergson, o mesmo que negar a existência de objetos e de pessoas que se encontram fora do nosso campo de visão ou de nosso alcance físico.

Neste trabalho, assim como foi para Ecléa Bosi em *Memória e Sociedade – Lembrança dos Velhos*, é desinteressante se prolongar na busca por uma compreensão das consequências metafísicas dos conceitos de consciência e inconsciência. O importante é reter o princípio central da memória como conservação do passado; este sobrevive, quer chamado pelo presente sob as formas de lembrança, quer em si mesmo, em estado inconsciente.

## 1.2. Maurice Halbwachs: O Passado Reconstruído na Memória

*Olha como as coisas vêm à nossa mente...*

*Nilton de Oliveira*

Diante de uma pesquisa que investiga, além da tradição dos contadores de histórias, a contação das memórias de seis *velhos* e minhas próprias memórias, torna-se enriquecedor inserirmos o olhar do sociólogo Maurice Halbwachs sobre o tema. O teórico, na linha de Durkheim<sup>5</sup>, abriu caminho para o estudo da vida cotidiana, demonstrando ser impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se o distanciarmos da aplicação dos quadros sociais reais que servem como pontos de referência nesta reconstrução que chamamos memória.

Halbwachs se aproxima do estudo de Durkheim ao estudar a memória visando os seus “quadros sociais”. Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas não serão restritas ao indivíduo (relação entre corpo e espírito, por exemplo), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo irá depender do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com as instituições religiosas, com a profissão... enfim, com os grupos de convívio que, de alguma maneira, determinam o seu comportamento.

Nas palavras do professor da faculdade das Letras e Ciências Humanas d’Orleans-Tour, Jean Duvignaud, o sociólogo francês Maurice Halbwachs dá sentido ao depoimento de um indivíduo se o mesmo estiver em relação a um grupo do qual faz parte, pois

supõe um acontecimento real outrora vivido em comum e, por isso, depende do quadro de referência no qual evoluem presentemente o grupo e o indivíduo que o atestam. Isto quer dizer que o “eu” e a sua

---

<sup>5</sup> Émile Durkheim, sociólogo francês, considerado um dos autores fundadores da sociologia moderna. Caberia a sociologia, segundo Durkheim, a apreensão e o estudo sistemático das realizações sociais dos indivíduos. Para tanto o sociólogo deveria utilizar das mesmas ferramentas utilizadas pelas ciências anteriores: o método científico e a observação empírica. Essa era uma das principais preocupações de Durkheim: estabelecer as fundações e as formas de estudo da sociologia. Outras questões propostas pelo autor eram acerca da individualização do sujeito social e o estudo dos fenômenos que compunham a formação de uma nova ordem social. No entanto, Durkheim acreditava que a principal função da sociologia era o estudo dos fatos sociais. A sociologia deveria se abster de estudar as individualidades e se debruçar sobre estudos generalistas acerca dos fatos sociais.

duração situam-se no ponto de encontro de duas séries diferentes e por vezes divergentes: aquela que se atém aos aspectos vivos e materiais da lembrança, aquela que reconstrói aquilo que não é mais se não do passado. (DUVIGNAUD, Jean. Prefacio Matéria e Memória – Maurice Halbwachs, 1990, p.6).

Seguindo o fluxo desse pensamento, a nossa memória individual estaria enraizada dentro de quadros sociais diversos criando um entrelaçamento que pode emergir na lembrança.

Halbwachs ajuda a situar a aventura pessoal da memória e da sucessão de eventos individuais, na qual resultam mudanças que se produzem nas nossas relações com os grupos a que pertencemos.

A primeira testemunha a que podemos sempre apelar, é a nós mesmos (...). Assim quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstruir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas. Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais. (...). Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente em nossas lembranças, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior. (HALBWACHS, 1990, p.16)

A afirmação acima se aproxima muito do pensamento de Bergson, as percepções atuais formam a memória do que se passou, e vão além ao evocar a lembrança do outro sobre a nossa vivencia fortalecendo a exatidão do fato narrado. Assim, as lembranças se tornam coletivas e elas são lembradas pelos outros mesmo que sejam acontecimentos em que só nós estivemos envolvidos.

Para Halbwachs, nunca estamos sós. A memória das situações e das pessoas nelas envolvidas nos fazem companhia ainda que estejamos solitários em um quarto. São essas pessoas que nos ajudam a lembrar.

Para melhor recordar eu me volto a eles, adoto momentaneamente o seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso e encontro em mim muito das ideias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com eles. (HALBWACHS, 1990, p.17).

Chama atenção a relação que ocorre, de maneira orgânica, nessa troca de impressões e percepções entre os indivíduos e suas lembranças e uma palavra se destaca: impulso. A troca que, ao gerar impulso, transforma. Aqui, diante dessa palavra

que me é cara e que tanto me faz refletir no labor teatral, faço questão de citar o mestre Stanislavski.

Segundo Stanislavski (1999), o que acontece no palco tem que ter um propósito determinado. A cena exige que se tenha algo em ação. “A ação, o movimento, é a base da arte que o ator persegue”. As ações podem ser internas ou externas e implicam em um objetivo. “Quando uma ação carece de fundamento interior, ela é incapaz de nos prender a atenção”. É preciso existir uma justificativa interior, que seja lógica (ainda que seja uma lógica própria, dentro dos mais variados contextos), coerente com as circunstâncias da cena e real. Quando um ato leva ao outro e assim sucessivamente, cria-se um impulso natural ao longo da cena, assim como acontece em nossas vidas. “Toda *ação* encontra uma *reação* que, por sua vez, intensifica a primeira. Em toda peça, ao lado da ação principal, encontramos, opondo-se a ela, a sua contra-ação. Isto é bom, pois o resultado inevitável é mais ação”. (STANISLAVSKI, 1999, p.56).

Do mesmo modo que Stanislavski afirma que a ação interior, ao dar o suporte necessário para a ação exterior, acaba gerando naturalmente sobre o outro uma reação, sendo esse impulso um mecanismo para a captação do olhar do espectador sobre aquilo que acontece no palco, Halbwachs nos diz que a memória que existe em nós ao entrar em contato com o olhar do outro, sobre o mesmo fato, gera um impulso que adiciona a essa memória novos dados, ideias e modo de pensar. Neste sentido, ação e reação, além de gerar novas memórias, abaliza aquelas já existentes.

Nota-se, até aqui, que as relações entre indivíduos e, principalmente, a ênfase dada às várias instituições formadoras do sujeito, fazem Halbwachs relativizar o princípio, tão caro a Bergson, em que afirma ser o passado aquilo que se conserva no presente através da memória. O que o sociólogo francês realça é a iniciativa que o curso atual da vida do sujeito toma ao desencadear a memória. Bosi trata dessa questão e completa dizendo: “Se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar: ‘O maior número de nossas lembranças nos vêm quando nossos pais, nossos amigos, outros homens, no-las provocam’” (BOSI, 2002, p.54-55)

Lembrar aqui deixa de estar relacionado com o ato de reviver, reencontrar um passado, mas de refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências vividas.

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na

infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se, e com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 2002, p.55).

Halbwachs entrelaça a memória da pessoa a do seu grupo, e está a uma esfera maior que é a da tradição, ou a memória coletiva de cada sociedade. A presença da tradição oral é fundamental na construção dessa memória coletiva e a oralidade é um dos instrumentos para a sua propagação através das gerações. Um exemplo dessa transmissão oral ocorre fortemente na África Ocidental, através da hereditariedade, onde o *griot* mantém a tradição oral da comunidade à qual pertence.

Halbwachs relaciona as imagens oníricas, ou dos sonhos, com as reminiscências da primeira infância: umas e outras surgem, sem explicação, à superfície da consciência sem se relacionar com o presente; umas e outras parecem ter-se mantido intactas no fundo da alma. Essa aparente indeterminação deve-se precisamente à fraqueza ou à quase ausência de vida consciente que acompanha o sonho e que caracteriza os estados mentais dos primeiros anos de vida.

Durante o processo de *acolhimento* das memórias dos *velhos contadores*, naturalmente, utilizamos a linguagem oral como recurso decisivo para a socialização dessas memórias. Traçando, desde já, o paralelo entre o *velho contador* que é o narrador de suas histórias de vida com o contador de histórias, Roberto Carlos Ramos, contador de história por formação acadêmica, entra em sintonia com essa afirmação quando diz:

Eu falo sobre a força da palavra mesmo. Nós somos aquilo que falamos e nos tornamos aquilo que falamos (...) aquilo que a gente fala volta de uma maneira assim impressionante (...) imagina que tem um elástico preso em sua língua e a palavra é uma pedra que você atira, então eu mando (...) levantem bem a boca pra cima e falem: flores. Imagina que o elástico vai esticando com força na outra ponta. O que vai acontecer quando o elástico chegar ao ponto máximo da tensão dele? Ele vai voltar. Ou seja, vai cair um tanto de flores na sua cabeça. Agora falem bosta (...) você imagina o que vai acontecer (...) Então, a palavra tem essa capacidade de construir e destruir. E a verdade é que nós acreditamos naquilo que queremos também. (RAMOS, apud MATOS, 2014, p.30).

Dando os devidos descontos das diferenças entre o contexto histórico-social dos indivíduos e suas memórias de vida e a linguagem dos contadores de histórias e suas metáforas, um ponto de intersecção pode ser encontrado em seus discursos: crença para

uns, constatação para outros, a palavra, quando carregada de intenção, é investida da força e do poder para criar, transformar, construir e destruir.

Partindo do conceito formulado por Halbwachs em que a memória individual não está isolada e fechada, que o indivíduo, para evocar o seu próprio passado, necessita se voltar para as memórias dos outros se reportando a pontos de referência que existem fora dele, e fixados pela comunidade, o seu funcionamento só é possível através dos instrumentos da palavra e das ideias.

Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela é limitada muito estreitamente no espaço e no tempo. A memória coletiva o é também: mas esses limites não são os mesmos. Eles podem ser mais restritos, bem mais remotos também. Durante o curso de minha vida, o grupo nacional de que eu fazia parte foi o teatro de um certo número de acontecimentos, dos quais digo que me lembro, mas que não conheci a não ser pelos jornais ou pelos depoimentos daqueles que deles participaram diretamente. Eles ocupam um lugar na memória da nação. Porém eu mesmo não os assisti. Quando eu os evoco, sou obrigado a confiar inteiramente na memória dos outros, que não vem aqui completar ou fortalecer a minha, mas que é a única fonte daquilo que eu quero repetir. (HALBWACHS, 1990, p.35-6).

Quando da contação das memórias coletadas para essa pesquisa, era perceptível, observando as escolhas das palavras, a postura dos corpos, os olhares, respiração e o tom de voz, que, com o transcorrer das contações, os *velhos* compartilhavam suas lembranças mais íntimas transformando uma narrativa, que antes era formal e de poucos detalhes, em uma mais solta, despreziosa, sem a preocupação de falar corretamente, atropelando fatos, esquecendo outros. Nesse estágio as memórias fluíam de maneira orgânica e a palavra estava para além da comunicação, cada palavra dita era um sentimento exposto.

Um bom exemplo dessa exposição, entrega e fluidez ocorreu quando da minha visita ao Abrigo Dom Pedro II, situada no bairro de Boa Viagem na cidade de Salvador, Bahia.

De certa maneira já era esperado que as pessoas que viessem a contar as memórias iriam gostar de partilhar suas vivências. Muitos dos moradores são deixados nesses locais sem o devido acompanhamento de seus familiares, restando a eles a companhia dos funcionários e de outros moradores. Receber uma visita é motivo de festa!



Antes de encontrar a responsável pelo setor social do asilo, que me indicaria alguns idosos para conversar, resolvi caminhar um pouco por aquele espaço para observar os seus moradores. Primeiro notei que alguns *velhos* preferiam ficar sozinhos, uns sentados e cabisbaixos, outros com olhares perdidos, pensamento longe... talvez envolvidos em suas memórias eles “fugissem” do presente para se fixarem em suas reminiscências do passado. Também notei um grupo animado de senhoras que jogavam conversa fora, riam e falavam alto. Uma, dentre essas, tinha suas unhas pintadas por uma das cuidadoras e dizia que adorava trocar as cores do esmalte, era a sua diversão. Mais risos!

O salão de convivência do abrigo estava sendo preparado por esse grupo de senhoras para o baile de carnaval. Uma, porém, permanecia sentada em uma cadeira, segurava firmemente sua bengala e não tirava os olhos de uma gata que lá estava. Passei por ela e fui conversar com a responsável pelo setor social. Depois de um breve encontro fui direcionado a conversar justamente com aquela que estava solitária em sua cadeira. Tratava-se da mais antiga moradora do abrigo.

De fala quase inaudível, pensamento incompleto e memórias espaçadas, fiz um esforço para ouvir suas memórias. Valeu a pena.

**Dionéia Lima**, ou simplesmente **Dedé** (88 anos), tem uma daquelas histórias inacreditáveis, mas que, conforme ouvimos, é possível compreender muito da construção daquele indivíduo. Ainda que eu tentasse conhecer as histórias da juventude e da fase adulta, dona **Dedé** retomava ou repetia as vivências da sua infância até o ponto em que disse:

Minhas histórias de adulta é muito... [pausa] ...eu desejava trabalhar, fazer algumas coisas, tudo... e não conseguia nada devido ao meu estado de saúde... [pergunto o que foi que havia acontecido] o problema que eu tive, epilepsia, não pude estudar, não pude trabalhar, não pude nada! [pergunto sobre os estudos] Eu estudei... terminei o ginásio, mas eu tinha vontade era de me formar, trabalhar e tudo mas eu não pude! [quis saber o que ela desejava ser] eu queria dirigir... doutor... uma coisa assim... eu mandar no pessoal... eu mandar e não ser mandada, eu queria era isso! (LIMA, Dionéia. Entrevista I. [fev. 2017]. Salvador, 2017. 1 arquivo .mp3 [1h30 min. e 11 segs.]).

A doença impossibilitou dona **Dedé** de viver tudo aquilo que desejava. Com os sonhos da juventude interrompidos restou a essa *velha contadora* se voltar a sua infância e viver em função dessas memórias.

Já foi menina que me apareceu a doença, aí não pude estudar, não pude trabalhar, não pude nada... ficava minha vó me paparicando e

coisa e tudo, e brincando comigo, um monte de brincadeira e eu passando minha vida. O momento mais feliz que eu tive foi quando eu tive o meu avô e a minha avó... Tinha uns tios, primos, tudo... Os primos só prestavam pra 'ciumar' de mim, tinham um ciúme de mim danado... diziam que minha avó (*como que reproduzindo a fala de alguém*) “só parecia que era neta de vovô era Dedé”, aí ficava me arremedando... só quem parecia que era neta do meu avô era eu (*sorri*) ... e eles também eram netos, mas meu avô qualquer coisa tudo já me procurava e eles ficavam putos. (LIMA, Dionéia. Entrevista I. [fev. 2017]. Salvador, 2017. 1 arquivo .mp3 [1h30 min. e 11 segs.]).

Em grande parte da nossa conversa dona Dedé permaneceu com a cabeça baixa. Só mudou sua postura quando começou a se aprofundar nas histórias de infância que envolvia seus avós.



*Fevereiro 2017, no Abrigo D. Pedro II dona Dedé relata algumas das suas histórias de infância.*

Os casos contados por dona **Dedé**, onde, invariavelmente, se voltava a situações vividas em sua infância, reforça a linha de pesquisa de Halbwachs, mencionada no início desse tópico, onde a memória do indivíduo depende do seu relacionamento social e determina o seu comportamento. Neste caso específico, baseando em seu relato, dona **Dedé** teve as mais significativas experiências no período da infância, fazendo questão de guardá-las, abandonando aquelas relacionadas à juventude e à maturidade.

Eu tenho saudade do tempo da minha avó... do meu avô, dos meus tios... meu pai mesmo eu não tenho o que dizer, mas... *(longa pausa)* ele tinha a mulher dele que queria me trazer debaixo dos pés... meu pai tinha várias mulher, meu pai tinha os filho e uma coleção de mulher. Ele tinha oito filho, depois arranhou uma Olga, essa Olga teve mais dez filhos e aí foi tudo criado por ele e por ela lá... *(pausa)* mas eu deixei todo mundo pra lá, prefiro ficar aqui do que... também eles não estão me ligando, liga não me liga, eu não ligo nunca, se liga me ligasse eu ligava a liga... sabe disso? Liga não me liga, eu não ligo, liga... se liga me ligasse eu ligava liga! Meus irmãos por lá, virando e acontecendo não me procura, eu tô aqui não sei há quanto tempo não me procura. (...) Eu queria ter saúde, já morreu minha avó, meus tios já morreram, meus tios por parte de mãe... *[pergunta sobre sua mãe, já que até aquele momento ela não havia falado dela]* minha mãe já morreu... minha mãe era... eu não tinha muito chamego com ela não, tudo era com minha vó *(pausa)**[pergunta sobre seus sonhos]*. Minha esperança já tá no fim *(sorri)* eu tô esperando agora Jeová me chamar, mas Ele não quer! *[sorri e fica em silêncio durante um bom tempo]* Pois é, minha vida é assim! (LIMA, Dionéia. Entrevista I. [fev. 2017]. Salvador, 2017. 1 arquivo .mp3 [1h30 min. e 11 segs.]).

Nas memórias da infância de dona **Dedé** a sua gata, de nome Saída, está sempre presente e atualmente uma outra lhe faz companhia. Durante toda a nossa conversa o animal esteve por perto, tão por perto que apareceu em uma das fotos.



*Fevereiro 2017, Dona Dedé relembra do gato que tinha quando criança no instante em que aparece um no abrigo.*

Na relação construída entre quem conta e quem escuta, fica latente que esses indivíduos, especialmente os de idade mais avançada, que, por inúmeras questões sociais acabam ficando à margem, esquecidos, ao buscar essa palavra (simples, informal, acolhedora e rica em significados), dão sinais de necessitar de um relato não-mediado, em que a presença do outro ao “alcance das mãos”, um outro que

“se dirige a mim, que me olhe, me emocione” (ONG, 1998, p.117), torna-se fundamental.

A enunciação oral é dirigida por um indivíduo real, vivo, a outro indivíduo real, vivo, ou indivíduos reais, vivos, num tempo específico e num cenário real que inclui sempre muito mais que meras palavras. As palavras faladas constituem sempre modificações de uma situação que é mais do que verbal. Elas nunca ocorrem sozinhas, em um contexto simplesmente de palavras. (ONG, 1998, p.117-8)

À medida que tentamos traduzir em palavras as nossas memórias e recuamos no passado, algumas situações e impressões se apagam e outras sobressaem muito por conta da maneira que encaramos hoje as situações vivenciadas lá atrás.

Que o diga o sr. **Rosalino dos Santos!**

Meu encontro com ele foi totalmente por acaso. A coordenadora do Abrigo Dom Pedro II estava comigo andando pela área externa do abrigo em busca de algum(a) morador(a) que pudesse me contar suas memórias. Era por volta das 11h30 da manhã e a maioria já estava se dirigindo ao refeitório para o almoço. Quando resolvemos nos deslocar para lá, demos de cara com um senhor franzino, de óculos de grau e um boné gasto na cabeça. Ele estava sozinho, sentado em um desses bancos de praça. Estava tão distraído nos seus pensamentos que nem notou a nossa presença.

A coordenadora explicou rapidamente sobre a minha pesquisa e ele, prontamente, aceitou compartilhar suas memórias. Sentei ao seu lado e, apesar de ser quase meio-dia, o sol que estava sobre nós não estava quente, a temperatura era agradável. A conversa fluiu de maneira tão aprazível que nos desligamos do horário e seu **Rosalino** quase que perde o almoço. Ficamos por mais de 1 hora conversando ali no banco de praça tendo apenas a companhia de um sol acolhedor.

Morando há poucos meses no abrigo por escolha própria, o sr. **Rosalino** (77 anos) expressou suas histórias de maneira tão clara e consciente que, volta e meia, ao traçar paralelo entre o passado e o presente, ressignificava muito do que vivera com os seus familiares. Destacam-se os climas de tensão e suspense na sua contação de memórias. Nossa personagem possui uma nítida inteligência – que em nada tem a ver com grau de escolaridade, mas ligada a sabedoria conquistada através das experiências vividas – na escolha das palavras, instigando-me a tentar decifrar quem afinal é aquele senhor de corpo franzino, possuidor de um discurso gerador de múltiplas emoções e imagens. Quando me dei por conta estava diante de um bom contador de histórias.

Meu nome é Rosalino dos Santos, nascido em 1940, trinta de agosto... ao contrário, eu faço aniversário em outubro pelos documentos porque naquela época nossos pais eram um pouco atrasados, demoravam de “rezistrar” as crianças e quando colocava no livro, né? E quando resolvia “arezistrar” era com datas erradas, mas eu nasci em agosto, trinta de agosto, porém em meus documentos trinta de outubro. Então eu considero duas datas de nascimento. Nasci no município de Candeias, distrito Passagem dos Teixeiras. *[pergunto sobre a primeira imagem que ele guarda de sua infância]*. Olha a imagem que nunca esqueço, porque muitas vezes eu fico conversando com uma pessoa de minha idade, diz que não lembra de idade de quando tinha três anos, mas eu lembro! Felizmente eu lembro da idade de três anos que quem me batizou foi uma filha de um fazendeiro de nome Lauro de Freitas, ela tinha doze anos de idade e praticamente a menina de doze anos de idade naquela época só brincava de boneca, então eu servia de boneca para essa minha madrinha, né? E o meu padrinho era o pai dessa minha madrinha, era fazendeiro, ele gostava muito de mim... a minha mãe não tinha condições de criar, né? Então passou pra ele pra ele me criar, ele gostava muito de mim e a imagem que eu tenho é o seguinte, que quando eu tava com três anos e não tinha muito entendimento, mas era muito curioso e meu padrinho me colocava em cima da mesa, na hora do almoço, me mandava dobrar as mãos assim, os dedo que hoje não me permite por causa do reumatismo, colocava uma mão na frente e outra pra trás pra pedir bolo de comida aí eu fazia aquilo ali, cada um colocava o bolo de comida e eu comia, eu com três anos de idade, isso eu nunca me sai da memória e a irmã de minha madrinha ia pro fogão pra fazer comida e botava o óleo e eu não sabia, eu não pensava que depois ela colocava a carne, pensava que no óleo que ela botava já virava a carne (*risos*) e eu era curioso, ficava no pé do fogão, ela me dava “cocorote”, ela não gostava muito de mim porque eu ficava enchendo a paciência dela e me dava “cocorote” pra eu sair do pé do fogão... é a imagem que eu tenho de criança e depois meu padrinho tinha uma vaca que deu cria, e essa cria, a cobra mordeu a vaca e ficou o bezerrinho sem mãe, né? Aí meu padrinho trouxe esse garrote, esse bezerrinho pra eu criar, eu com três pros quatro anos, aí eu já tava com quatro anos mais ou menos... e deu pra eu criar, eu falo de colocar na mamadeira, o garrotinho na mamadeira e o garrote foi crescendo, crescendo e crescendo e assim ficou um touro... aí nessas alturas eu já estava com meus cinco anos e aí ficou um touro e soltou no pasto... ele deu muito pra bater e então pra pegar esse touro que batia muito no pessoal, e quando ele entrava na rua todo mundo fechava a porta porque ele era muito bravo... então pra pegar esse touro ninguém conseguia, os vaqueiros não conseguia, aí teve que me botar no cavalo pra que eu fosse, levasse ração pra chamar o touro... eu botei o nome do touro de Bela Vista, aí chamava o touro que ele vinha... ele obedecia ninguém, só obedecia a mim... eu ainda criança, né? Aí cinco anos, aí eu fui levei a ração e quando eu chamei ele aí, pra quê? Pra quando ele viesse eu colocasse o laço nele, né? O laço já tava na mão do vaqueiro, pra quando eu colocar o laço o vaqueiro puxar o laço e depois daquilo eu fiquei muito sentido que levaram ele pra abater, aí eu fiquei muito sentido, né... com isso! É a minha lembrança de criança até os cinco anos. Depois eu fui crescendo, os meus nove anos com muita dificuldade... meu “padinho” morreu e minha madrinha se casou e não teve mais condições de ficar comigo, eu fui ficar com a mãe de minha madrinha... ela me maltratava, aí vim

logo pra Salvador e aí ela me castigava demais, me batia... fui obrigado a fugir... a fugir! Tinha um sargento que morava perto de mim, um sargento da polícia me pegou quando me viu fugindo... cinco horas da madrugada, eu já estava nessas alturas com nove anos de idade, ele: “pra onde é que você vai?” e eu disse que “vou fugindo porque dona Mariquinha me prometeu me dar uma surra de cipó caboclo, ela viajou e quando chegar ela vai me bater”. Aí eu já tava cansado de apanhar dela, aí ele disse: “tem nada não” e botou na casa de um conhecido dele, que por sinal era polícia também, soldado, né? “E fica com esse menino”... Ela botou no alto falante que eu tinha fugido, que não sei o quê, que me procurou e não achou em casa, botou em alto falante e eu ouvindo tudo ali, mas depois alguém me viu na casa dessa pessoa, desse soldado, aí disse “ele tá ali na casa daquele soldado, ali” e aí foi, me pegou e o soldado disse “não toca a mão nesse menino, se você tocar a mão nesse menino, você vai se ver comigo” aí também ela chegou e se chateou e entregou a minha mãe, e me levou na casa de minha mãe....” (DOS SANTOS, Rosalino. Entrevista I. [fev. 2017]. Salvador, 2017. 1 arquivo .mp3 [2h15 min. e 01 segs.]).



*Fevereiro 2017, encontro seu Rosalino sentado neste banco na área externa do abrigo e ali conversamos por horas.*

O que me impressiona no relato destas memórias é a sua naturalidade e despojamento em contá-las. A sensação que tive, ao ouvi-lo, foi a de que tudo aquilo contado pelo seu **Rosalino** permanece vivo em sua memória e, segundo o próprio, é consciente de que suas escolhas interferiram, ativamente, na construção do seu caráter.

O sabor com que contava suas memórias, mesmo as passagens mais tristes, me

conectou fortemente com a imagem de um contador de histórias, onde o talento de narrar lhe vem da experiência, uma tal “atmosfera sagrada que circunda o narrador” (BOSI, 2002, p.91).

A memória, para Halbwachs, destaca-se por possuir um caráter pessoal, familiar, grupal, social e sua interpretação é radical. Não se tratando apenas de um

condicionamento externo de um fenômeno interno, não sendo apenas uma justaposição de “quadros sociais” e “imagens evocadas”. É, portanto, graças ao caráter objetivo e transubjetivo dessas noções gerais que as imagens se fortalecem e se transformam em memória.

Cada um, sendo membro de vários grupos, acaba, naturalmente, participando de vários pensamentos sociais. O seu olhar mergulha em diversos tempos coletivos e dessa colcha de retalho social são formados os fragmentos da memória.

Sociedades religiosas, políticas, econômicas, familiares, grupos de amigos, relações, e mesmo reuniões efêmeras de salão, numa sala de espetáculo, na rua, todos mobilizam o tempo à sua maneira, ou impõem a seus membros a ilusão de que por certa duração, ao menos, num mundo que se transforma incessantemente, algumas zonas adquiriram uma estabilidade e um equilíbrio relativos, e que nada de essencial ali se transformou por um período mais ou menos longo. (HALBWACHS, 1990, p.90)

Halbwachs vê o tempo apenas na medida em que permite conservar e lembrar dos acontecimentos que ali se realizaram. Segundo ele, “é percorrendo, em pensamento, o quadro do tempo que se encontra a imagem do acontecimento passado, porém, para isso, é necessário que o tempo seja capaz de enquadrar as lembranças” (HALBWACHS, 1990, p.15). Mas o que acontece quando o tempo se encarrega de modificar os acontecimentos e, por consequência, as lembranças? O que se verifica é que as lembranças modificadas pelo tempo corroboram para a perda de alguns detalhes e o reforço de outros. Essa escolha se dá de acordo com as nossas experiências de vida. Escolhemos o que iremos lembrar.

Além da interferência do tempo, o espaço também trabalha na construção de nossas memórias. Sobre a relação memória e espaço, Halbwachs, vê a memória coletiva associada ao quadro espacial. As impressões se sucedem uma a outra. Nada se restringe ao espírito e seria impossível recuperar as reminiscências do passado, caso não se conservassem, com efeito, no meio material que nos cerca.

Lugares como a nossa casa, o bairro em que moramos, o sítio em que passamos nossa infância, a igreja ou o terreiro e tantos outros locais que frequentamos um dia, auxiliam na construção de uma memória coletiva. Isso não quer dizer que seja tão simples assim associar um local a um determinado grupo, salvo casos especiais, como a natural associação do bairro do Rio Vermelho em Salvador com a sua colônia de pescadores e a tradicional festa para Iemanjá no dia 2 de fevereiro.

Diremos que não há, com efeito, grupo, nem gênero de atividade coletiva, que não tenha qualquer relação com um lugar, isto é, com uma parte do espaço, porém isto está longe de ser suficiente para explicar que representando-nos a imagem do lugar, sejamos conduzidos a pensar em tal atuação do grupo que a ela estiver associada. (HALBWACHS,1990, p.100)

### 1.3. De Tempo e Memória Somos Feitos

*... agora depois de velho eu queria voltar pra consertar aquilo que deixei no meio do caminho, aquilo que não fiz certo!*

*Rosalino dos Santos*

Ao elaborar a coleta de memórias dos *velhos*, dividi em três tempos a escuta das histórias de vida desses personagens reais. Separando-as em infância, juventude e maturidade a proposta foi de, a partir desses “starts”, o indivíduo ir se sentindo livre para rememorar as histórias que por algum motivo marcaram as suas vidas. Essa divisão auxiliou na tarefa de deixar vir à tona os possíveis marcos que influenciaram a construção psicossocial de cada indivíduo.

Crianças, jovens e adultos, “de algum modo, ainda estão absorvidos nas lutas e contradições de um presente que solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade” (BOSI, 2002). Passado as duas fases, infância e juventude, e vivendo a maturidade, é possível verificar nos *velhos* uma história social formada. Por terem já atravessado um tipo de sociedade com características já familiarizadas, por já reconhecerem as suas estruturas de referências familiares e culturais, a memória atual desses indivíduos pode ser melhor desenhada sobre um pano de fundo mais definido que a memória das pessoas nas fases anteriores de suas vidas.

Cedo ou tarde, há um momento em que o *velho*, em regra geral, modifica sua rotina de vida, passa a ter mais tempo para outros compromissos, se aposenta do trabalho e das responsabilidades familiares, deixa de ser um propulsor da vida presente em seu grupo. Inicia-se uma nova fase de vida, novos interesses surgem para esses indivíduos.



Nas tribos primitivas, os *velhos* são guardiões das tradições, não só porque eles as receberam mais cedo que os outros, mas também porque só eles dispõem do lazer necessário para fixar os seus pormenores ao longo de conversações com outros *velhos*, e para ensiná-los aos jovens a partir da iniciação. Em nossas sociedades também estimamos um *velho* porque, tendo vivido muito tempo, ele tem muita experiência e está carregado de lembranças. Como, então, os homens idosos não se interessariam apaixonadamente por esse passado, tesouro comum de que se constituíram depositários, e não se esforçariam por preencher, em plena consciência, a função que lhes confere o único prestígio que possam pretender daí em diante? (HALBWACHS, 1999, p.142. Grifo meu).

Convém lembrar que a realidade dos *velhos* do século XXI não condiz, no todo, com a afirmação acima. Hoje eles são mais atuantes, e limitar o ato de lembrar como “único prestígio que possam pretender” já não é mais uma realidade. Nossos *velhos* deixaram de viver em função do passado e alimentam expectativas para um futuro próximo. E, quando se voltam para as suas lembranças, o fazem como forma de reverenciar suas histórias e, de acordo com grande parte dos indivíduos ouvidos nesta pesquisa, mesmo tendo vivido fatos especiais lá no passado, eles preferem se fixar no tempo presente até como possibilidade de aproveitar os dias vindouros.

Com base nas muitas conversas com os *velhos*, uma das certezas repetidas por muitos foi: o tempo da infância aparenta ser extenso. Mil descobertas e aventuras, o dia parece ter mais de 24 horas, o quintal de casa aparenta ser maior, a sensação é que as semanas duram meses. E tudo pode ser tão marcante que nem mesmo a ação do tempo consegue atrapalhar.

Mas, e quando a memória falha a ponto de não se lembrar de muitos momentos de sua vida? O que acontece com alguém que é acometido pelo Alzheimer?

Segundo a ABRAz -Associação Brasileira de Alzheimer - a

Doença de Alzheimer é uma enfermidade incurável que se agrava ao longo do tempo, mas pode e deve ser tratada. Quase todas suas vítimas são pessoas idosas. Talvez, por isso, a doença tenha ficado erroneamente conhecida como ‘esclerose’ ou ‘caduquice’. (...) As perdas neuronais não acontecem de maneira homogênea. As áreas comumente mais atingidas são as de células nervosa (neurônios) responsáveis pela memória e pelas funções executivas que envolvem o planejamento e execução de funções complexas. Outras áreas tendem a ser atingidas, posteriormente, ampliando as perdas. (Portal ABRAz. Disponível em: <<http://abraz.org.br/sobre-alzheimer/o-que-e-alzheimer>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2017.)

Conversando com um amigo sobre a pesquisa, fui indagado de como seria coletar as memórias de um velho que passa por essa “ausência de memória”. Será que algo de útil sairia dessa conversa? Como seria coletar memórias de alguém que vive o seu minguante? Não por acaso, a avó desse meu amigo sofre justamente da doença de Alzheimer e, intuindo que em um encontro com essa senhora eu poderia obter respostas para essas questões, fui até ela. Minha única certeza era que o silêncio da memória dessa senhora poderia SIM ser útil para a minha pesquisa.

A senhora em questão se chama **Giselia Cardoso Sales**, 80 anos, dona de casa. Segundo informações, há dois anos começaram a aparecer os primeiros sinais da doença. Ela começou a se “atrapalhar” – termos usados por ela: “estou atrapalhada”, “estou confusa” ou “estou tão abestalhada” – não lembrando onde estava, acordava sem saber que casa era aquela ou esquecia para onde estava indo. Diante desses sinais a família começou a perceber que algo estava errado e, ao levar para uma consulta ao geriatra, foi diagnosticado que dona **Giselia** sofria de alguma demência. Um dos profissionais chegou a dizer que não se tratava da Doença de Alzheimer enquanto que um segundo confirmou o que todos suspeitavam.

Seu quadro de saúde é delicado: diabética, hipertensa com problemas cardíacos, sedentária. No passado era muito ativa, adorava conversar, sair sozinha para fazer compras, jamais esperava que o outro fizesse algo por ela. Dona **Giselia** primava pela sua independência.

Vale o registro de outro fato: a *velha contadora* prestou concurso para a Polícia Militar, chegando a servir a corporação. Porém, seu marido fez com que ela desistisse da carreira para cuidar das filhas e da casa. Infelizmente ela acabou abdicando de seus planos em prol do desejo de seu marido. Seus familiares consideram este acontecimento como um dos motivos que auxiliaram no surgimento da doença.

Hoje a rotina de dona **Giselia** é ficar em casa, ora dormindo, ora ouvindo os papos que circundam no seio familiar. Nas horas em que estive na casa da sua filha percebi que o amparo dado a nossa velha contadora ameniza as circunstâncias dadas, onde sua filha e seus netos valorizam a sua presença e suas histórias, fortalecendo os elos de gerações através de um encontro real, de uma escuta sensível.

O mundo atual vai a tal velocidade na corrida pela competição técnica que o ser humano já não tem os pés no chão. Em qualquer discurso no mundo todo fala-se de encontro, fala-se de comunicação, fala-se de troca e até mesmo de dividir. No entanto um verdadeiro encontro não

acontece senão pela escuta. Que escuta é essa? Não é ouvir com o ouvido... mas é ser sensível ao outro. Estamos em uma corrida de grandes em detrimento dos mais desfavorecidos. Não se pode dizer que o mundo atual está à escuta. Nós nos falamos, mas não nos escutamos. É uma corrida de interesses. A escuta é questão de sensibilidade. Eu sou sensível ao outro. O outro é sensível a mim. Quando vemos o que se passa no mundo de hoje, nos continentes do mundo, em cada um deles, seja na África, seja na Ásia, seja na Europa, seja nos chamados países latino-americanos, parece que o mundo está numa panela colocada sobre o fogo simplesmente porque há a perda de valores que são humanos onde ninguém tem mais liberdade. Nós somos ligados e atados... digamos, por certos poderes que são o capitalismo e o imperialismo. (Documentário: Sotigui Kouyaté: um griot no Brasil. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te\\_3pjI](https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te_3pjI)> Acesso em 15 de fevereiro de 2017).

Quando Sotigui fala sobre essa ausência real de comunicação e de como precisamos ser sensíveis na escuta, me remete a uma fala do neto de dona **Giselia**: Edu Coutinho.

Em uma oficina de interpretação de que participamos juntos, intitulada “Honestidade Artística”, devíamos contar algo sobre nós que, talvez, as pessoas não soubessem. Ele disse: “O que me vem à mente neste momento é minha avó... ela já está indo e o que sinto é que parte de mim está indo com ela”. Minha leitura sobre esse fato é que a presença dessa mulher na vida de seu neto o atravessou de tal modo que parte dela está nele e por consequência as suas memórias passaram a ser, também, as memórias de seu neto. Um caso concreto de encontro e de sensibilidade na escuta para além dos ouvidos.

Meu encontro com dona **Giselia** ocorreu justamente na casa de Edu. Ela passava uma temporada lá porque estava se recuperando de uma gripe. Ao entrar na sala dei de cara com ela sentada no sofá. Eu já a conhecia, mas por conta do Alzheimer ela não iria se recordar do nosso primeiro encontro, ocorrido no primeiro dia do ano de 2017.

Seu próprio neto me apresentou a ela e contou o motivo da minha presença ali. De forma esfuziante contou a ela que as suas histórias iriam me ajudar a estudar, que eu era um rapaz que estava estudando as memórias de pessoas especiais como ela. Nesse momento ela sorriu e disse: “Eu? É mesmo? Que bom, né?!”

Tratei de repetir meu nome para ela. Disse que iria gravar nossa conversa porque seria importante ouvir novamente tudo que ela viesse a falar. Ela consentiu com um gesto de cabeça e perguntou: “Você quer que eu diga o quê? ”, respondi que ela estava livre para me contar o que quisesse e como quisesse, que seria um bate-papo e que tudo

que viesse a falar seria ótimo escutar. “Então tá bom e eu tô bonita?”, disse passando as mãos no cabelo.

Respondi que sim e que esse nosso encontro merecia uma foto.



*Fevereiro 2017, fui recebido por dona Giselia no apartamento de uma de suas filhas. No início uma conversa com poucas informações e certo distanciamento... o que mudou com o decorrer do encontro.*

Neste encontro com dona **Giselia** precisei interferir em sua contação criando conexões entre as suas memórias e as minhas histórias. Sem descaracterizar o indivíduo e suas peculiaridades, busquei auxiliá-la na rememoração das suas vivências.

Como característica de uma pessoa portadora do Alzheimer, ao narrar suas memórias, ela repetia alguns fatos como que estivesse relatando-os pela primeira vez. O entusiasmo de relembrar era perceptível e a cada repetição esse entusiasmo era maior. Uma das muitas histórias repetidas por ela foi:

*Eu gosto de música, muito. (...) Não tem, assim, um cantor específico que eu goste, não. (...) Eu aprendi a dançar...que eu não sabia... eu nunca fui a uma festa dançante, meu pai não deixava! (Pergunto como foi que ela aprendeu a dançar) Como eu aprendi a dançar? (Longa pausa) Dançando! (Risos) Eu gostava muito de dançar... eu nunca fui a uma festa dançante, meu pai não deixava! [Após mais uma longa*

*pausa pergunto se depois do casamento ela não passou a frequentar uma “festa dançante”, ela não responde e dá de ombros] Eu ia pro cinema escondido! [Quis saber como ela ia escondido para o cinema] Eu ia... com o namorado! Eu não gostava de mentir, não! (Pausa) [Na tentativa de uma brincadeira digo que uma mentirinha de leve não tinha problema... não estava fazendo mal para ninguém, nesse instante ela dá uma gargalhada]. (SALES, Giselia Cardoso. Entrevista I. [fev. 2017]. Salvador, 2017. 1 arquivo .mp3 [2h. 04min. e 30 segs. ]).*

A narrativa construída por dona **Giselia** foi toda fragmentada em pequenos relatos de marcos vivenciados por ela. Não existia, em sua contação, a preocupação em dar detalhes, até porque a doença lhe impossibilitou de lembrar dessas questões, mas isso não a impediu de imprimir uma contação viva, sendo possível sentir uma atmosfera de ludicidade, de encanto em dizer e ouvir as suas próprias histórias. Porém, não foi assim desde o início.

Inicialmente notei em dona **Giselia** um certo esforço em contar suas histórias. Em alguns momentos ela contava algumas passagens de sua infância, em outros perguntava sobre a minha vida, devolvendo algumas das perguntas que fazia para ela. Talvez resabiada em revelar alguns fatos, preferiu o silêncio ou dizia: “não me lembro”. O exemplo disso foi quando perguntei o nome de seu ex-marido.

O “não me lembro” foi repetido outras vezes por ela quando lhe questionei sobre outros fatos relacionados a sua vida conjugal.

Os marcos contados pela *velha contadora* não faziam referência ao coletivo, e sim a sua jornada solitária. Os relatos que escutei envolviam no máximo duas ou três pessoas. Como exemplos, o dia em que ela foi escondida para o cinema na companhia de um “namoradinho” ou o dia em que ela trocou seu lanche na escola por cigarros.

*Um dia eu inventei fumar, aí eu peguei o dinheiro da merenda e chamei a minha prima para comprar cigarro (pausa) aí fumamos (pausa) e aí o meu pai soube (longa pausa) meu pai soube (pausa) e aí foi aquele... aquela confusão, né? (Pergunto se ela havia gostado de ter fumado) Eu gostei! (riso frouxo) ... Um dia eu tava na venda e ia pegar dinheiro pra comprar cigarro (pausa) mas minha mãe viu (...) fumei muito tempo. (Pergunto como ela conseguiu parar de fumar) Parei porque quis parar! (...) Agora eu não fumava nas estradas não, quando eu vinha do colégio... eu não fumava não! Eu fumava, xô ver... eu nem me lembro onde era que eu fumava (...) Tinha uma mangueira grande lá em casa, eu fumava atrás dessa mangueira (risos). (SALES, Giselia Cardoso. Entrevista I. [fev. 2017]. Salvador, 2017. 1 arquivo .mp3 [ 2h. 04min. e 30 segs.]).*

Tanto Bergson quanto Halbwachs acreditavam no trabalho de reconstrução da memória enquanto aspecto de “desfiguração” do passado, onde os fatos ocorridos podem vir a sofrer modificações através do tempo, causadas por ideias e ideais presentes no *velho*. Dois fatos podem auxiliar nessas mudanças: a “pressão dos preconceitos” e as “preferências da sociedade dos *velhos*”. As histórias são modificadas com o intento de adequar-se a determinados grupos, ao passo que a biografia individual e coletiva acaba seguindo padrões e valores ideológicos.

Assim, essa recriação torna tais memórias como oficiais, passando-as adiante como sendo a mais pura das verdades. Se bem que, em se tratando de memória, pouca relevância existe em qualificá-la como sendo o relato fiel de algo que realmente tenha acontecido.

A memória poderá ser a conservação ou a elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do indivíduo acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência que é capaz de inovar. Para o filósofo alemão William Stern a

Função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo. (STERN, 1971, p.253)

Hoje uma das funções da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo e localiza cronologicamente a experiência vivida. Desse modo, o passado revelado é a fonte que abastece o presente entre aquele que escuta e aquele que conta, gerando uma relação baseada no interesse comum em conservar o fato narrado que pode ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência.

A compreensão dos conceitos de memória formulados por Bergson e Halbwachs ocorreu, em grande parte, por conta do meu estudo em paralelo com a escuta desses *velhos contadores*. A associação desses conceitos com a prática da contação das memórias dos *velhos* desfez em mim um mal-entendido de interpretação, principalmente dos textos produzidos por Bergson, e trouxe um novo olhar sobre questões que pareciam já assimiladas, como exemplo a memória individual e coletiva criada por Halbwachs – entendendo o coletivo, nas falas dos *velhos*, como algo tão particular quanto as vivências individuais.

Quando Bergson propõe representar, através de um conjunto de semicírculos (ver pág. 32), os níveis de expansão / profundidade espacial e temporal dos objetos evocados pela memória é possível compreender o seu dinamismo interno, sendo que através da escuta dessas memórias obtive a real noção desse dinamismo.

Quando um *velho contador* se recordava de um fato e surgia uma imagem, era quase imediato a sua associação a outros tantos fatos e imagens. Assim, a memória se expandia e se aprofundava e a contação se estabelecia.

Ao coletar as memórias dos *velhos* me surpreendi com a riqueza de detalhes de muitos e da profusão de histórias que surgiam simplesmente por conta do espaço dado para a escuta. Ao oferecer o meu tempo para esses indivíduos conheci fascinantes histórias de vida e contemplei corpos que, mesmo no silêncio, falavam por si.

## 2 - CAPÍTULO II

### CONTANDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

*É... você fez eu voltar ao passado!*

*Martha Muniz*

Já familiarizado com as memórias do sr. **Nilton** e da sua esposa sra. **Ceres**, da dona **Martha Muniz**, das sras. **Giselia** e **Dionéia** e do seu **Rosalino**, apontarei possíveis elos entre estes *velhos* que narram suas memórias de vida, a quem carinhosamente nomeio como *velhos contadores*, com a emblemática figura dos contadores de histórias.

Na tentativa de compreender de que maneira ocorre a elaboração de uma contação de histórias, lançarei olhares sobre: narrativa, narração e oralidade; passando pela análise da palavra enquanto matéria prima do contador.

A narrativa é a representação da vida e do mundo no qual o sujeito está inserido. Nenhuma narrativa oral é pura, isenta ou neutra. Sua narração, através da oralidade, é permeada pela visão de mundo do narrador, e por interesses e objetivos alicerçados no presente e não no passado.

Sendo este narrador um contador de histórias, esta pesquisa utiliza a perspectiva do *griot africano*, aquele mantenedor das tradições e da cultura de suas comunidades. Exemplo de contador tradicional de histórias, o *griot* aprende o seu ofício no dia a dia com a sua comunidade, inserido de tal forma na sua cultura que a absorve de maneira natural, e independente dos estudos e fazendo uso da sua experiência de vida, consegue prender a atenção dos seus ouvintes.

#### 2.1. Narrativa, Narração e Oralidade

*(...) meu pai era um contador de histórias, mesmo!*

*Ceres Laert*



Sob os olhares da sociedade grega antiga, a figura do contador de histórias estava associada ao sagrado. O ato de narrar estava inteiramente ligado à magia, acreditavam que aquele que detinha o poder da palavra era capaz de reconhecer o passado, o presente e o futuro.

O *aedo ou poeta heroico* era o indivíduo de total confiança encarregado de transmitir essas histórias. Cabia a ele narrar o mito, imprimindo sentido à vida coletiva, às expectativas, aos sonhos e aos medos presentes em sua sociedade.

Ele acreditava que a força e o alimento de suas histórias vinham da inspiração divina. Uma musa o escolhia e o sustentava nesta condição especial. Por sua vez, as musas possuíam o apoio de sua mãe, a deusa da memória, *Mnemosine*: a relação entre narrativa e memória é essencial e já aparecia no mito da experiência da maternidade.

Diz o mito que Zeus, após alcançar a glória, ainda não estava satisfeito. Faltava-lhe a conquista de *Mnemosine*, com quem gostaria de se deitar. Ele se disfarçou de camponês e conseguiu pôr em prática a sua vontade. Depois de nove noites juntos, *Mnemosine* concebeu e, após nove meses, passou nove dias dando à luz suas nove filhas, as musas da Arte.

Fica claro, neste mito, a metáfora de que até o mais poderoso dos deuses necessita da memória para preservar suas lembranças e, assim manter o seu poder. De nada adiantariam seus feitos grandiosos se logo em seguida caíssem no esquecimento. Cabe à memória a sobrevida dos acontecimentos de modo a driblar, até mesmo, a morte. Lembrar e contar são estratégias para vencer o silêncio, possibilitando a continuidade para além da vida.

O *aedo ou poeta heroico* toma para si a função de guardar na memória e contar para os outros tudo aquilo que viveu, que viu e o que ouviu. Estando presente nesse relato um desejo de verdade – cabendo nele os sonhos, a imaginação, a esperança, os medos e receios. De modo que o conceito de verdade, neste caso, se alarga para além do que já conhecemos enquanto contraponto da mentira. A organização dessa narrativa se constrói em torno da confiança compartilhada entre narrador e ouvinte.

No século XIX a narrativa, como bem lembrou Danielle Cristina Mendes<sup>6</sup>, retorna à convenção do narrador mediador e confiável quando da consolidação dos

---

<sup>6</sup>Doutora em literatura comparada pela Universidade Federal Fluminense e professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Estados Nacionais<sup>7</sup>, aliando-se ao movimento romântico e a valorização da cultura popular. O cenário apresentado possibilitou o surgimento de indivíduos que tomaram para si a tarefa de coletar e propagar as narrativas orais, em especial o conto de fadas<sup>8</sup> ou conto maravilhoso, transmitidas geralmente pelos camponeses chamados ágrafos (que não tem ou não usam a escrita), de geração em geração.

Sobre o conto de fadas, Walter Benjamin<sup>9</sup> esclarece que

O conto de fadas dá-nos notícias dos ritos mais antigos que a humanidade instituiu para espantar o pesadelo que o mito depositara no seu peito. Mostra-nos na figura do bobo, como a humanidade se faz de boba diante do mito; mostra-nos na figura do irmão mais moço como aumentam suas chances com a distância em relação ao tempo mítico primitivo; mostra-nos na figura daquele que parte para aprender o temor que as coisas de que temos medo são transparentes; mostra-nos na figura do inteligente que as perguntas que o mito faz são simplórias, a pergunta da esfinge; mostra-nos na figura dos animais a criança do conto de fadas, que a natureza não está obrigada apenas em relação ao mito, mas prefere reunir-se em torno do homem. O mais aconselhável – assim o conto de fadas ensinou há tempos, à humanidade, e ainda hoje ensina às crianças – é enfrentar os poderes do mundo mítico com astúcia e superioridade (BENJAMIN, 1983, p.70).

O repertório do contador de histórias tem sua origem na tradição oral e inclui lendas, fábulas, mitos e contos. Contos caracterizados pelas incertezas de autorias e pela presença dos *velhos* que ao desconhecerem suas fronteiras geográficas, culturais e linguísticas conseguem vencer as barreiras espaciais e temporais.

O segredo do contador de histórias tradicional está na apropriação daquilo que se pretende contar. Apropriar-se de uma história é absorvê-la de tal modo em seu interior

---

<sup>7</sup>A formação dos Estados Nacionais aconteceu no período da história europeia compreendido na Baixa Idade Média (Séculos XI a XIV), onde após a fracassada pretensão da Igreja de Roma de unificar o continente sob sua batuta, os diferentes povos europeus começaram a unir-se em torno de um grande líder, que fosse mais forte que os líderes regionais para unificar as diferentes e fragmentadas regiões que formavam a "colcha de retalhos" que era o mapa europeu da época.

<sup>8</sup>Contos de fadas, define Simonsen, “ é uma designação francesa para contos maravilhosos. Um nome impróprio porque demasiado restritivo, já que raramente se trata de fadas. Os contos maravilhosos, de estrutura complexa, comportam elementos sobrenaturais, originalmente não-cristãos (encantadores, metamorfoses, objetos mágicos, etc.). Os contos maravilhosos, aos quais se tende às vezes a incorporar todos os contos populares, na realidade constituem apenas uma pequena parte do repertório” (SIMONSEN, 1987, p.7).

<sup>9</sup>Walter Benedix Schönflies Benjamin (Berlim, 15 de julho de 1892 — Portbou, 27 de setembro de 1940) foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão. Sua obra mais conhecida chama-se “A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica”, texto em que Benjamin deixa claro suas opiniões sobre as alterações culturais que a reprodutibilidade técnica trouxe à sociedade. Tudo isso mostrando os processos das mudanças juntamente da industrialização e do capitalismo. (Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/walter-benjamin/> . Acesso em: 14 de abril de 2017).

que a comunicação é enriquecida e os sentidos aguçados. Comunicação que se dá através da memória, da palavra, da presença, dos gestos, das expressões faciais e corporais, da entonação de voz, do ritmo, etc.

Em relação à memória, ela possui, segundo Paul Zumthor em seu livro *A Letra e a Voz* (1989), dupla função: coletivamente é fonte de sabedoria, individualmente é a aptidão para servir-se desta fonte e depositar, nela, a própria contribuição.

Tal definição corresponde ao esquema clássico, definido pelo senador romano Cícero, que atrelava a memória à virtude platônica da prudência, palavra, em grego, de mesma raiz etimológica que sabedoria.

Na Idade Média era utilizada a terminologia “memória natural” para definir a fonte da sabedoria e “memória artificial” em relação à capacidade que cada um tem de acessar esta fonte e, através de seus atos, incorporar nela sua contribuição – a arte da memória. Diz Zumthor,

Aqui a temos como palavra viva, da qual emana a coerência de uma escritura, a coerência de uma inscrição do homem e de sua história pessoal e coletiva, dentro da realidade do destino. Este interesse pela memória (no sentido de recordação) depende da enorme função desempenhada nesta cultura pelas transmissões orais – sustentadas pela voz, da que é assento eminente a poesia (ZUMTHOR, 1993, p. 168).

Memória, na tradição oral, em estado de pura oralidade ou transformada em texto escrito, é palavra viva, no dizer de Zumthor. É o elemento de coerência da escritura dada pela própria lógica do homem apoiada na voz poética.

Lembro-me do fascínio que senti quando ouvi as memórias do casal **Nilton e Ceres**. Por uma junção de fatores, o que poderia ter sido relatos corriqueiros das situações vividas por eles, tornaram-se um exemplo vivo de uma comunicação pulsante, simples e intensa.

Em vários momentos a sra. **Ceres** interrompia a contação das memórias de seu marido e, sem cerimônia, contava ela mesma as histórias dele. E contava com uma riqueza de detalhes que chegava a impressionar o próprio sr. **Nilton**, nada passava despercebido por aquela professora aposentada. De gestos fortes, as mãos gesticulavam sem parar sobre a mesa em que estávamos e de voz imperativa, que oscilava nos momentos de maior emoção, a sra. **Ceres** soube dar vida àquelas memórias expostas e como uma contadora de histórias, me fez enxergar o seu universo particular.

O sr. **Nilton** foi bastante pontual em suas colocações, em alguns momentos tive a impressão de que ele estava incomodado em contar os detalhes das suas histórias, talvez por medo de expor demais as suas emoções, notei que quanto mais ele se aproximava das memórias relacionadas a sua infância e da sua relação com seu pai, menos detalhes eram mencionados.

Possuidor de uma linguagem mais formal, o sr. **Nilton** às vezes quebrava o seu próprio protocolo e surgia com tiradas divertidas sobre o seu tempo de adolescência.

Quando eu tinha dezoito anos... dezoito anos mesmo que eu terminei o curso de contabilidade, aí tentei fazer aí eu disse que não dava mais... eu ficava naquele negócio e eu fui por conta própria, eu fui no banco onde a firma tinha conta [sra. Ceres complementa] isso porque o seu pai não lhe dava um salário... dava assim uma ajuda. [sr. Nilton retoma a contação] Bom... (Pausa) era caro essa vida de namorador, rapaz! (Risos) (Pergunto quantas namoradas ele teve) Bom, namorada... namorada ... (sra. Ceres se encarrega de responder) Muitas... mas ele teve duas... três, comigo...né? Duas que ele levou em casa, só duas ou três? [Ela pergunta e ela mesma responde] Duas! [sr. Nilton titubeia] Eu não me lembro, você sabe disso? [sra. Ceres revela] Bem, isso foi o que a sua mãe me disse... a não ser que sua mãe estivesse mentindo! [sr. Nilton então revela] Até o dia do noivado... a gente ficou noivo acabou! Eu sempre tive assim... bastante fidelidade, entendeu? Antes do noivado, namorinho, etc., eu ainda dei umas escapolidelas. [sra. Ceres bronqueia] Você procurava safar sua onça lá, porque você não tinha onça pra safar comigo! [sr. Nilton sem dar muita atenção, continua] Um fato interessante era de que naquela época era mesmo marcação cerrada... os pais gostavam sempre de que tivesse um compromisso, e aí tinha uns anezinhos baratos [sra. Ceres interrompe] Não era barato, não! Eram uns anéis cheios de perolazinhas e se chamava anel de compromisso. [sr. Nilton] Esse eu chegava a comprar quatro, cinco de vez! (risos) [sra. Ceres] A irmã dele, Tia Teca, sabe disso! [sr. Nilton] Era porquê... o problema era... começou assim, o pai como era muito brabo aí precisava fazer um... aí o anel de compromisso e as portas se abriam mais, e era cada uma em um bairro... era difícil de pegar [os pais das moças] porque não é como hoje... [sra. Ceres reclama] Filho homem podia tudo! [sr. Nilton] a internet, não tinha nada... porque hoje em dia ... pô! (SAMPAIO, Nilton de Oliveira. Entrevista II. [jul. 2016]. Salvador, 2016. 1 arquivo .mp3 [2h.30min.30 seg.]).

Um fato desse namoro também... eu tenho... [Pensa rápido] Não, ele morreu, ele morreu com cento e? [Cutuca sra. Ceres para que ele pudesse responder] Quem? [sr. Nilton] Tio Beca [sra. Ceres] O seu tio Beca? (Pausa) Cento e três anos, eu acho! [sr. Nilton] Cento e três... então eu era... aí eu tinha onze, doze anos (...) Isso era em Intinga. Você sabe onde é Ponta de Nossa Senhora, aqui em Salvador? É um lugar muito bonito! Então tem Ponta de Nossa Senhora, Paramana... os barcos todos que saem daqui fazem a volta em Ponta de Nossa Senhora e lá no meio tem um lugarzinho chamado (...) Ilha

dos Frades, a ilha se chama Ilha dos Frades, e ele [*tio Beca*] passava as férias lá e aí ele me levava e eu era assim... pra você ter uma ideia a gente dormia ainda de camisolão e ia também, ele era capitão do exército, o doutor Viana, e por sinal o doutor Viana foi... [*Como que se esquecesse do que ia dizer sr. Nilton não completa o raciocínio*]... o pai de doutor Viana, o doutor Gabriel, aí outra pessoa que teve influência na vida da gente... eu ficava com ele, ele devia ter uns... minha idade hoje e eu menino de doze anos [*sra. Ceres interrompe mais uma vez*] Ele era um contador de histórias. [*sr. Nilton confirma a informação*] Ele era um contador de histórias, ele ficava conversando... ele foi pai de... de... da avó de Luís Viana Filho, são políticos *velhos*, são até da época de... logo depois do começo do século XX, já foi governador daqui... era um bocado de coisa lá... e ele tinha uma, duas, três... [*pensa*] criava uma menina e tinha mais três filhas ... mas eram todas como que filhas e eu sofri na mão dessas meninas. [*sra. Ceres enfática, sentença*] Elas ensinaram a ele tudo! [*sr. Nilton ri*]. (SAMPALHO, Nilton de Oliveira. Entrevista II. [jul. 2016]. Salvador, 2016. 1 arquivo .mp3 [2h.30min.30seg]).

Para o contador de histórias tradicional, o conto e a narrativa vão além da simples história, é a palavra viva e sagrada. É a mensagem ancestral que alimenta o espírito e que torna o contador o ser escolhido para executar a sua transmissão. Mais que um desejo, uma obrigação!

O fato da palavra ser considerada viva e sagrada está ligado à importância das trocas entre a fala e a escuta que ocorrem dentro de uma comunidade. O filósofo e sociólogo Walter Benjamin estabelece uma interessante analogia entre o contador de histórias e o oleiro: assim como o artesão deixa suas marcas no objeto de barro, também o contador deixa as suas naquilo que narra, portanto, suas impressões serão sempre únicas.

“Forma artesanal de comunicação”, a narrativa oral não está interessada em transmitir o “puro de si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele (BENJAMIN, 1994, p.205).

Se seguirmos com o raciocínio de que o fato narrado é resultado deste mergulho para dentro de nós, quando nos colocamos disponíveis para escutar histórias, as absorvemos de tal forma que elas passam a fazer parte da gente, culminando na mistura dessas mesmas histórias com a nossa vida. Não existe necessariamente um esforço para isso, trata-se de algo orgânico: você escuta, absorve, procura entender, faz – ou não – livres associações com a sua jornada e ao repassá-las constata-se justamente que dessa absorção brotaram outras histórias.

Agora, experimente trocar a palavra “história” por “memória”. Foi basicamente isso que vivenciei na prática após ouvir os *velhos contadores*. Nos exercícios de elaboração para o experimento cênico, recontando as histórias coletadas, *a priori* intuitivamente, muitas das minhas memórias se conectaram às deles, tornando-se uma única memória. Quando lanço meu olhar sobre estes *velhos contadores* e suas histórias de vida, busco na *poiesis* existente neste simples e até corriqueiro ato de compartilhar suas memórias, os ingredientes fundamentais para a elaboração da célula do experimento cênico.

Por *poiesis* entende-se o amplo universo ligado à produção artística, seus meios técnicos e expressivos, aquela inspiração para os criadores, os materiais mobilizados na elaboração de uma obra.

Toda *poiesis* implica num formar, num exprimir e num conhecer, aquilo que Luigi Pareyson denominou formatividade; ou seja, um formar cuja operatividade implica num modo aplicado de conhecer o produto sobre o qual o artista trabalha. Ainda que ele não saiba onde vai chegar ao lançar-se num projeto de criação, articula, implícitas ou explicitamente, as condições que o habilitam à tarefa executiva. Ou seja, ele inventa, “[...] *através de um fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer*”. Execução e invenção caminham *pari passu*, onde a instauração de uma nova realidade – representada pela obra enquanto processo – significa a constituição de um valor original (MOSTAÇO, 2006, p.3 Grifo meu).

Nisto percebi que, naturalmente, o ato de contar histórias encontra as nuances certas de cada palavra, conferindo-lhe a força necessária para trazer vida à história contada. Assim, nos aproximamos de mais um importante ponto de análise na contação de histórias: a oralidade do sujeito contador.

A oralidade, para Paul Zumthor (1993), se concentra nos efeitos da presença, do ambiente e do corpo em ação e tece considerações sobre a relação entre escrita e oralidade, estabelecendo uma via de mão dupla entre elas: ocultamento da escrita no oral e oralidade na escrita. A partir dos seus estudos de poemas medievais, Zumthor destaca os marcadores da oralidade, que solicitam olhos, ouvidos e sentidos. Seu conceito se expande e inserido na performance cria novas perspectivas de leitura e análise. A voz não se reduz à palavra oral e tal conceito remete a questão oralidade ao grau simbólico da voz; já o tom, o timbre e a altura se apresentam como elementos não linguísticos e de qualidade material.

Quando contamos uma história, o nosso primeiro anseio é que o ouvinte se interesse por ela, que esteja totalmente imerso naquilo que ouve, para isso chegamos a utilizar, sem perceber, os mais diversos recursos artísticos para “vivificar” essa história (gesticular de mãos, pausas, ritmo, entonações...) tornando-a aprazível e interessante.

Há uma peculiaridade na contação das memórias do seu **Rosalino** que tornou ainda mais “saborosa” a sua escuta. Com um discurso carregado de detalhes e com uma oralidade típica do homem simples, esse sábio, de poucos estudos, faz uso de variações linguísticas que resulta numa contação viva, capaz de revelar, na sua forma de falar, o homem por trás daquelas palavras. Confesso que ao ouvir o seu **Rosalino** falando “rezistro”, “otras pessoa” e “padinho” fui imediatamente remetido a imagem de meu avô paterno, homem rústico e ao mesmo tempo amoroso, viveu toda a sua infância e adolescência na roça sem ter oportunidade para o estudo. Acredito que essa associação tenha acontecido porque o meu avô falava da mesma forma que o velho **Rosalino**, repetindo em mim o encanto em ouvir a poesia presente nessa forma de falar.

Na oralidade é possível encontrar traços de identidade, sendo o elo entre o mundo interior e o exterior, mantendo um forte vínculo entre o indivíduo e o mundo em que ele habita. Nas palavras de Vera Maria Ferrão Candau,

Identidade (...) é um conceito polissêmico, podendo representar o que uma pessoa tem de mais característico ou exclusivo, ao mesmo tempo em que indica que pertencemos ao mesmo grupo. (...) no entanto, este termo, (...) é fundamental na compreensão das relações humanas, sociais e educativas e interessa-nos trabalhá-lo especialmente na sua relação com a dimensão cultural (CANDAU, 2002, p.31).

Orbita em torno da oralidade a sabedoria popular e através dela é possível chegar ao poder do ensinamento, da linguagem, da cura e da diversão. Há histórias tecidas pela oralidade que misturam trechos dos mais diversos contos populares, com variedades de temas, desde casamento, passando por assombrações, causos da roça, curas milagrosas, histórias de pescador, etc. O fato de contar histórias com essa pluralidade de temas, estabelece um caminho que permite desenvolver um resgate à memória coletiva e à possibilidade do indivíduo de comunicar-se poeticamente.

Assim “de boca em boca” se perpetuam as histórias e... ai daquele que disser que não aconteceu!

## 2.2. A Palavra Viva

*Eu estou aqui contando as minhas proezas, de quando eu era menina,  
que eu pintava na casa de meu avô e casa de minha tia!*

*Dionéia Lima*

Imagine que você está diante do mais profundo conhecedor de histórias e que através de suas contações é possível embarcar em viagens espetaculares que te levam a mundos desconhecidos e surpreendentes...

Continue a imaginar...

Há uma teatralidade nesta contação: as mãos gesticulam como que estivessem fazendo mágica, há vida nestes movimentos. Seu corpo emana uma voz que invade todo o espaço em que se encontra. Percebeu que imagens “saltam dos seus olhos”? Isto faz parte do poder deste contador...

Chegará o momento em que você estará em um outro local: um mundo desconhecido apresentado pelo contador. E no final desta viagem, talvez você se pergunte: de onde vem esse poder? Como ele consegue fazer isso?

Entre as muitas respostas optei por aquela que considero a mais agregadora, aquela que inclui todas as outras e que resume o poder do contador – se isso for possível – numa única força: a palavra.

A palavra com o seu poder de evocar imagens, vai instaurando uma ordem mágico-poética, que resulta do gesto sonoro e do gesto corporal, embalados pela emissão emocional, capaz de levar o ouvinte a uma suspensão atemporal. Não é mais o tempo cronológico que interessa e sim, o tempo afetivo (SISTO, 2012, p.32).

A importância de abordar este tema, sem a pretensão e profundidade de um antropólogo, de um etnólogo ou de um historiador, está na possibilidade de compreender os meus *velhos contadores* a partir da escolha da sua palavra, aquela que “testemunha quem ele é” (MATOS, 2014, p.9).

Deixando claro que o entendimento desta palavra, possuidor de um tesouro de significações, parte exclusivamente do meu universo de compreensão. A recepção do ouvinte sobre o que é dito difere de indivíduo para indivíduo.



Pela tradição oral, os indivíduos consideravam a palavra como algo mítico, revelada e sagrada; foi o primeiro recurso disponível para o contador de histórias, portanto, é em sua essência onde ele busca fundamento.

Em sendo a matéria prima para a sua elaboração criativa, o contador escolhe e mistura as formas, as cores e os sabores que darão o tom das histórias que anseia contar e segue sendo explorada em todas as suas possibilidades e subjetividades até que o outro se sinta tocado por aquilo que ouve. Pela palavra, o contador descortina traços culturais presentes nas histórias, auxilia na aproximação dos seus ouvintes com situações que se assemelham àquelas contadas, gerando, naquele que ouve, imagens a partir das suas próprias experiências.

Tomando por base a tradição oral, cada circunstância da vida, em que passam os indivíduos, se torna um ato de ensinamento e de intensa oralidade, uma vez que eles tiram dessas ocasiões lições que podem marcar profundamente a vida e a mente dos outros. Daí a necessidade do contador de sempre buscar a fonte de alimento dessa tradição: “Certa feita, minha avó me contou que... ”.

O contador de histórias sabe bem que a palavra tem o poder de acessar as emoções, as suas e as dos outros. Ele entende que, assim como é possível escolher as palavras certas para motivar, encantar e enaltecer, é também, possível desmotivar, exortar e desmerecer, dependendo muito da contação que se pretende realizar.

As memórias reveladas pela dona **Dioneia** e pelo seu **Rosalino**, moradores do Abrigo Dom Pedro II, apresentam esta característica, evidenciando-a quando contam sobre a presença de cada um naquele local. Enquanto que ela foi deixada lá por familiares, ele se mudou para o abrigo por vontade própria, escolheu estar ali. Das palavras usadas por dona **Dioneia** as que me marcaram foram: *tristeza, saudade, saúde e morte*; o que podem revelar sobre sua jornada até aquele dia. Elas sintetizam uma história de perdas, de um sofrimento que lhe tirou o ânimo e a esperança, deixando-a com apenas um sonho: “minha esperança está no fim (...) eu tô esperando é Jeová me chamar, mas Ele não quer!”

Enquanto escutava todas aquelas memórias, através de palavras tão reveladoras, fui tomado por uma sensação de impotência, de uma tristeza atroz que me bloqueou em colocar-me no lugar daquela *velha* senhora. Toda aquela situação de doença e solidão fizeram-me temer vivenciar tudo aquilo na pele.

E por conta disso foi desafiador, enquanto ator/pesquisador, encarar todos esses sentimentos tão distantes de mim trazidos através das lembranças de dona **Dioneia**.

Apesar do pouco contato que tive, apenas um encontro de 1h30min, percebi que estava diante de uma história permeada de traumas e que por isso mesmo seria importante investir mais tempo no exercício de recontá-las, porém, talvez pelo temor de vivenciá-las através da contação, acabei me afastando dessas histórias durante os exercícios em *meu quarto* para a criação da célula do experimento cênico.

O outro morador do abrigo, seu **Rosalino**, dono de uma memória prodigiosa e de uma história de vida recheada de conflitos familiares, demonstra tentar reverter as piores situações fazendo uso do bom humor. Indivíduo falante, sua contação se destaca por extrair o lado bom dos percalços que passou... o abandono da mãe, perseguições no trabalho, o filho envolvido com drogas. Tudo isso contado de uma maneira “leve”, sem “peso” nas palavras, sem autocomiseração. Destaque para as palavras: *família, sofrimento, filhos e esperança*.

Lembro que a intenção aqui não é a de mensurar quem melhor soube reverter os percalços da vida, mas sim de tentar compreender o modo como cada indivíduo se coloca diante de si mesmo através das palavras.

Sobre esta questão Jorge Larrosa em *Notas Sobre a Experiência e o Saber da Experiência*<sup>10</sup>, afirma que

(...) as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso. (...). As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras (LARROSA, 2002, p. 21).

---

<sup>10</sup>Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001, por Leituras SME; Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC. Publicado na Revista Brasileira de Educação autorizado por Corinta Grisolia Geraldi, responsável por Leituras SME.

A palavra pode assumir formas variadas, cujo valor é uma atribuição do grupo que a desenvolve. Assim, o leque de manifestações de linguagem é o mais variado possível, abrangendo desde a fala oral, gestual, corporal, a escrita e outros sinais sensoriais perceptíveis, do mesmo modo são variáveis as atribuições de valor de cada uma.

Portanto, explicar a palavra de um indivíduo, de uma sociedade ou de um grupo social implica, antes de qualquer coisa, investigar a produção de suas variadas formas em cada contexto sociocultural. Desse modo, é possível compreender a particularidade de cada indivíduo a partir das suas histórias e ações reveladas.

### **2.3. Construindo Conexões: Uma Breve Visita aos *Griots* Africanos**

*Eu fui criado assim... de mão em mão por outras pessoas!*

*Rosalino dos Santos*

Para o desenvolvimento desta pesquisa, que tem na contação das memórias dos *velhos* o quesito estrutural para a elaboração de uma célula de um experimento cênico, foi preciso uma série de investigações que iam da formação, estruturação e apropriação da memória, passando pela função social e cultural da contação de histórias. Social pelo poder de agregar pessoas, por ser uma atividade coletiva, que exige minimamente, um contador e um ouvinte, e cultural, pelos significados que cada história suscita e envolve.

Cléo Busatto se posiciona da seguinte maneira sobre a força agregadora da contação, ou narração oral, como prefere dizer:

A narração oral é política e transgressora quando agrega os ouvintes, seja na rua, na praça, e subverte o tempo linear, a pressa, quebra a resistência em ouvir do outro, rompe as defesas do passante com a graça do contador, liberta o sujeito das normas e oferece indagações, questionamentos, alegria, riso, descontração, aproximação, harmonia, fraternidade (BUSATTO, 2006, p.35).

O contador de histórias que subverte o tempo linear e com sua graça oferece múltiplas sensações, não precisa necessariamente ser um *velho*, mas um *velho* tem toda possibilidade de ser um belo contador de histórias. E um único quesito comprova essa afirmação: a sua experiência de vida. O *velho*, com seu acúmulo de experiência, deseja aconselhar e prevenir, e da sua árvore chamada Palavra brotam ensinamentos, cabendo a nós aproveitarmos de sua boa e serena sombra.

Diante destas características, em um dos muitos encontros de orientação, Meran Vargens indicou o livro *Encontros com o Griot Sotigui Kouyaté* da autoria de Isaac Bernat<sup>11</sup> e, maravilhosamente, a busca por relacionar os contadores de histórias com as memórias dos meus *velhos contadores* tornou-se ainda mais eficaz graças à presença do *griot*.

O *griot* está enraizado na sociedade africana e a tradição confere-lhe um status particular nessa sociedade, possuidor de uma grande liberdade com a palavra, utiliza-se das questões sagradas sem a sacralidade vista em outros sábios e construtores do conhecimento. A partir dos encontros com Sotigui, da tradição *griot* e das reflexões obtidas deste contato, Isaac Bernat constrói uma pesquisa em que questiona se o ator, indivíduo e artista, desenvolvendo a sua identidade artística, estaria habilitado a atuar de maneira mais integral e pessoal, e se dessa forma conquistaria a autonomia de “artista criador e portador de uma palavra transformadora”.

De escrita clara e objetiva foi possível acompanhar as descobertas de Bernat ao universo do magistral ator-*griot* / *griot*-ator Sotigui Kouyaté, sendo que a passagem que mais me interessa, enquanto subsídios para essa pesquisa, trata-se do capítulo onde Bernat traça um panorama histórico da origem e do papel do *griot* na sociedade malinca.

A partir daí busquei conhecer mais sobre a figura do *griot* africano, através da vida e obra de Sotigui Kouyaté, e assim construir conexões com os meus *velhos contadores*. Deixando claro que aponto tais conexões unicamente como reverência às experiências e memórias de Sotigui, exemplo de sabedoria, simplicidade e generosidade no compartilhar de experiências.

---

<sup>11</sup>Nasceu no Rio de Janeiro, em 1960. Ator, diretor e doutor em Teatro pela UNIRIO, é professor de interpretação da Faculdade CAL de Artes Cênicas e da UniverCidade. Foi professor também da UNIRIO e da PUC- Rio. Tem atuado há 37 anos em teatro, cinema e televisão.

## 2.4. O Griot Sotigui Kouyaté e os Meus Velhos Contadores

*Eu ensinei esses meninos com tanto amor que hoje, às vezes, eu fico triste quando vejo como é que a nossa educação está, a diferença social continua...*

Martha Muniz

A tradição oral representa o patrimônio cultural de uma sociedade que foi constituída por intermédio da memória coletiva, onde se inclui contos, canções, poemas, danças e teatro. A narrativa desse patrimônio ocorre através da memória que associada à oralidade se dirige ao coletivo.

Neste cenário, destaca-se a figura do *griot*, o guardião da memória. Por meio da hereditariedade, o *griot* mantém, com o auxílio da oralidade, a tradição da comunidade à qual pertence. Tamanha era a importância dos *griots* na cultura africana – transmitir as lendas, os ensinamentos e perpetuar entre as gerações as mais variadas *histórias de vida* – que eles eram poupados pelos próprios inimigos em momentos de guerra. Quando morria um *griot* o seu corpo era enterrado dentro de uma enorme árvore chamada Baobá, para que suas histórias e canções germinassem da mesma forma que as folhas das árvores.

Segundo Amadou Hampâté Bâ (2003), não existe uma África e não há um homem africano, tão pouco uma tradição africana para todas as regiões e todas as etnias. Por isso, é preciso delimitar o estudo aqui apresentado, como sendo de uma região específica da África, que é a Ocidental.

Há três tipos de *griots*:

- ✓ Os *griots* músicos: tocam qualquer instrumento (monocórdico<sup>12</sup>, guitarra, corá<sup>13</sup>, tantã<sup>14</sup>, etc.). Normalmente são excepcionais cantores, preservadores e transmissores da música antiga, e, além disso, exímios compositores;

---

<sup>12</sup>Antigo instrumento musical, de treinamento e laboratório, composto por uma caixa de ressonância sobre a qual era estendida uma única corda presa a dois cavaletes móveis. Seu uso já era registrado ao tempo de Pitágoras (c. 582 - 500 a.C.) para estudo e cálculo das relações entre vibrações sonoras.

- ✓ Os *griots* “embaixadores” e cortesãos: são os responsáveis por mediar os casos de desavenças entre as grandes famílias. Estão sempre ligados a uma família nobre ou real, e em alguns casos a uma única pessoa;
- ✓ Os *griots* genealogistas, historiadores ou poetas (ou os três ao mesmo tempo): em geral são contadores de histórias e grandes viajantes, necessariamente não estão ligados a um núcleo familiar.

Os relatos presentes na contação de histórias dos *griots* revelam os momentos sociais adquiridos através da prática de contar. São relatos relacionados com a identidade coletiva, o que permite uma identificação com a sua comunidade. Daí o prestígio social conferido pela tradição.

Na sociedade africana ocidental, fundamentada sobre o diálogo entre indivíduos, grupos e etnias, os *griots* são os agentes ativos das palavras e por possuírem independência na sua fala, são livres até mesmo para dizer coisas sem prudência, não existe a disciplina pela verdade, sendo que estão aptos a proferirem palavras de bênçãos ou maldições. Por isso é costumeiro dizer que o *griot* possui duas línguas.

Um outro nome para os *griots* é *dieli* (Bambara) que significa sangue. E como sangue que circula nas veias, eles circulam no corpo da sociedade se ocupando das múltiplas tarefas para as quais são designados. Existe uma frase clássica que diz: “o *griot* tanto pode construir a paz como causar a guerra”, vai depender exclusivamente de suas ações perante os seus.

Aqueles que constroem a paz são chamados de *djeli-faama* ou *griot-rei*, que nunca se aproveitam de sua posição e dos direitos que o costume lhe permite em relação à palavra. Esses são exemplos de coragem, generosidade, solidariedade e sabedoria.

Na cultura africana, existem várias categorias e nomes distintos para os contadores de histórias, de acordo com a cultura que representam. São os *dialis*, os *kpatita*, os *ologbo*, os *arokin*, que reviveram, nas

---

<sup>13</sup>Instrumento de cordas tradicional dos povos mandigas da África Ocidental, tendo uma caixa de ressonância feita de cabaça e suas cordas eram originalmente feitas de pele de antílope com um braço que sustenta até vinte e uma cordas, e nos certos casos mais. É o instrumento tradicional que acompanha os *griots*, trovadores errantes, mistura de poetas e cronistas. O corá é um instrumento mágico, uma espécie de harpa africana, que os músicos tocavam para as famílias nobres do Império Mandinga, antes de que os colonizadores europeus criassem os Estados e as Fronteiras.

<sup>14</sup>Instrumento de percussão, que consiste de um tipo de tambor de formato cilíndrico ou afunilado (tipo atabaque), com o fuste em madeira ou alumínio. Possui uma pele animal ou de poliéster (sintética) em apenas uma das suas extremidades. Seu diâmetro pode variar, os mais usados são de 12”, também chamado de rebolo, tantã de corte ou tantanzinho e o de 14” que possui um som mais grave como o do surdo. Este instrumento é de marcação, e é tocado com as mãos para tocar samba e outros ritmos característicos da mesma origem.

histórias que contavam a memória da cultura de África. Os *jeliya* são *griots* em especial na Gâmbia e no Senegal; são os transmissores da tradição Bambara, Senufo e Mali que dialogam com as tradições Bantu e Dahomery, cuja narrativa é feita embaixo da copa de uma árvore, ao som da corá. Os *Kouyaté*, na Guiné (no Noroeste africano), são os responsáveis por zelar pela memória coletiva e pela conciliação do grupo ao qual pertencem e, assim, preservar, por meio da oralidade, a história do continente e o equilíbrio da sociedade. Os *Djeli*, *Jali*, na cultura mandingue, realizam uma série de funções importantíssimas, como a preservação da história e do conhecimento mandingue; sua palavra se faz presente em cerimônias como casamentos, funerais, iniciações, mediações de relações pessoais de diversos tipos, contando histórias, tocando o corá e cantando. Os *akpalôs*, *duelis* e *alôs* são contadores de história na cultura nagô (MELO, 2009, p.149)

Diante da enorme variedade de *griots* e das peculiaridades que os tornam únicos, seria leviano caracterizá-los de maneira uniforme, portanto os aspectos que se seguem fazem referência aos *Kouyaté*, e essa escolha se deu exclusivamente por serem os “responsáveis por zelar pela memória coletiva e, (...) preservar, por meio da oralidade, a história do continente e o equilíbrio da sociedade” (BERNAT, 2013, p.62).

Por intermédio da palavra, o *griot* será sempre um depositário da história e das antigas tradições. Apesar de ser sempre o mais fraco e covarde nas lendas, ou seja, de suscitar desconfiança de outros grupos por não ser um homem da ação e dos ofícios práticos, o *griot* compensa esta incapacidade no plano material através da habilidade com a palavra, a música e a memória (BERNAT, 2013, p.62).

Essa citação remete a minha afirmação presente no capítulo I, tópico 2.3 – *De Tempo e Memória Somos Feitos*, onde caracterizo a memória do *velho*, que por terem atravessado um tipo de sociedade com características já familiarizadas e por reconhecerem as suas estruturas de referências familiares e culturais, a memória atual destes indivíduos pode ser melhor desenhada. De modo que, naturalmente é delegado a este *velho* a tarefa de fazer uso de suas memórias através da contação das histórias de família.

A educação, nas comunidades da África Ocidental, parte do convívio da criança com seu pai e avô. Este convívio é que oferece o seu legado de *griot* como forma tradicional de passar os seus ensinamentos aos seus descendentes.

A educação africana é recheada de regras de comportamento e respeito aos mais *velhos*, servindo de exemplo para sociedades como a nossa que os excluem das decisões e, muitas vezes, do convívio familiar.

Assim Sotigui relata a sua relação com seu pai e avô:

Perdi a minha mãe aos 10 anos. Ao mesmo [tempo] que foi um choque, me aproximou muito de meu pai, que preferiu me mandar para uma escola corânia. Meu pai e meu avô eram sábios, tinham experiência de vida. Além de *griots* e chefes de *griots*, eram também mediadores de conflitos na mesquita. Eu tive esse privilégio. Eles diziam que há três tipos de educação: *pela palavra, pelo olhar e pelo silêncio*. Quando o meu pai falava com os olhos, eu sabia; quando ele queria que eu aprendesse alguma coisa pelo silêncio, eu também sabia (Les Chemins de Sotigui Kouyaté, 2002. Grifo meu).

Aqui o dado importante a se levar em consideração é o respeito à experiência do outro, saber que quando nos colocamos abertos para aprender, somos encharcados de ensino e sabedoria. Segundo Bernat, cuja pesquisa o possibilitou acompanhar de perto a vida de Sotigui, a relação estreita entre o *griot* e seu pai foi responsável por grande parte de seu aprendizado em mediar conflitos. A transmissão desse conhecimento se deu no dia a dia e pôde ser exercida tanto pela palavra, quanto pela observação.

Alguns dos *velhos contadores* que tive o privilégio de escutar, na particularidade de cada história, ainda que não tivessem uma figura paterna/materna a se espelhar, confidenciaram que sabiam que era necessário aprender através do outro, ainda que isso tenha sido conquistado a “duras penas”, como no caso de dona **Dioneia**, moradora mais antiga do Abrigo Dom Pedro II, em Salvador. O seu jeito simples e de voz melancólica encontra alento na rememoração das aventuras infantis e nos ensinamentos deixados pelo seu grande herói da infância: seu avô.

Retomando os relatos de Bernat é possível ficar sabendo de importantes passagens na vida de Sotigui Kouyaté que fizeram dele um respeitável *griot*. Dentre elas, destaco aquela que faz referência ao seu *ritual de iniciação*. Isso se deu nos arredores de *Bobo*, em *Burkina Faso*. Local considerado sagrado onde os jovens ficavam sob a orientação de iniciadores.

De acordo com as informações, a intenção era afastar os jovens das famílias para que assim eles pudessem experimentar viver uma forma completamente diferente daquela já acostumada em seio familiar. Sendo, afinal, este um dos objetivos do *ritual de iniciação* – sair do seu referencial familiar e cotidiano para conquistar o seu autoconhecimento, o caminho para qual irá seguir será escolhido agora por esse indivíduo, arcando assim com as suas decisões.



Sotigui costumava dizer que ninguém pode dar aquilo que já não está consigo. Era preciso desapegar-se do anseio material, era preciso conter o domínio do ego sobre o espírito. E acima de qualquer outra coisa, estimular o exercício da tolerância e da paciência, assim Sotigui revela o que estava por trás dessa experiência: “No início eu não conseguia compreender o que meu pai queria, mas depois compreendi. É muita informação. É para compreender que as coisas não se passam sempre como se passa com você. É preciso poder se adaptar” (Les Chemins de Sotigui Kouyaté, 2002).

Joseph Campbell em seu livro *O Poder do Mito* fala sobre a necessidade de passar por um *ritual de iniciação*. Para Campbell, a façanha do herói se inicia com alguém a quem foi tirado alguma coisa ou que se sente deslocado entre as experiências normais dos membros da sociedade. A pessoa parte então para uma jornada fora da sua normalidade, quer para recuperar o que perdeu ou para se descobrir nesta sociedade.

Esta jornada tem algo de espiritual, já que o jovem evolui de uma posição psicológica de imaturidade para a coragem da autoresponsabilidade, dessa passagem ele morre e renasce. Sendo esse o motivo básico do périplo universal do herói.

O seu **Rosalino** passou por uma experiência que entendo como próximo a um *ritual de iniciação*. Este “ritual” não aconteceu em um lugar distante e sob orientação de iniciadores. Sua iniciação à vida adulta aconteceu debaixo do seu próprio teto e sob o direcionamento de sua própria mãe.

[...] E aí eu fui muito sofrido, um tempo de infância muito sofrido porque a minha mãe não tinha condições de sustentar os “filho” que ela tinha, não era só... “era” cinco! Ela achava eu, assim, mais desenvolvido na inteligência, né? E ela não queria que eu ficasse no meio dos “otros”, lá não tinha colégio, não tinha instrução quase nenhuma... aí me dava, não sei se era boas intenções dela, ou... não sei... sei que ela disse que não dava porque não tinha condições de me criar porque eu era um menino muito ativo, muito destacado dos “otros”, então ela queria aproveitar. Aí ela me botou pra “outras pessoa” me criar... que eu fui criado assim, de mão em mão pelas “outras” pessoas, né? Até os meus quatorze anos quando eu tomei a minha decisão e fugi de uma casa, também... aí daí eu fui trabalhar de empregado doméstico... aí pronto, Bonfim, aí eu fui criado aqui nessa região de Boa Viagem... Monte Serrat, Ribeira... de empregado doméstico... depois eu fui crescendo mais e trabalhando já por conta própria e levando a minha vida assim... de alguma forma tudo isso que aconteceu comigo serviu pra formar a pessoa que me tornei... minha mãe, e todas as “pessoa” que passaram por minha vida deixaram essas coisa que eu acabei tomando pra mim e agradeço por todos eles. (DOS SANTOS, Rosalino. Entrevista I. [fev. 2017]. Salvador, 2017. 1 arquivo .mp3 [ 2h15 min. e 01 segs.]).

Ainda segundo seu **Rosalino**, ele enfrentou a passagem da fase pueril da infância e adentrou a fase das responsabilidades de maneira atropelada, sem que tivesse tempo e maturidade para entender tudo aquilo que estava acontecendo.

Seu “*ritual*” o forçou a tomar as suas próprias decisões, arcando com o bônus e o ônus. É como diz a dona **Martha Muniz**: “*A gente só percebe que deixou de ser criança quando somos obrigados a crescer*”.

Os *velhos contadores* ouvidos nesta pesquisa se posicionaram de maneira parecida quando se lembravam do início da juventude, a fase de intensas descobertas, da necessidade de se colocarem no mercado de trabalho, de se apaixonarem e desapaixonarem, tudo isso corroborando para mudanças que, em alguns dos casos apresentados, só foram entendidas tempos depois.

A tecelã, dona **Martha**, rememora um importante fato em sua jornada que a fez mudar de pensamento, repensar a sua vida e mudar de postura. De maneira inesperada, ela viveu transformações tão profundas que a fizeram expandir o seu olhar e a valorizar o seu trabalho artístico, vendo na arte uma forma de superação.

Quando sai da Liberdade [*bairro de Salvador*] eu já tinha uma filha, não me casei, tive uma filha... e o processo que tive na minha família com a questão da cor da pele, o pai da minha filha teve o mesmo comportamento. Quando eu engravidei, já namorava com ele há quatro anos e ele disse que não casaria de jeito nenhum comigo porque eu não tinha nada a ver com a mulher que ele queria... a pele, a cor, o cabelo nada! (...) E olha que dei condições a ele de frequentar ambientes que ele nunca... tá entendendo? Quer dizer, hoje eu estou falando isso, dessa maneira, mas antigamente eu chorava como o que... era uma dor muito grande, hoje tenho consciência de que certas coisas acontecem em nossas vidas para a gente crescer e reconhecer quem somos de verdade, a dor ainda que difícil de passar, ajuda a gente a amadurecer. Pra você vê... tive preconceito com a minha mãe, não aceitava o jeito que ela era, eu te contei, né? Escondia das minhas amigas quem ela era! (*Pausa longa*) Comecei lá atrás eu com minha família e veio para o pai da minha filha... foi uma coisa assim horrível. [*Pergunto como ele era fisicamente*] Ele era negro, mas o pior racista daqui da Bahia é o próprio negro, o homem negro que tem uma condição melhor não valoriza a mulher negra, mas não mesmo! Ele só veio a registrar minha filha quando ela já tinha três pra quatro anos. (...) Eu não sei se o que sentia por ele era amor, porque uma pessoa fazer da sua vida o que fiz com minha vida eu não aconselho a ninguém! (*pausa*) O potencial que eu tinha e tenho eu não avancei por conta de pessoas como ele, entende? Se fosse antigamente eu ia contar tudo isso pra você chorando... Foi o trabalho que me ajudou a superar muitas dessas coisas que vivi. (...) Quando eu saí do IPAC eu fui trabalhar no SESI, aliás, antes eu trabalhava no SESI aí quando eu engravidei não pude ficar no SESI, porque eu não casei (Neste momento não consigo esconder minha surpresa) Era rapaz! Isso

aconteciam... tinha dessas coisas, acabei sendo demitida... Eu não estava ainda como fixa, eles iriam me contratar, eu ainda comprei um vestido dizendo que ia me casar e tudo mais, mas acabei falando lá tudo que tava acontecendo. Resultado: sai do SESI. Aí eu tive o convite de ir trabalhar no IPAC, aí vim trabalhar aqui no Pelourinho, era aqui perto, aqui dentro do Maciel. [Perguntei qual a função que ela exercia] Eu era professora. Aí quatro anos depois eu peguei o jornal e aí vi: precisa-se de instrutor na área de tecelagem, Serviço Social da Indústria. Aí eu falei que ia lá, que ia fazer esse concurso... eu ia me inscrever. Aí Maneca, o pai da minha filha me disse: Você é louca, Martha, você teve aquele problema. E eu disse que ia lá. Então fiz o teste e passei, nisso já não era mais a mesma diretora, era outra... aí fui de novo pro SESI. (...) Quando passei a valorizar a minha arte e a me valorizar as coisas começaram a mudar em mim. (MUNIZ, Maria Martha. Entrevista I. [out. 2016]. Salvador, 2016. 2º arquivo .mp3 [3h. 09 min. e 11 segs.]).

Sotigui também passou por importantes mudanças quando da chegada da juventude. Nesta época a África passava por mudanças irreversíveis: o tempo dos *griots* de serem mantidos pelos nobres havia passado e, portanto, eles não teriam mais condições de serem exclusivamente *griots*. Assim, era preciso buscar o sustento diário através de outros trabalhos.

Sotigui, por exemplo, passou por várias profissões. Foi tão eclético nos seus serviços que favoreceu a ampliação do seu olhar, destacam-se: datilógrafo, enfermeiro, funcionário de banco, funcionário do Ministério da Saúde, funcionário da Companhia Francesa do Comércio e da Indústria (CFCI), cantor, compositor, coreógrafo, bailarino, boxeador e jogador de futebol.

O fato de estar, através destes trabalhos, ainda mais inserido socialmente pôde auxiliar nosso *griot* a conhecer mais de perto os indivíduos de sua comunidade. Um conhecer que vai além das palavras ditas, um conhecer ligado às ações. E o *griot* por ser, acima de tudo um sábio, um ensinador itinerante, o que poderia ser ruim – acumular funções além do *griot* – tornou-se algo aprazível e encorajador.

Enxergo nos *velhos contadores* a transmissão de uma sabedoria que, acredito, vir também deste lugar das relações construídas com o tempo. Olhar o outro e dele extrair ensinamentos. A experiência que vem pelas relações humanas, a troca que acrescenta.

Cabe ressaltar que o meu olhar de ator-pesquisador, em todo instante da percepção e apreensão das memórias de vida, era contaminado pela sabedoria expressa em cada palavra, em cada gesto, em cada olhar... uma presentificação singular e que alimentou a minha pesquisa e me fez encontrar a *poiesis* presente em cada um daqueles indivíduos.

Consciente de que um *griot* é capaz de transcender fronteiras, entrar em contato com o desconhecido e daí se fortalecer para novos desafios e descobertas, Sotigui adentra a vida teatral de forma inesperada, tornando-se ator.

Da mesma forma que aprendi a tocar violão sozinho, não passei por nenhuma escola de teatro. Passei a frequentar a grande escola da vida. Foi um amigo meu (...) que me convidou para fazer teatro. O teatro não me interessava. Ao montar uma peça histórica sobre Burkina Faso (antes da colonização), ele precisou de ajuda para coreografar uma dança guerreira. Nós *griots* estamos sempre à disposição, porque o *griot* está a serviço de todo mundo. Ainda mais quando é um pedido de um amigo. Então eu montei essa dança. Acabei ficando no espetáculo, porque as pessoas que levei saíram. Então eu não pude abandonar Dicko [o amigo]. A peça foi premiada e acabou viajando durante um ano por todo o país. (Sotigui Kouyaté – Portrait Sensible, 2001).

Em 1967, Sotigui acaba criando o seu grupo teatral “Companhia do Alto Voa”. Os espetáculos deste grupo eram relacionados a temas da tradição africana e também textos do teatro clássico oriental. Logicamente, Sotigui levou para a cena toda a sua experiência *griot*. Para ele, segundo Isaac Bernat, o corpo e os gestos devem ser absolutamente naturais e sem uma estilização ou um formalismo nestas decisões.

Para um *griot* estão unidos teatro e vida. O ator e o indivíduo. Toda a ação a ser executada está relacionada às necessidades da situação vivida, ou dos personagens, os quais, o contador venha a assumir durante a sua contação de histórias.

Esse entendimento de Sotigui, enquanto ator, está vinculada a maneira como o *griot* se abre para o outro, sem que isso o faça esquecer das suas raízes... nenhuma técnica estará acima deste princípio. E sendo avesso às regras, a sua maneira de entender a arte da atuação jamais foi imposta como sendo àquela a seguir. Segue quem se sente acolhido por ela.

Os verdadeiros encontros experimentados nesta pesquisa, aqueles que Sotigui diz acontecer através da escuta que é sensível ao outro, tornaram a minha prática ainda mais prazerosa e enriquecedora. O que experienciei foi a possibilidade de investigar o indivíduo, e a mim mesmo, naquilo em que se deixa ser visto.

Ao conhecer pessoas dispostas a se revelarem através das suas memórias, entrelaçando-as com as minhas, pude materializá-las através de gestos e sensações, transportando-me para um mundo até então desconhecido, mas que há tempos desejava encontrar.

### 3. CAPÍTULO III

#### O MERGULHO DE UM ATOR NAS MEMÓRIAS

*Têm determinados comportamentos que marcam, né?*

*Martha Muniz*

Cumprida a etapa de coletar as memórias dos *velhos contadores* era a hora de reuni-las em torno de um objetivo específico: investigar o seu uso enquanto instrumento de um ator para, cenicamente, recontar essas memórias. Como já era de se esperar em uma pesquisa que investe em um diálogo entre a prática e a teoria, alguns percalços surgiram durante o processo que, de certa forma, se tornaram primordiais para a sua evolução.

No experimento prático foi preciso me desapegar de ideias, propostas e modelos formulados por um encenador específico e abrir minha escuta para as narrativas das memórias desses *velhos*. Fui entendendo que seriam elas e o modo de contá-las os responsáveis por nortear a minha investigação pela busca de um entrecruzamento das minhas memórias com as dos *velhos contadores*.

Mas até chegar nesta configuração a investigação foi se construindo de maneira processual. A princípio o foco estava na elaboração de um espetáculo teatral centrado na figura de uma única personagem que fosse a personificação desses *velhos contadores*. Cabendo a ela narrar, através de suas memórias, um pouco sobre a história da cidade de Salvador.

Porém, nas experimentações em *meu quarto*, notei que durante a contação das memórias dos *velhos contadores* eu não me lembrava de alguns detalhes, tinha “brancos” que atrapalhavam a narrativa. Assim, ao me afastar da necessidade de decorar todas aquelas histórias, resolvi criar uma regra para a continuidade da experimentação: caso viesse a repetir os “brancos” eu iria prosseguir com a contação; para tanto incluiria até mesmo uma memória que não fosse desses *velhos*.

O que o leitor irá acompanhar neste último capítulo é justamente o relato desta investigação que culminou na elaboração da célula de um experimento com duração de *10 minutos* (no processo a duração ampliou-se para *15 minutos*). Experimento esse que foi apresentado no apartamento de alguns amigos como tentativa de manter o caráter intimista conquistado no *meu quarto*.

Esse experimento prático foi também importante para entender e absorver os pormenores dos conceitos de memória formulados por Bergson e Halbwachs. Ainda que conceitos voltados para a formação da memória, transporte-os para a relação que estava sendo construída nesta pesquisa, concentrada em: *velhos* – contação de memórias – narrativa – ator.

Quando Bergson afirma que a lembrança, antes de ser atualizada pela consciência, “vive” em estado latente e potencial, chamado inconsciente, e que negá-lo significaria o mesmo que negar a existência de objetos e de pessoas que se encontram fora do nosso campo de visão, percebi que cometia um equívoco quando do melhor uso das memórias coletadas. Explico...

O “eu pesquisador”, inundado por inúmeras certezas, estava anulando as potencialidades do meu inconsciente. Por ter tido desde o início a convicção de que encontraria *velhos* com interessantes histórias de vida, acabei me preocupando muito mais com o resultado artístico que poderia obter do que precisamente com a sua assimilação.

Em outras palavras, o meu interesse estava na tentativa de traduzir artisticamente aquelas histórias e para tanto o meu consciente trabalhava na criação de uma postura corporal e vocal que conseguisse capturar os clímax e temperaturas presentes nas contações. Assim, foi preciso uma extrema atenção na reprodução dos vícios de linguagens e gestos que se repetiam e que davam o colorido particular a cada contação.

O conceito criado por Halbwachs (1999, p.58) onde diz que a “memória individual não está isolada e fechada” de certa maneira avaliza minha experimentação, *a priori* inconscientemente, em recontar as memórias coletadas em comunhão com as minhas próprias memórias. Encontrei neste recurso a maneira de cumprir com a tal regra criada por mim: não deixar que os lapsos de memória atrapalhassem o fluxo da contação; assim acabei agregando as minhas histórias com as dos meus *velhos contadores*.

Essa metodologia de trabalho encontra coró na fala de Benjamin (1994) a qual declara que a narrativa oral, mais do que transmitir o “puro de si” daquilo que foi narrado, se interessa em “mergulhar a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”, o que torna essa “forma artesanal de comunicação” como algo vivo e entrelaçado com o indivíduo, sendo maior que uma simples informação ou relatório do que se conta.

As primeiras experimentações aconteceram em *meu quarto*, neste período, durante três semanas em dias alternados, o ato de recontar as memórias coletadas era puramente técnico. O exercício era simples e consistia em escutar os áudios dos encontros para em seguida, sem nenhum aquecimento corporal ou vocal, repeti-las sob o olhar de quem havia, apenas, escutado as histórias, reproduzindo os gestos corporais e entonações vocais na tentativa de aproximar o “quem ouve” com o “quem conta”.

Na quarta semana de experimentações, passei a contar as histórias sem ouvir os áudios, muitas das histórias compartilhadas já faziam parte da minha memória e sentando numa cadeira com o olhar fixado para uma plateia imaginária continuei a imitar os gestos e as entonações vocais. Foi exatamente nesse período que surgiram os “brancos” da memória.

Nesse primeiro mês de investigações percebi que estava somente transmitindo informações, que tudo o que havia experimentado de sensações e emoções durante a escuta havia ficado guardado em algum lugar no passado. Ainda que durante a contação eu me sentisse presente e inteiro, considerei as primeiras contações altamente burocráticas e frias, sem que aquelas histórias me atravessassem e me fizessem sentir inserido nelas.

Era preciso, de fato, um mergulho.

Sotigui Kouyaté acredita que o artista que se afirma enquanto indivíduo, leva em consideração as suas raízes, tradições, histórias familiares e tem em mente que as respostas que tanto se busca está dentro de si mesmo.

Portanto, seguindo a sugestão do mestre *griot*, o mergulho vivenciado nesta investigação criativa acabou sendo para dentro de mim, um mergulho levado pelas palavras, pelos gestos, pela presença e pelas memórias reveladas.

Convido o leitor a me acompanhar neste mergulho e entrar no meu lugar de investigação: *o meu quarto*. Lá experimentei sensações que auxiliaram no meu desenvolvimento prático e compreendi que através das minhas memórias eu poderia me conectar às outras, possibilitando expandi-las para *além do meu quarto*.

### 3.1. A Palavra Expressiva ou “A Palavra que *Preenche o meu Quarto*”

*Eu queria que Deus ficasse ao meu lado e que o pessoal fosse cuidar da vida deles!*

*Dionéia Lima*

Quando criança eu tinha o costume de criar histórias ficcionais e brincar de contá-las para uma plateia de convidados, também ficcionais. Essas histórias eram baseadas em situações que eu via acontecer entre meus familiares e/ou em livros que gostava de ler. O ato de criar e contar histórias acontecia sempre em *meu quarto* e jamais poderia imaginar que anos depois, eu estaria de novo nesse ambiente elaborando e contando histórias, só que dessa vez sob o ponto de vista do pesquisador.

A princípio, a proposta do experimento prático era a de ser realizada em uma sala de ensaios, sob a supervisão de um diretor convidado e as memórias coletadas dos *velhos* serviriam como base dramatúrgica para a formatação de um espetáculo teatral. Porém, à medida que o tempo foi passando e questões adversas aparecendo, descartei a presença de um diretor e do uso da sala de ensaio e consciente de que precisava seguir com a pesquisa e iniciar o experimento prático, fui para o meu lugar de refúgio.

O exercício de recontar sozinho as memórias dos *velhos* em um quarto, sentado em uma cadeira, de frente para uma plateia imaginária, me forçou a sair de um certo *comodismo criativo*. Até então os processos artísticos nos quais participei, a presença de um diretor e de um texto dramático estavam, para mim fixados como pontos primordiais para a criação de uma personagem.

Pela primeira vez me vi sem essas referências, precisei me reinventar e acima de tudo confiar na minha intuição. Os percalços iniciais me forçaram a buscar alternativas que impulsionaram a minha *autonomia criativa*.

Fazendo uso das memórias de terceiros, estive diretamente em contato com emoções das mais diversas – da alegria à tristeza, da frieza à excitação – que, ao acessarem as minhas próprias emoções possibilitaram a realização de um trabalho vivo de contação. Foi preciso, então, compreender e aproveitar os detalhes de cada história compartilhada. Para o desenrolar da pesquisa foi necessário chegar o mais próximo



possível de um real entendimento dessas histórias para assim me sentir absorvido por elas.

Ao completar um mês de pesquisa prática em *meu quarto*, interessado em repetir os gestos e a forma de falar dos *velhos contadores*, notei que minha atenção estava mais voltada para a construção de uma partitura física do que para o exercício de narrar as memórias. Os gestos e movimentos demandavam uma atenção tamanha que ainda que fosse belo e correto em sua execução, as ações efetuadas pelo meu corpo estavam tão mecânicas que chegaram a atrapalhar o meu envolvimento com as memórias.

Na tentativa de solucionar essas primeiras inquietações, resolvi voltar minha atenção para as narrativas. Decidi que seria mais produtiva para o desenvolvimento da célula do experimento cênico partir para uma escuta mais atenta dos áudios das conversas e cuidadosamente ir escolhendo falas capazes de traduzir as opiniões, os desejos e o olhar sobre a vida de cada *velho*, dando o foco necessário para o *idioleto* (linguagem particular) que cada um utilizava para contar a sua própria história.

Partindo do pressuposto que cada um tem a sua própria linguagem, este *idioleto* denota as inúmeras variações linguísticas presentes em nosso cotidiano e são formadas por fatores geográficos, sociais e até mesmo influenciadas pelo modismo de uma época. As variações acontecem porque sendo o princípio fundamental da língua a comunicação, é compreensível que seus falantes façam rearranjos de acordo com as suas necessidades comunicativas. No decorrer das contações ficou evidente, pelo vocabulário e pela forma como relatam suas memórias, que o universo social de cada indivíduo atribui um colorido e um sabor diferente nas narrativas apresentadas.

Estes diferentes falares devem ser considerados como variações, e não como erros. Quando tratamos as variações como tal, incorremos no preconceito linguístico que associa, equivocadamente, a língua ao *status*.

Seu **Rosalino**, semianalfabeto, falante e um exímio contador de causos é o exemplo mais claro de uma linguagem que traduz o indivíduo para além daquilo que ele se deixa revelar. E é justamente com ele que inicio minhas observações sobre a palavra expressiva e sobre a linguagem apresentada por cada *velho contador* nos encontros que tivemos.

O que me marca foi assim... o sofrimento que eu tive... de minha mãe não poder me criar, me dá um bom colégio. Que eu vim estudar quando eu fui pra petroquímica, através de um amigo que me colocou lá, eu fui de ajudante... de ajudante de eletricidade. E porque eu tinha vontade aí pedi que eu queria trabalhar de eletricista, então ele era

amigo, aí ele *[reproduzindo]* “Vou botar lá!” Eu nem sabia escrever e nem ler direito. Segundo ano, né?! Segundo ano. Por isso mesmo que eu fui pro Mobral pra poder estudar. É uma coisa que me marcou assim...que eu sempre conto pra as pessoas foi que por eu não ter muito estudo era discriminado na firma. Recebia discriminação! Inclusive do supervisor... toda de manhã quando ele chegava, ele já vinha com a chave do carro dele pra eu lavar o carro. *[Silêncio]* Enquanto os outros ajudantes tava aprendendo a profissão porquê tinha estudo. Aí já era um meio de discriminação... como quem diz: *[reproduz]* “Ele não sabe ler. Ele tem que lavar o carro aí e não aprender!” Aí quando foi um dia, por eu ser empregado da firma, não ser empregado dele aí eu virei pra ele: *[reproduzindo]* “Figueiroa, eu não vou lavar seu carro hoje não.” Aí ele disse: “Por quê?” Aí eu disse: “Porque eu não sou empregado do senhor pra lavar carro. Sou empregado da empresa. Enquanto os outros tá aprendendo profissão, eu tô lavando seu carro. Então não vou lavar seu carro não!” Aí ele disse: “É? Tudo bem!” Aí tomou a chave e mandou eu ir pro campo trabalhar. Mas a firma todo ano, ele dava um... um aumento... que tinha o aumento do governo e tinha o aumento de... da firma mesmo que dava pra num... aí todo mundo teve aumento, os ajudantes teve aumento, pegava o envelope, dando risada, pelo aumento que teve, além do governo, ne! A firma dava o aumento aí o meu não veio. Aí eu cheguei pra Figueiroa e disse: “ Figueiroa, todo mundo teve aumento por que eu não?” Ele virou pra mim e disse: “ Cê quer aumento?” Eu disse: Quero, claro! Tenho direito também!” Ele disse: “Não! Você não tem direito. Se você quiser aumento, você vá estudar como eu estudei!” *[Silêncio]* Aquilo ali foi como uma... um tapa, uma bofetada que ele me deu, ne! Tudo bem. Eu já tava no Mobral estudando foi que eu me esforcei mais a estudar. (DOS SANTOS, Rosalino. Entrevista I. [fev. 2017]. Salvador, 2017. 1 arquivo .mp3 [ 2h15 min. e 01 segs.]).

Quando ouvia seu **Rosalino** contar histórias como esta, fiquei me perguntando de onde vinha tamanha vitalidade e vontade de viver. Dono de uma narrativa clara e consciente do seu percurso, esse senhor passou por inúmeros percalços na vida, percalços que poderiam fazê-lo desistir de seus planos e objetivos.

De acordo com sua fala, ele tomou as rédeas de sua vida e decidiu que era hora de mudar. Infeliz em seu casamento, pediu divórcio e resolveu que o asilo seria o seu porto seguro. Confesso que me surpreendi em encontrar alguém que escolhera viver em um asilo, ao invés de se alojar na casa dos parentes, porém seu **Rosalino** tanto quis que ninguém conseguiu persuadí-lo do contrário.

O trecho citado acima é só um dos exemplos da maneira envolvente como este senhor constrói uma narrativa de fácil compreensão, possibilitando-me embarcar nas histórias contadas sem ter a curiosidade em descobrir se tudo era mesmo real.

Nas duas horas e meia em que ouvi as histórias de vida de seu **Rosalino** foi possível perceber uma linguagem típica do indivíduo simples e sem estudos. Este fato em nada prejudicou o relato, ao contrário, tornou ainda mais interessante e atraente, colorindo à sua maneira, aquelas memórias que mais pareciam saídas de um desses causos do interior.

Servindo de catalisador, sua fala despertou-me algumas memórias correspondentes. Um exemplo disso ocorreu em *meu quarto* durante o exercício de recontar pela segunda vez as memórias de seu **Rosalino**.

Sentado em uma cadeira, posta em frente a uma parede branca, esqueci um trecho das memórias e no afã de lembrar acabei contando sobre um caso vivido pelo meu avô: Meu pai havia ficado muito doente e o médico o havia desenganado, porém ainda acreditando na cura, meu avô prometeu a Nossa Senhora Aparecida que iria a pé e descalço de Vitória da Conquista até Bom Jesus da Lapa. A distância de 378,8 km pouco importava... a cura veio e ele cumpriu sua promessa. A viagem foi longa e cheia de percalços (roubo, dormida no meio do mato), mas como palavra sua não voltava atrás, ele cumpriu sem reclamar.

Quanto mais eu experimentava copiar a forma de falar de seu **Rosalino** e sua expressividade corporal, mais me convencia de que para encontrar o estado do “eu sou”, a imagem interior alimentaria a elaboração da imagem exterior e que para isso seria necessário conhecer, além da psicologia do indivíduo a ser analisado, a minha própria psicologia.

Repetidas vezes, ao escutar os áudios das gravações, na tentativa de entender alguns discursos e comportamentos, me peguei analisando as memórias reveladas e fazendo juízo de valor de algumas atitudes. Isso mudou quando partindo para a fase prática da investigação criativa, me vi rememorando discursos e comportamentos parecidos.

Enquanto ator, na prática, acabei experimentando uma contação em que foi possível me conectar às sensações geradas a partir de situações de fraqueza e superação. palavras que traziam consigo uma atmosfera de insubmissão, de uma suposta negação pelos infortúnios da vida. Lembro-me de me impressionar quando da contação dessas memórias, onde as palavras mais marcantes foram: amizade, tristeza e Deus.

Foi em 96 que eu aí divorciei. Aí foi que eu comecei a morar sozinho, né! [Pergunto se tinha muitos amigos no bairro] Tenho! Bastante! Até hoje é tanto que quando... eu abro meu face é tudo da Liberdade. É

tudo da Liberdade. [Investigo se ele ficava com os amigos, na porta conversando] É! Exato! É... uma que eu sou evangélico, né! Uma que eu sou evangélico. O pessoal da igreja e tudo ali colégio ali da Liberdade, adventista, tudo ali... e eu sai pra passear nas rua que eu morava...que eu sou uma pessoa que gosto de fazer **amizade**. Se eu achar com quem fazer amizade boas eu faço, né! Não sou das pessoas fechada. Sou aberta, né! Então... aí todo lugar que eu chegava, as pessoas gostava de mim por eu ser assim... é... ser...não sou expansivo. Eu sou uma pessoa assim... gosto de fazer amizade, né! Tenho um bom relacionamento com as pessoas, com os vizinhos e com tudo. (DOS SANTOS, Rosalino. Entrevista I. [fev. 2017]. Salvador, 2017. 1 arquivo .mp3 [ 2h15 min. e 01 segs.]).

Bom, realmente, tem uma coisa que eu...eu tenho saudade realmente dessa filha minha de lá de... que mora em Dias D'ávila. Ela foi uma filha que tudo que ela me pedia, ela... eu fazia um tudo pra ela ser... pra ela... pra chegar na mão dela. É tanto que ela estudou aqui num colégio... não sei se você ouviu falar. Acho que não tem nem mais esse colégio. Então, tudo que ela pedia eu me virava e dava. É tanto que os outros irmãos dela ficavam chateados: [ Reproduzindo] “ É... tudo que Cristiane pede, painho dá! Quando a gente pede uma coisa e tudo ele manda esperar... é assim! E eu me dediquei muito a ela. Investi nela e tudo e hoje ela nem.. nem liga pra mim... eu magoado. Triste! Quando penso nela é **tristeza**! Tristeza mesmo! Não é alegria e nem nada. É tristeza! É tanto que os outros irmãos cobram isso de mim... [ Reproduzindo] “ Aí sua filha que você fez tudo por ela e tudo...ela nem liga pro senhor! “Mas é isso mesmo! (DOS SANTOS, Rosalino. Entrevista I. [fev. 2017]. Salvador, 2017. 1 arquivo .mp3 [ 2h15 min. e 01 segs.]).

Eu sou **Deus**... (pausa) Olha, quando eu olho pra mim, eu enxergo a Deus! (pausa) Eu sou um pedaço de Deus, você é um pedaço de Deus... Porque Ele diz assim “fazer conforme a minha imagem e a minha semelhança”. Aí quando eu olho pra você eu tô vendo Deus! Quando eu olho para o ser humano, eu digo: Deus é assim! Nariz, boca, tudo... assim! Então é essa imagem que eu vejo em mim, que eu sou a imagem de Deus. Como nós somos a imagem de Deus! [Agradeço pela entrevista. Digo que Deus o abençoe e afirmo que ele também está começando uma nova etapa da vida no abrigo] (...) É a gente nunca diz que termina. [Reafirmo que a gente não pode dizer] Enquanto tiver o coração batendo e feliz a gente tá vivo. (DOS SANTOS, Rosalino. Entrevista I. [fev. 2017]. Salvador, 2017. 1 arquivo .mp3 [ 2h15 min. e 01 segs.]).

Cada vez mais desejando investir na associação das minhas memórias com as dos *velhos contadores*, continuei o exercício em *meu quarto*. Sentado na cadeira e imaginando uma plateia diante de mim, recontei as memórias do seu **Rosalino** com um diferencial: desta vez eu acentuava (falando mais alto) as palavras citadas acima.

Esse exercício resultou na lembrança de quando deixei minha cidade natal (Vitória da Conquista, Ba.) e vim morar em Salvador afim de estudar artes cênicas na Escola de Teatro da UFBA – misto de alegria e tristeza, abandonando família e amigos, arriscando na fé e crendo que tudo daria certo – lembrança que associo diretamente com as palavras repetidas por seu **Rosalino**.

Já em relação aos relatos de dona **Martha Muniz**, talvez os mais orgânicos de serem absorvidos, o destaque fica para a maneira como fui tocado por sua narrativa. Cada palavra trazia consigo um emaranhado de emoções, destaque: *mãe, infância e respeito*.

E todo mundo chegava lá em casa e perguntava onde você achou essa roxinha? Que neguinha feia é essa? Parece uma niquinha... Não foi fácil... tanto que hoje tenho problema... tenho ido no psicanalista e tenho descoberto um monte de fatores que me levaram a ter determinadas coisas na minha vida que veio de infância e a gente nunca acha que isso vai dá um trauma no futuro, né? [*Pergunto: mas a senhora fala em relação ao preconceito?*] Sim, e da própria família, dentro da própria família (...) eu achava que minha **mãe** não era minha mãe porque como eu olhava para ela ... e as mães das minhas colegas eram todas jovens... minha mãe era bem clara, cabelo liso e eu nasci negra e todo mundo dizia que eu era muito feia: “ah ela é muito feia” e aí eu puxava meu cabelo... eu tinha um cabelo grande e fazia aquelas duas tranças (...) hoje acho engraçado mas na época não! Meu pai me dava tudo do bom e do melhor... me dava joias para superar e isso foi uma coisa boa num aspecto e ruim porque a minha irmã é muito simples e eu já sou diferente dela apesar dela ter uma situação financeira melhor do que a minha, mas ela sempre foi uma pessoa mais ajustada do que eu, sempre fui muito consumista (...) (MUNIZ, Maria Martha. Entrevista II. [out.2016]. Salvador, 2016. 1 arquivo.mp3 [3h. 9min. e 11 segs.]).

[*Peço que escolha uma palavra, uma frase ou uma imagem que pudesse sintetizar a Martha criança*] [pausa] Minha **infância**? ... Deixa eu pensar... minha infância... Ah, eu queria tá dando mais carinho pra meu pai, pra minha mãe... eu dei muito sabe? Eu sentava no colo... eu saía nua pela casa e meu pai dizia [*Mudando o tom de sua voz*] “Meu Deus essa menina, sinhá Sinezia ô pá sinhá Maria, meu Deus do céu...” até hoje eu gosto de ficar nua em casa, então eu tenho essa imagem... e mãe começa a ri e minha mãe dizia “Essa menina saiu de mim mesmo?”, não sei o quê... essa é a imagem que eu tenho, de brincar, gostaria que eles estivessem vivos pra me vê, né? (pausa) [*Peço que diga a imagem da adolescente Martha*] Sapeco, rueira, gostava de me vestir bem, comprava coisa caras e minha mãe tinha que pagar e ela ficava retada e minha irmã dizia que tava errado, e tava mesmo... aí menino como eu comprava, mas eu que costurava... eu costura as roupas de minhas colegas, eu costurava as roupas de Maria Helena, fazia igualzinho aos modelos....a formatura de minha

irmã eu que fiz o vestido dela... (MUNIZ, Maria Martha. Entrevista II. [out.2016]. Salvador, 2016. 1 arquivo.mp3 [3h. 9min. e 11 segs.]).

Fiz o curso na Escola de Belas Artes e nos anos 78 vim trabalhar aqui dentro do Maciel que é no Pelourinho... eu não conhecia o submundo e ensinei esses meninos com tanto amor e que hoje em dia fico triste quando vejo como a nossa educação está... a diferença social continua. Tá certo que o número de pessoas aumentou muito, mas eu fico assim observando que as crianças hoje é diferente da minha época, tinha coisas que era ruim naquela época, mas acho que tinha outras que era bem melhor que hoje. [*Pergunto se ela consegue identificar as diferenças*] Em termo assim de amor, de **respeito** ao mais velho, sabe? “Teve” muitas coisas que “avançou”, teve uma melhora em determinado aspecto e piora para outras, por que antigamente... na minha época, ave maria, se o vizinho chegasse e fizesse uma queixa a gente apanhava, tomava bolo... tinha que dá a bênção, sabe? Tinha que chamar o sr., a sra. ... Mas eu Tive uma infância muito boa. (MUNIZ, Maria Martha. Entrevista II. [out.2016]. Salvador, 2016. 1 arquivo.mp3 [3h. 9min. e 11 segs.]).

As histórias relacionadas as essas palavras me impactaram de tal forma que o meu desejo era de logo recontá-las, contudo preferi esperar para absorver o impacto pois acreditei que dessa forma afastaria a minha contação de uma superficialidade em que apenas a emoção daria o tom.

Esta mulher que me pareceu tão intensa e verdadeira em sua linguagem me mostrou o quanto podemos nos fortalecer mesmo diante das adversidades, uma identidade que passa pelo seu reconhecimento enquanto mulher negra que precisou criar sozinha a sua filha. Recontar essa história foi como reconhecer outras mulheres com esta mesma força que passaram em minha vida.

Foi significativo ouvir a tecelã **Martha Muniz** dizer que por conta da nossa conversa e da escuta da sua própria fala ela, além de voltar ao passado, conseguiu compreender as atitudes que precisou tomar frente às situações que lhes foram impostas. Confirmando a teoria de Bergson (1999, p.77) que diz que “a memória não é um retorno ao passado, mas algo que afeta o presente, projeta uma ação no futuro e se dá enquanto fenômeno interno ao indivíduo”.

Relaciono a forma como dona **Martha** conta as suas memórias, com o entendimento de Stanislavski, presente em seu livro *A Construção da Personagem*, sobre a palavra expressiva. Em determinado momento o diretor *Tórtsov* traz a seguinte sugestão, em relação ao trabalho do ator com a palavra:

Em primeiro lugar, dando à palavra o sentido com que a natureza a dotou; o pensamento, sentido, ideia, imagem, em vez de reduzi-la a uma simples série de ondas sonoras alvejando o tímpano. Façam uma pintura com a palavra, de modo que o indivíduo que vocês estão desenhando, que vocês têm na visão mental, e estão descrevendo para a personagem com quem contracena, se torne claro para ela. Ela poderá sentir se a pessoa por trás da palavra é bela ou disforme, alta ou baixa, agradável ou repelente, bondosa ou cruel. Procurem transmitir o que vocês veem e sentem, com o auxílio do som, da entonação e de todos os outros meios de expressão (STANISLAVSKI, 1999, p.209).

Se esse meu encontro com essa *velha contadora* fosse uma cena, eu diria que minha colega soube direcionar tão bem a sua fala que me afetou desde o primeiro momento. A forma como se “desnudou” e permitiu que a visse e aos outros, mencionados através das suas palavras, me fez pensar qual seria, de fato, o uso mais adequado da palavra numa encenação.

Lembro-me que em todo o momento de sua fala os seus olhos estavam direcionados aos meus e que em nenhum instante hesitou em contar a sua trajetória. Tanto que após contar, ela parava... fazia expressão de quem estava refletindo sobre o que acabara de contar e prosseguia. Algo me dizia que ao mesmo tempo em que ela contava as suas histórias, ela tomava consciência do seu percurso.

Assim como a palavra dita é importante para o ator, já que, entre outras coisas, almeja afetar “os outros, transmitindo-lhes as coisas que traz no coração e no espírito” e para o *griot* que a considera “carne, osso, sangue (...) e que tem a responsabilidade rigorosa social, política, [tornando-a] indissociável de uma utilidade” (BERNAT, 2013, p.51 ), dona **Martha** me mostra o quanto podemos tocar o outro através de uma palavra viva e expressiva, onde a importância está mais na maneira como se diz, do que pelo que se diz.

A simplicidade da sua linguagem, com alguns erros de pronuncia, de concordância e a franqueza com que narra as suas memórias, permitiu a minha aproximação às histórias dessa mulher, além disso, acredito que o fato do encontro ter acontecido em seu ambiente de trabalho contribuiu para que eu adentrasse naquele seu universo particular.

O fato de estar gravando a conversa poderia intimidar qualquer pessoa em revelar fatos tão íntimos como os que foram revelados por dona **Martha**, mas aqui a conclusão que tenho é que eu estava diante de uma mulher disposta a narrar, a partir do

seu ponto de vista, os fatos vividos. A mim cabia ouvir sem a pretensa necessidade de saber se tudo o que dizia era real ou uma criação.

De posse destas observações foi possível trabalhar aspectos que necessitavam de uma entrega total à palavra, ao sentido e às imagens. Elementos estes que auxiliam o ator na conquista pela soberania na sua fala.

Isaac Bernat estabelece três instâncias para o ator contador, e que aqui reproduzo por perceber que algumas dessas instâncias, ainda que de maneira natural, se fazem presentes na contação dos meus *velhos contadores*, em especial na experiência vivida através da escuta das memórias de dona **Martha**.

No ato de contar, três instâncias se estabelecem: a do narrador, a dos personagens e a do próprio contador. As duas primeiras instâncias são mediadas e conduzidas pela terceira, ou seja, pelo contador, que é a própria pessoa, carregando consigo sua personalidade e história pessoal. O narrador situa a história, descreve todos os elementos, relaciona-se diretamente com a plateia, coloca e tira os personagens. É fundamental que o narrador estabeleça os cenários, o enredo e a progressão dos acontecimentos. Quando o contador se coloca no lugar do personagem, o faz com toda a sinceridade, podendo utilizar recursos gestuais e vocais para diferencia-los. Ao fazer os comentários, o contador estabelece um elo com a plateia, tornando-a cúmplice da história que está sendo contada. A participação do contador com a sua própria visão dos acontecimentos o diferencia de outro contador. É exatamente este aspecto que pode transformar uma história já conhecida pela plateia num acontecimento extraordinário, pois cada contador traz consigo o frescor de um novo olhar (BERNAT, 2013, p.25).

Obviamente, quando os *velhos contadores* relatavam suas memórias era irrelevante se preocupar com a utilização de tais técnicas, a póiesis surge neste ato de falar sobre si, crendo numa realidade criada no momento da contação, de forma a obter prazer, amenizar ou reforçar sofrimentos e desencadear prazer naquele que ouve.

Quando dona **Martha** fixa seus olhos aos meus, endereçando-me sua fala, entendo como sendo a póiesis presente nesta mulher que busca no meu olhar o palco que a coloca como protagonista no momento da contação.

Quando parti para contar as memórias de dona **Martha** me preocupei em tentar imprimir esse “*endereçamento da fala*”, pensei em “*para quem dirigia a palavra*” e qual a melhor forma de “*trazer o entendimento daquilo que contava*” para a pessoa que me ouvia.



Confesso que a ausência de alguém comigo no quarto dificultou esta proposição, então imaginei que estava diante da mesma pessoa que havia me contado aquelas histórias e assim me peguei reproduzindo seu olhar firme e direto, seu jeito risonho de dizer as palavras e, sem precisar ir muito longe, acabei recordando passagens da minha vida que tinham relação com a minha avó Mira, cujas características se aproximavam com as da tecelã: jovialidade, autenticidade e espontaneidade.

Nesta construção me vi narrando essas histórias para um interlocutor imaginário que, assim como eu, se interessava ainda mais em ouvi-las, tornando cada palavra proferida um convite para entrar na história e fazer parte dela.

Em relação aos encontros com dona **Dioneia** e dona **Giselia** guardo as mais tocantes e emocionantes lembranças. Ouvi-las foi uma das experiências mais gratificantes. Através do emocionante contato com essas senhoras, a primeira sendo diagnosticada com epilepsia e a segunda com a doença do Alzheimer, tive a possibilidade de analisar e investigar, sob a ótica do ator, a linguagem numa relação entre palavra, pausa e silêncio.

Por ter tido um encontro em que pude ter um maior tempo de conversa – pouco mais de duas horas – e assim conquistar a confiança para ouvir um maior número de memórias e algumas, segundo os próprios familiares, revelações íntimas, optei por relatar as minhas impressões a respeito das memórias coletadas de dona **Giselia**. Através dela eu poderia caracterizar de uma maneira mais prática a relação entre a palavra e silêncio.

Sim... o que você queria saber? (...) Eu nasci em Santo Antônio de Jesus, na fazenda (...) Tá gravando? [*respondo que sim*] [*risos de dona Giselia*] Que bom! [pausa longa. Pergunto como era essa fazenda. *Outra pausa longa*] Deixa eu vê se eu me lembro! [*pausa*] Plantava fumo, sabe o que é fumo? Fazia canteiro de planta ... mas eu não fazia não, eu via fazer! Quem fazia eram as empregadas. [*pausa*] Quem fazia eram as empregadas [*repete*] [*pergunto quem morava na fazenda*] Quem morava? Era o meu pai, minha mãe... moravam lá na fazenda. Minha mãe ensinava e ... meu pai detestava roça, meu pai era funcionário publico, mas ele não gostava de roça não”. [SALES. Giselia Cardozo Entrevista I. [fev.2017] Salvador, 2017. 1 arquivo. Mp3 [2h.04min. e 30secs]).

Já durante os primeiros relatos fiquei observando a maneira como dona **Giselia** tentava a todo custo se lembrar dos fatos vivenciados. A fim de auxiliá-la nessa

rememoração, resolvi contar fatos da minha vida, o que acabou por suscitar a lembrança de algumas histórias daquela *velha contadora*.

No momento em que ela falava sobre os seus irmãos e após gastar um tempo tentando se lembrar de fatos vividos com eles, instantaneamente se calou e ficou por um bom período de cabeça baixa. Fiquei pensando de que maneira poderia trazê-la de volta à sua contação e então resolvi falar sobre a minha relação com os meus irmãos.

Contei que durante minha infância eles eram os meus únicos amigos e que com eles passava maior parte do dia brincando, contei também que dividia o *meu quarto* com mais dois dos meus irmãos e que minha irmã por ser a única menina tinha certos privilégios. Nisso dona **Giselia** levantou a cabeça e começou a ri, disse que também tinha um quarto só para ela na casa, e dessa forma voltou a narrar algumas situações vividas com seus irmãos. Observei que em inúmeras vezes, na vontade de querer lembrar, ela acabava se atrapalhando nos acontecimentos ou repetindo fatos já mencionados.

Depois de contar sobre sua infância, chegando a detalhar o sítio onde morava e a sua rotina naquele lugar, tive a impressão de que, para dona **Giselia**, a ação de relatar os fatos ocorridos na sua juventude e maturidade havia se tornado dispendioso, o que acabou evidenciando na sua narrativa um aumento de pausas e silêncios. Tal fato, possivelmente, se deu muito por conta da doença acometida pela *velha contadora*.

O tempo gasto na busca por essas memórias fora preenchido por essas pausas e silêncios que, a meu ver, deram um “colorido” diferenciado na sua contação.

Na maioria das vezes essas pausas apareciam justamente naqueles momentos de maior emoção, sempre vinculadas às pessoas que pareciam ser importantes para aquela *velha contadora*.

Eu tenho saudades da minha infância (*Pausa*) Meus irmãos eram ótimos! Que mais você quer saber? (*Pausa*) Eu não ia pra casa de todo mundo não porque eu fui criada assim [*Eu complemento: “ficar dentro de casa”*] Eu não fui assim de ir pra casa de vizinhos, não era assim (*longa pausa*) Era assim! [*Tento iniciar um novo assunto e digo: “Então a gente estava na infância, então passou a infância ... a infância foi toda na fazenda, que infância boa!?”*] Foi! [*Digo: “Imagino. Então você chegou mocinha aqui na cidade com os seus irmãos e aí começou a estudar, começou a namorar, casou” Esperei que ela fosse falar desse período*] (*pausa*) [*E retomo minha fala: “A senhora se recorda dessa fase?”*] (*mais uma longa pausa*) [*Pergunto então: “Como a senhora conheceu o seu marido? A senhora lembra?”*] Como foi que eu conheci ele? Eu não lembro não! [*Pergunto: Qual o nome dele*] (*A mais longa pausa da nossa conversa, ela não responde*). (SALES, Giselia Cardozo Entrevista I. [fev. 2017]. Salvador, 2017. 1 arquivo .mp3 [ 2h 04 min. e 30 segs.]).

Conhecendo melhor a história de dona **Giselia** compreendi que alguns esquecimentos eram providenciais, gerados como mecanismo de proteção. Em alguns momentos escolhemos o que esquecer.

Estar preenchido por imagens e histórias é um dado que dá suporte ao trabalho de um ator na elaboração de personagens, são elas que alimentam as pausas em um texto e dão suporte ao silêncio. Para Stanislavski (1999), as pausas, frequentemente recheadas pela diferença entre tempo-ritmo interno e tempo-ritmo externo, consistem em deixar vir à tona o subtexto; colorindo-lhe as intenções, dando-lhe significados, comentando o próprio texto.

A pausa psicológica é um instrumento que nós atores possuímos para atingir o objetivo de transmitir ao espectador uma fala que gere sensações, memórias e sentimentos. Se um texto falado sem pausa lógica torna-se incompreensível, sem a pausa psicológica, deixa de ter vida. De acordo Stanislavski (1999), ela serve para colaborar de forma mais efetiva na transmissão do subtextual presente nas palavras, além de conferir maior vida ao texto e se dá quando já temos definido o subtexto e suas imagens.

A pausa psicológica é, normalmente, um momento de reflexão da personagem e dessa forma não deve ser apenas um silêncio à toa, mas sim um silêncio eloquente, pois enquanto “a pausa lógica é passiva, formal, inerte, a psicológica inevitavelmente transborda atividade e riquíssimo conteúdo interior” (STANISLAVSKI, 1999, p. 153).

Nas palavras de Jacyan Castilho<sup>15</sup> (2013) a pausa psicológica é uma operação subjetiva, íntima do ator, que lhe permite tomar para si como propriedade, as palavras de terceiros e torná-las suas.

Tal definição se aproxima desta investigação criativa, onde as memórias por mim coletadas ganham novos significados no instante em que elaboro, em consonância com o meu olhar sobre os *velhos contadores*, outras pausas e outros silêncios. Assim, a história passa a ser também desse ator que a escutou e a absorveu.

Em relação ao subtexto, no que se refere ao ator e ao texto dramático, em sua maioria consiste numa espécie de corrente interna, que por vezes se exterioriza na forma

---

<sup>15</sup>Atriz, diretora teatral e bailarina. Mestre em Teatro pela UNIRIO e doutora em Artes Cênicas pela UFBA, tendo lecionado nos cursos de graduação e pós-graduação da Escola de Teatro da UFBA. Formada em Dança Contemporânea pela Escola Angel Vianna, atuou em mais de quarenta espetáculos como atriz, *performer*, dançarina, diretora e preparadora corporal. Desenvolve linhas de pesquisa que envolvem estudos de performance, interpretação teatral, estudos corporais e educação somática. Autora do livro “Ritmo e Dinâmica no Espetáculo Teatral”. Atualmente é professora da UFRJ.

de signos múltiplos, tais como: olhares, gestos, suspensões, comentários, suspiros e pausas. Os tempos da pausa revelaram-se, no trabalho dos atores do TAM (Teatro de Arte de Moscou – fundado por Stanislavski e Nemiróvitch-Dântchenko) sobre os textos de Tchekhov, excelentes para revelarem os climas indicativos que Stanislavski dizia ter reconhecido no autor.

Em Tchekhov, conjectura Patrice Pavis,

o texto dramático tende a ser um pré-texto de silêncios: as personagens não ousam e não podem ir até o fim de seus pensamentos, ou se comunicam por meias- palavras, ou, ainda, falam para nada dizerem, cuidando para que esse *nada-dizer* seja entendido pelo interlocutor como efetivamente carregado de sentido (PAVIS, 1999, p.359).

Assim originou um estilo de encenação, dirigida à sondagem interior, na qual as pausas – inúmeras, demoradas, densas, de múltiplos sentidos – eram uma possibilidade de transpor em imagens cênicas a atmosfera da cena.

Essa operação de desvelamento das ações internas e do subtexto parece ganhar uma amplitude onde o silêncio se faz presente.

Parece obvio pensarmos que, quando cala a palavra, o vazio pode aparecer. Nesse vazio transparecem todos os significados ocultos que jazem sob a forma avassaladora e dominante do discurso que é proferida seja em voz alta, seja em movimento, seja em ação. Podemos concluir, então, que se transparecem os significados, não há vazio. O silêncio, sabemos, é também mensagem (CASTILHO, 2013, p.218).

O silêncio no discurso de dona **Giselia** e de dona **Dioncia** foi importante para analisar esse vazio repleto de significados; ao expandi-lo para além de ser uma característica de uma doença ou personalidade, o silêncio dessas senhoras auxiliou-me muito mais do que qualquer palavra pronunciada. A dor, a angustia e as saudades foram percebidas nesses silêncios. As suas palavras vinham como confirmação das minhas impressões sobre as emoções dessas mulheres.

Ao recontar suas memórias fiquei por um tempo “escutando o silêncio” e passei a observar o ambiente em que estava, *o meu quarto*. Acostumei o meu olhar, ainda que por alguns minutos, a perceber os detalhes sem a pressa em abandoná-los. Permaneci em silêncio e passei a observar os meus gestos, procurando entender cada ação

produzida pelo meu corpo. Tudo isso foi preponderante para criar a partitura das minhas ações, consciente que o silêncio para ser significativo, precisa estar preenchido de intenções.

Como estudo da palavra, sob a ótica dos contadores de histórias, foi possível compreender que através dela podemos motivar, encantar e enaltecer, como também desmotivar, exortar e desmerecer, dependendo do que se pretende contar. Ela precisa ser explorada em todas as suas possibilidades e subjetividades até que o outro se sinta tocado por aquilo que ouve. Mas, para que isso aconteça, é preciso que a palavra esteja impregnada de sentimento.

Essa preocupação em nada se difere do trabalho de um ator. Afinal, um maravilhoso espetáculo que se vale de belos movimentos, fala precisa, brilhante inflexão de uma voz penetrante e entendimento brilhante do texto, deve também se preocupar em preencher o interior de seus artistas de intenções. E mais... para validar o virtuosismo na cena é preciso considerar e exercitar a “troca”, ou o comumente chamado “ping-pong” entre os parceiros de cena e o público.

Tanto no período de coletar as memórias, quanto no *meu quarto* e nas três apresentações da célula aos amigos, experimentei três momentos deste “ping-pong”: primeiro enquanto espectador das contações, me envolvi com aquelas histórias de tal forma que quando sentia espaço de fala, eu interrogava aqueles *velhos contadores* a fim de obter mais detalhes daquelas memórias. Minhas intromissões eram pensadas para auxiliar no fluxo das narrativas.

Já em *meu quarto*, esse segundo momento de “ping-pong”, entrou em cena a imaginação: me pondo diante de uma plateia imaginária, criei momentos de interação onde os ouvintes podiam interagir com as histórias contadas através de espaços para contar as suas próprias histórias.

No terceiro momento, com a presença de uma plateia real, pude finalmente desenvolver melhor a troca de olhares e a transmissão daquelas palavras.

Por meio da contação das memórias do casal sr. **Nilton** e a sra. **Ceres** experimentei estar na posição daquele espectador que se sente convidado a participar da comunhão entre a palavra e a escuta apresentada à sua frente. O fato de serem casados há muitos anos, pode denotar uma natural cumplicidade entre eles, mas que no meu entendimento se potencializa como um exemplo de relação que valoriza a comunicação, seja através da palavra, seja através dos olhares ou dos gestos.

Chamou-me a atenção a fluidez e rapidez de raciocínio da sra. **Ceres**. Possuidora de uma linguagem coloquial bem estruturada, ela teve contato com a norma culta da língua através dos bons colégios em que estudou.

Bem nisso eu vim a conhecer a família de Nilton que é o oposto da minha, era uma família com todos os membros, né? Pai, mãe... O pai era a autoridade centrada da casa e a autoridade lá passava dele para a mulher e depois os filhos, essa adaptação desse casamento... a história da família de Nilton é... seu avô é de? [*Seu Nilton responde*] Meu avô era de Milagres, tinha uma cidade chamada Veados, agora é Nova Itarana [*Dona Ceres volta a falar*] Ele era político, fazendeiro de cacau... não... café. [*Seu Nilton diz*] Não Ceres, ele não chegou a ser fazendeiro, ele era escrivão da cidade. [*Dona Ceres revela*] Riquíssimo! [*Seu Nilton sorri e diz*] Não, ele tinha dinheiro, praquela época... daquele tipo que podia mandar as filhas para a Bahia. Fazia compras, estudava. [*Dona Ceres volta a falar*] No primeiro casamento ele teve cinco filhos. O meu sogro era o mais velho e no quinto filho do primeiro casamento a mulher morreu e casou-se com a irmã dela. E teve mais cinco filhos. [*Seu Nilton diz*] Então essa era a história de meu pai, resumidamente... (SAMPAIO, Ceres Laerte Cotrim. Entrevista I [abr.2016]. Salvador, 2016. 1arquivo.mp3 [2h.30min.45seg]).

O fato que considero mais interessante na figura desta mulher é a ausência total de cerimônia para contar ela mesma as memórias de seu marido, chegando a corrigi-lo nas informações e/ou completando outras tantas.

A relação entre palavra e escuta entre eles foi tão forte que a minha absorção daquelas memórias ocorreu sem que houvesse a separação entre a história de uma e do outro. A sensação ao ouvir e presenciar a relação deles durante a contação é que ambos são possuidores de uma mesma memória.

Halbwachs (1999) explica esta sensação quando relaciona a memória individual com a coletiva, entendendo que a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com o seu entorno: família, amigos, escola, profissão... enfim, com os grupos de convívio que de alguma maneira determinam o seu comportamento.

O fato da sra. **Ceres** sempre tomar a frente na contação das memórias do seu marido, pode sinalizar como um traço de sua personalidade que tentar impor o seu olhar sobre os fatos, mas durante as horas em que estive em contato com aqueles *velhos contadores* não percebi o sr. **Nilton** incomodado com as inúmeras interrupções, talvez já esteja acostumado com tal proatividade de sua esposa.

O que fica evidente nesta específica contação, na qual me apropriado enquanto investigação criativa, é a relação existente entre aquele que conta e aquele que ouve. A

forma despreziosa e informal empregada nesta contação, possibilitou minha imediata entrada no universo dessas duas personagens.

Esta forma despreziosa, onde a sensação era que a palavra dita vinha no fluxo do pensamento, impulsionou minha tentativa em reproduzir esse modelo e examinar de que forma tal estrutura favorece a relação entre ator e público.

Estando em *meu quarto* e após ouvir por inúmeras vezes os áudios das contações e assim me apropriar dessas histórias de modo que passassem a ser também as minhas, comecei a exercitar esse caráter “informal” da contação. As minhas memórias foram aparecendo conforme o desenrolar do exercício de parar minhas atividades corriqueiras, fechar a porta do *meu quarto*, puxar uma cadeira e começar a contar as histórias para um grupo de pessoas imaginárias ou então quando ao tomar banho repetia a ação de me imaginar frente a essas pessoas para contar essas histórias e minhas memórias.

Foi através da minha contação das memórias do casal **Ceres** e **Nilton** e da apropriação da maneira de contar de ambos que atentei para o maior grau de improvisação na contação, pois motivado pela espontaneidade impressa na palavra, me senti convidado a improvisar fazendo uso de minhas próprias palavras a partir daquilo que me era exposto.

Ângela Barcellos Café<sup>16</sup> em sua tese de doutorado intitulada “*Os Contadores de Histórias na Contemporaneidade: da prática a teoria, busca de princípios e fundamentos*” trata do assunto da improvisação na contação levando em consideração os métodos aplicados pelo contador tradicional.

Em linhas gerais, ela diz que:

O contador tradicional, geralmente, aprende a contar na própria experiência do contar, no improviso, sem aviso prévio, com o público já presente. Domina a linguagem oral, tanto na variedade de vocabulário e expressões de linguagem, quanto nas construções das estruturas das histórias. Sabem como funcionam os enredos, com suas fórmulas de início e desfecho, por isso sabe dar ritmo à história (...) Mas, nem todo mundo se sente à vontade para recontar uma história com suas próprias palavras, sobretudo se tiver que improvisar. Conheço ótimos contadores de histórias que decoram cada palavra do texto a ser narrado, no entanto, conseguem a naturalidade do contador,

---

<sup>16</sup>Contadora de histórias e arte-educadora. Graduada em Educação Física pela ESEFEGO; especialista em Metodologia do Ensino Superior, pela UFG; Mestre em Estudos do Lazer pela Unicamp; foi professora na educação infantil, no ensino médio e fundamental por mais de 15 anos; atualmente é professora do curso de licenciatura em Artes Cênicas da UFG; pesquisadora na área de cultura popular, contadores de histórias, jogos, brinquedos e brincadeiras; doutora pelo IDA-UnB, linha de pesquisa: processos composicionais para cena, orientadora: Luciana Hartmann, pesquisando a formação do ator contador de histórias. Autora do livro: *Dos Contadores de Histórias e das Histórias dos Contadores*, Goiânia, Cegraf/UFG, 2005. (Informações coletadas do Currículo Lattes em 30 de março de 2017).

como se as palavras brotassem naquele momento. Nem por isso são melhores ou piores. Reconheço, também, aqueles narradores orais com maior capacidade de improviso, que recontam as histórias com suas próprias palavras, mais próximos do contador tradicional (BARCELLOS, 2015, p.98).

A espontaneidade se manifesta no improviso e exige experiência, que neste caso, foi conquistada através da apropriação da memória contada. Em relação ao uso das técnicas para a narração de uma história, embora os contadores façam uso de algumas, Barcellos salienta que tanto o tradicional quanto o aprendiz as desenvolvem de maneira diferente. Enquanto o primeiro age de maneira intuitiva, explorando o que acontece, o segundo grupo estuda, explora e investiga a melhor maneira de chamar a atenção do público, despertando-lhes a participação por intermédio de técnicas já experimentadas por outros, adaptados por cada contador à sua maneira e a sua história.

Os trechos das memórias dos meus *velhos contadores* presentes nesta pesquisa apresentam as estruturas para a construção de narrativas: delimitam início, meio e fim, estabelecem curvas dramáticas e constroem o clímax e os desenlaces. Lembrando que eles o fazem de maneira espontânea e quase que inconsciente, sem qualquer prévio estudo sobre o assunto.

Esses *velhos contadores*, em suas especificidades, apresentaram a poiesis: a fala e suas múltiplas entonações, os gestos que dialogam com aquilo que se fala, pausas que colore o discurso, que analisados sob um viés artístico podem auxiliar o ator na aquisição e ampliação do seu repertório.

Por enquanto, uma breve conclusão ajuda a situar esse longo percurso: ao entrelaçar as minhas memórias com as dos *velhos contadores* foi possível prover uma investigação criativa pautada em importantes fundamentos que fortalecem a relação do ator com a palavra e a cena.

E tendo experimentado todas essas sensações entendo perfeitamente quando o ator e diretor italiano Gianni Ratto (2004, p.20), diz que “o teatro é o poder da palavra que enche o vazio de um galpão, iluminado pela beleza da interpretação”; nessa investigação o galpão foi o *meu quarto* preenchido pela singularidade das memórias reveladas.



### 3.2. Os Gestos que Esculpem Palavras

*Todos os políticos deviam fazer arte. Eu acredito que todas as pessoas que são ligadas a arte têm uma visão diferente, têm um comportamento diferente.*

*Martha Muniz*

Após analisar a expressividade presente nas narrativas dos *velhos contadores* era chegada a hora de retomar a análise dos gestos, interrompido no final do primeiro mês de investigações para a elaboração da célula do experimento cênico.

No segundo mês de investigações o destaque ficou para o surgimento das conexões entre as memórias dos *velhos contadores* com as minhas memórias, surgida inconscientemente como forma de evitar os “brancos” na contação e depois propositalmente exercitada. A busca por estas conexões aperfeiçoou a contação, distanciando-a da mera repetição de linguagens e de gestos.

Ainda que os gestos usuais dos meus *velhos contadores* tenham inspirado os gestos que aparecem no experimento, a sua presença parte de uma construção que visa fortalecer e despertar os sentimentos da personagem que conta suas memórias. Inserir gestos fortes, precisos e cortantes foram importantes para estabelecer o desenho psicológico da personagem durante a contação.

Issac Bernat traz em seu livro *Encontros com o Griot Sotigui Kouyaté* um questionamento bastante pertinente e de que aqui faço uso. Ele trata do senso comum, no âmbito dos espetáculos, de que o gesto deve anteceder a palavra, ou pelo menos, acompanhá-la. Jamais deve vir depois.

Se pensarmos em nosso cotidiano e na cena, a rigidez na execução dessa regra é desnecessária. Como também é desnecessário exigir rigor numa explicação sobre o tema, “nenhuma tipologia dos gestos é verdadeiramente satisfatória” (PAVIS, 2001, p. 185). Ainda assim, diferenças existem.

Michael Chekhov se preocupou em pesquisar e entender os gestos que fugissem do usual e que tivessem substância. Em *Para o Ator*, Chekhov o nomeia como gesto psicológico e nos lembra que o seu trabalho deve ser dotado de qualidades, sensações e sentimentos que o afastem do clichê, tornando-o diferente do cotidiano.

Os gestos psicológicos estão ligados à estrutura de caráter das personagens e o modo como se expressa através da musculatura do ator, em suas linhas de força, impulsos motores e vetores físicos.

Executados de forma simples e definida, tais gestos podem variar de ritmo e extrapolar os limites físicos pela “irradiação de sua energia e de suas qualidades na direção indicada pelo gesto psicológico. Essa irradiação fortalecerá imensamente e verdadeira a força psicológica do gesto, habilitando-o a produzir maior influência sobre sua vida interior” (CHEKHOV, 1996, p. 91).

Os gestos psicológicos propostos por Chekhov são flexíveis para qualquer tipo de personagem, eles se configuram como possíveis casos para uma abordagem individual de diversos tipos.

Nesta segunda etapa, compreendendo exatamente o final do segundo mês de experimentações, as minhas memórias já se conectavam com as dos *velhos contadores* de maneira mais orgânica. Acredito que isso tenha acontecido por conta das inúmeras repetições que fazia em *meu quarto*, chegando ao ponto de conseguir estabelecer diversas conexões com as memórias dos *velhos*.

Em relação aos gestos, passei a repeti-los até que sentisse todo meu corpo participando daquela ação. Exemplifico: ao reproduzir a forma “relaxada” de sentar de



seu **Rosalino** –  
*pernas abertas,*  
*corpo “solto”*  
*sobre o banco da*  
*área externa do*  
*asilo* – tentei me  
aproximar do seu  
jeito informal de  
falar; ou ao repetir  
o gesto de *cruzar*  
*as pernas e apoiar*  
*o queixo sobre uma*  
*das mãos* busquei o

tom “professoral” que ele também apresentou no nosso único encontro em fevereiro de 2017.

De posse destas características passei a intercalar na minha contação estas duas posturas: “despachada” e “séria”, exercitando a variação de ritmo e ressignificando a ação de cruzar as pernas como gesto de altivez e orgulho diante da história que acabara de contar.

A composição das ações e gestos acima foram exercitadas em *meu quarto* como parte da experimentação cênica inspirados nas ações efetuadas por seu **Rosalino**.



Outro gesto burilado na repetição e posterior naturalização surgiu através do encontro com dona **Dedé**. Neste caso foi preciso trazer à consciência toda a história por traz das memórias daquela *velha* senhora. Senhora esta que por diversos infortúnios da vida escolheu se manter solteira e hoje vive seus dias em um asilo. Seu relato, ainda que permeado por divertidas histórias de infância, ficou marcado pelas situações adversas que teve que passar, como a perda precoce de seu avô e a doença da epilepsia.

O corpo arqueado, a cabeça sempre direcionada para baixo e o olhar melancólico traduzia, para além da idade avançada, uma mulher cansada de tudo aquilo que teve que passar. De poucos gestos, em sua maioria lentos e pesados, que denotavam a dificuldade daquela senhora em se movimentar, segurava em uma das mãos uma bengala cheia de penduricalhos colocados por ela.

Durante a contação notei que quando dona **Dedé** fazia menção às histórias de infância vividas ao lado de seus avós, seus gestos ganhavam tónus, era como se aquela memória reavivasse seu corpo cansado e um gesto em especial era repetido durante a contação. Quando dona **Dedé** narrava suas peraltices de infância, ela apontava para os cômodos do abrigo como se ali fosse a casa de seus avós...

Foi assim quando fazia referência ao local onde ficava a rede de seu avô, ou a cozinha em que sua avó preparava as comidas que ela mais gostava... nesses momentos os olhos brilhavam e com o braço esticado e com o dedo indicador ela apontava para um espaço qualquer do salão em que estávamos como se aquele local apontado por ela fosse a personificação da memória da sua primeira infância. Notei uma mudança na voz (mais firme e audível), uma diferente postura corporal (passou a levantar a cabeça e a olhar ao seu redor) e em seu semblante resplandecia vivacidade por conta das boas recordações com os seus avós.

Munido dessas informações iniciei as investigações para encontrar em meu corpo os gestos que me aproximassem às memórias dessa senhora. Para tanto, referenciado por Michael Chekhov (1996) que afirma ser impossível chegar aos gestos psicológicos de forma racional e analítica, parti para a experimentação prática através da observação dos dados psicológicos.

A foto ao lado foi tirada no Asilo Dom Pedro II e mostra dona **Dedé** na postura que permaneceu por mais tempo durante a contação das suas memórias, *cabeça e corpo arqueados para baixo*, e que serviu de “start” para a investigação.



A seguir estão o registro dos exercícios em que busco associar os gestos com as memórias reveladas durante as contações.



As próximas duas imagens estão relacionadas ao momento em que dona **Dedé** rememorava a infância com seus avós. Podemos notar uma mudança em seu semblante, cabeça levantada e mexendo mais as mãos, segurando em uma delas a sua inseparável bengala.



Já a próxima imagem demonstra a investigação realizado em *meu quarto* sobre gesto e palavra onde os estímulos internos de contentamento e alegria impulsionaram a exteriorização de gestos mais firmes e efusivos. Nota-se que a cabeça e o corpo não

estão mais direcionados para baixo, como se “o peso saísse de seus ombros” durante aquelas lembranças, e o gesto de apontar para espaços no abrigo como que fizesse menção a antiga casa dos avós, também colaborou para o exercitar dessa mudança de postura que direciona o olhar para frente e para a verticalização da coluna vertebral.



A descrição que segue faz referência a investigação dos gestos e da palavra com base na contação das memórias de dona **Martha Muniz**. A tecelã que usa suas mãos também para tecer sua contação, pontuando com gestos imperativos, fez suscitar uma curiosidade: como concentrar tantos gestos numa contação?

Ao passo que absorvia suas memórias, através das escutas do áudio de sua contação, resolvi experimentar a contação de duas maneiras. A primeira maneira foi a de anular qualquer tipo de gesto e focar na respiração e pausas durante a narrativa e a segunda foi a de adicionar os gestos exatamente nos momentos em que sentia a necessidade de um complemento. Foi assim que surgiram duas composições de gestos mais significativos no experimento cênica.

Segue a primeira:

O gestual presente na sequência das fotos, sem possuir relação com algum momento específico da contação de dona **Martha**, surgiu de uma das improvisações experimentadas em *meu quarto* e reafirma a relação existente entre gesto e palavra, propondo neste caso específico distanciar o gesto de um caráter ilustrativo.



Chekhov (1996) sugere, através do estudo dos *gestos psicológicos*, que essa relação entre palavra e ação parta de um impulso interno que venha a provocar um vigor de movimentos, estabelecendo assim o seu começo, meio e fim.

Além do vigor se faz necessário o desejo e o sentimento, no qual o movimento mais definido motivará o desejo, que atuando sobre o impulso interno permitirá que os sentimentos venham à tona, carregando o gesto de uma carga psicológica, arquetípica e estrutural.

Em minha contação quando teorizo “memória individual e memória coletiva”, cada dedo indicador representa um tipo de memória. O dedo que representa a memória coletiva circunda o dedo que representa a memória individual, esse gesto acabou guiando a minha visualização para a imagem do planeta Terra girando em torno do Sol. Considero ser essa uma visualização particular, sugiro que o leitor faça a sua própria leitura.

A imagem que esse gesto pretende construir se baseia na teoria de Halbwachs (1999) em que diz que a memória do indivíduo se estabelece a partir do envolvimento com o coletivo que o cerca, sendo esse coletivo, ainda de acordo com a teoria, responsável por moldar individualmente a memória desse ser.

A segunda composição de gestos é retratada nas fotos abaixo e fazem referência ao momento em que apresento o gesto que liga um ponto a outro através de uma linha imaginária. O primeiro ponto representa uma imagem e essa imagem acaba se conectando a uma memória que interliga a outra e assim sucessivamente. Como em uma linha de costura, os pontos estão totalmente entrelaçados.



Tal gestual aparece na célula do experimento cênico quando cito o esquema bergsoniano que defende a ideia de correspondência entre as várias memórias a partir de uma imagem. Essa imagem quando suscitada na contação acaba por evocar outras inúmeras memórias, dessa forma é possível afirmar que nossas memórias estão interligadas por imagens que servem como exemplo de mecanismo para acessá-las.

A ação imaginária de ligar pontos no ar pode se constituir como *material orgânico poético* na elaboração de uma cena. Ana Cristina Colla e Renato Ferracini trazem esse termo *material orgânico poético* no texto intitulado *Ator: Um Olhar Poético Para a Imagem* e afirmam:

Uma pessoa, um andar, um gesto, um olhar, uma ressonância vocal, uma musicalidade da voz podem ser observadas através de processos concretos e, posteriormente, dentro de certos procedimentos, serem recriados no corpo/ voz do ator para, então poderem ser utilizados como material orgânico poético na construção de uma cena ou figura/persona. (COLLA; FERRACINI, 2015, p.17).

Importante salientar que a presença do gesto deve estar sempre preenchida de sentidos e sentimentos, o que poderá afastar esse gesto em ser uma mera execução, aqui o gesto nasce da necessidade de se expressar também corporalmente, esmerando-se para afastar do ilustrativo ou do mecânico.

Utilizando-me da imagem dessa tecelã que com suas mãos entrelaça os fios formando tecidos, o contador tece memórias a partir de uma imagem. Em outras



palavras, construo e reconfiguro símbolos a partir da captura de uma determinada imagem que tornou-se potente em meu experimento prático.

Esta investigação criativa caminha na busca pelo gesto que completa a trajetória da palavra e que transforma o corpo em algo expressivo e repleto de significados.

Com os braços que esculpem o ar, o dedilhar de dedos sobre uma mesa, o torso que oscila para frente e para trás, a mão que segura o queixo, um dedo indicador que se projeta incisivamente para frente, pés inquietos, punhos que se fecham nas lembranças de tensão, mãos que acariciam o braço... gestos como esses, naturalmente executados pelos contadores, foram se entrecruzando com as palavras, o que acabou tornando aquelas narrativas para mim em algo mais vivo, sentindo o meu corpo e a minha mente ligados através dessas ações.

Mas até que esse retorno fosse sentido por mim, notei que nos exercícios de escuta dos áudios das memórias dos *velhos contadores* e a posterior busca por conexões entre as suas memórias com as minhas, o meu envolvimento estava restrito a uma ligação sentimental criada por conta do contato que estabeleci nos encontros, por isso considero de extrema importância ter investido no exercício de preencher o gesto de intenções e emoções.

As emoções colocam o sujeito em determinadas atitudes e a forma aqui escolhida para a sua revelação se dá através das palavras e dos gestos. Quando nos comunicamos todo o nosso corpo participa dessa ação: voz, gestos e expressão corporal. Tudo se interliga e se conecta.

E assim era hora de avançar com a pesquisa através da troca de sensações e olhares com outras pessoas. Meu espaço de investigação se expande para *além do meu quarto* e através da contação das memórias dos meus *velhos contadores* novas memórias se formam nesse entrelaçar de histórias e compartilhar de experiências

### **3.3. A Experiência de Contar Memórias ou “Enfim, Visitas em meu Quarto”!**

*Tinha o anjo Gabriel no meu quarto!*

*Giselia Cardozo Sales*

Em 10 de abril de 2017, passados dois meses e meio de experimentações em *meu quarto* era a hora de apresentar no apartamento de Meran a célula do experimento. Na plateia, além da anfitriã, tive as minhas colegas de orientação Paula Andrea e Monique Monteiro

A célula com duração de 15 minutos seguia com o caráter intimista e particular da contação vivenciada *em meu quarto* cujo roteiro não seguia uma ordem de qual história contar. Nesta apresentação as histórias dos *velhos* e as minhas memórias iam sendo contadas de acordo com a minha intuição.

A única certeza era costurar as minhas memórias e as dos *velhos contadores* com teorias estudadas na pesquisa como se fossem a memória de um indivíduo que me fora narrada.

Na apresentação da célula o que foi experimentado em *meu quarto* passava a ser visto por outras pessoas e em outros ambientes, sem que eu precisasse mexer na estrutura elaborada na investigação criativa. Seguir com a proposta foi como se, metaforicamente, eu abrisse o *meu quarto* para receber algumas visitas e com elas compartilhar as mais variadas lembranças.

A personagem que relata as suas vivências inicia sua fala revelando um problema para a rememoração: a ausência de memória. Ou como prefere dizer: a “caduquice” toma conta e o impede de recordar. Com essa estratégia, baseada na história de vida da dona **Giselia**, dá-se início a contação.

Essa personagem que a todo instante se esforça para lembrar suas vivências é tomada em seu discurso com várias pausas e por um ritmo cadenciado na fala, cada palavra é dita porque precisa ser dita, há uma escolha pelo seu uso. Nestes períodos de pausa, o pensamento vagueia e sua fala não precisa necessariamente concluir um raciocínio, memórias intercaladas surgem a partir de uma imagem acionada que acaba por gerar uma nova memória.

A presença constante das pausas ficou evidente nesta primeira apresentação por conta da minha tentativa de lembrar e escolher qual história contar. Confesso que estava em pânico, não tinha certeza das escolhas que havia feito de como contar aquelas histórias e especificamente nesta apresentação o fato de querer manter o caráter improvisacional me deixou ainda mais em estado de atenção.

Assim, ainda me sentindo inseguro, organizei a sala do apartamento com os objetos que tinha à disposição, sendo o abajur uma sugestão da própria Meran. Minha

ideia era a de criar um ambiente aconchegante que pudesse me aproximar das pessoas que lá estavam.

Iniciei o experimento olhando para cada um ali presente como forma de criar uma cumplicidade e para tal o tempo era o que menos importava, caso levasse em consideração a sua duração poderia forçar a quebra dessa cumplicidade conquistada.

Na célula a personagem relembra fatos vividos e pessoas que passaram por sua vida, e entre um fato e outro faz menção a teorias criadas e defendidas por estudiosos presentes nesta pesquisa.

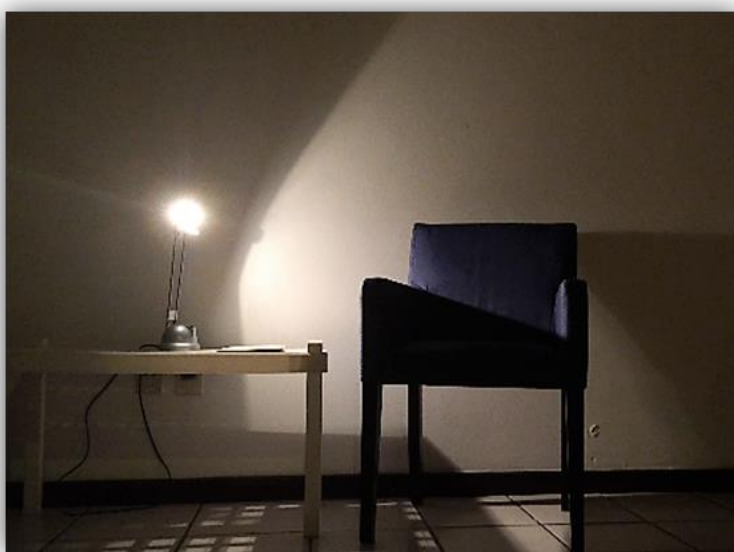
Um exemplo disso ocorre quando o contador fala de um certo moço que afirmou: “o nosso corpo é todo ele memória”; isso para justificar que mesmo que se ausente na mente a memória, nosso corpo com suas marcas – rugas, cicatrizes, etc. – é capaz de auxiliar na tentativa de recordar.

O mesmo acontece quando da citação das teorias de Bergson e Halbwachs. A proposta é que tais teorias sejam ditas como sendo a memória do fato de ter ouvido alguém dizer todas essas coisas, afastando-se de um modelo que traz para o experimento as teorias de maneira didática pode-se revelar a união entre teoria e prática.

Ao final da apresentação Meran indicou a realização de outras como forma de apropriar-me dessas memórias, de investir na ação de contá-las para uma plateia e também como forma de continuar investigando o meu corpo presente que conta essas histórias.

Nesta apresentação e nas duas seguintes o cenário seguiu o mesmo desenho.

Uma cadeira ou poltrona, uma pequena mesa e sobre ela um abajur e um envelope. Dentro deste envelope o contador guarda “fragmentos de memórias”, escritos cuja função é a de lembrar tudo aquilo que vivera. Essa estratégia de narrativa acontece pelo



desejo de inserir na contação alguns fatos relatados pelos *velhos contadores*, sendo escrito nesses papéis a reprodução fiel daquilo que havia sido contado. No avançar da

contação a personagem solicita que algumas pessoas tirem desse envelope algumas dessas memórias.

As imagens geradas por intermédio da contação desses fragmentos promovem o surgimento de outras memórias e após a sua leitura faço questão de partilhar dessas “novas memórias” com os ouvintes. A proposta desse experimento é a



de deixar em suspenso a revelação de que essas “novas memórias” são minhas ou são lembranças ouvidas dos *velhos contadores*, até porque quando se compartilha memórias elas passam a ser um pouco também daquelas pessoas que as escutam.

Ao final da apresentação abri espaço para escutar as impressões, dúvidas e sugestões de Meran, Andréa e Monique. As três foram unânimes em dizer que a conexão entre as memórias dos *velhos* com as minhas havia se tornado um importante mecanismo de aproximação entre quem conta e quem escuta as histórias, as três não souberam distinguir quais eram as minhas memórias e quais eram as dos *velhos* e que o importante seria exercitar ainda mais a busca por mais conexões.

Diante do bom retorno que tive acabei prematuramente fixando aquela apresentação, com a mesma ordem das histórias, como sendo o resultado final da investigação criativa.

Assim na segunda apresentação no apartamento do casal de amigos Ronei Jorge e Luísa Muricy, em 01 de maio de 2017, notei que tudo que havia feito de maneira natural como a ação de ficar olhando durante um tempo para o outro havia se tornado “marca de cena”, “frio”, com gestos marcados e com pouca ou nenhuma pausa. Neste caso o despojamento e a naturalidade, evidenciados na primeira apresentação, cedeu lugar para o virtuosismo e uma certa superficialidade na contação.

Ao fim da apresentação, no bate-papo, alguns salientaram que durante a contação foram instigados a criarem imagens sobre as memórias e sobre os seus reais donos além de uma certa curiosidade em saber como se estabeleceu a relação entre

teoria e prática, algumas pessoas da plateia acreditaram que as teorias ditas pertenciam a história de vida de algum *velho*, outros sentiram falta de uma relação maior com a plateia, de poucos momentos em que olho diretamente para as pessoas e da ausência de pausas.

Ao analisar as duas apresentações da célula e o retorno dos amigos da plateia fortaleceram a minha sensação de que havia mesmo perdido a naturalidade da primeira apresentação.

Diante disso foi preciso voltar atrás da decisão de fixar cada palavra, pausa e gesto da célula do experimento, para tanto foi fundamental voltar ao *meu quarto* e mais uma vez investigar a naturalização desses gestos e palavras.



Referendado por Stanislavski, as ações exteriores devem estar inteiramente ligadas às ações interiores, caso contrário corre-se o risco de perder-se em meio a gestos e palavras incomunicáveis, mecânicas e vazias. Foi e continua sendo necessário me apropriar cada vez mais das histórias que me atravessaram, pois dessa maneira mantereí o meu “corpo grávido” dessas memórias.

Essa expressão cunhada da fala de Meran Vargens, após apresentação em sua casa, reproduzo aqui por sintetizar claramente o que sinto ao ter coletado essas memórias nos últimos meses de pesquisa. O fato do meu corpo estar “grávido” de vivências me habilitou a ter consciência do instalar e desinstalar desse contador.



Contador que foge de uma construção estereotipada de velho. Jamais foi minha intenção trazer para a cena, seja em forma de espetáculo ou experimento cênico, o arquétipo do velho, mas sim a energia desse indivíduo que perpassou inúmeras fases da vida.

E se em alguns momentos o corpo desse velho surge arqueado, frágil e com uma fala pausada isso acontece muito mais pelo que o texto provoca no corpo desse contador



do que a simples reprodução corporal de um velho. Mais uma vez fica evidente a força que a palavra pode ter sobre o corpo, dando-lhe substratos para uma composição

Neste embate entre a naturalização

dos gestos e da fala e o entendimento do rigor da repetição foi possível chegar ao ponto em que considero crucial nesta minha pesquisa prática que é a apropriação/incorporação dessas histórias.

Saber o ponto inicial e o ponto final da partitura criada para o experimento ou ter na mente e no corpo cada filigrana dos gestos e das palavras é apenas uma parte das preocupações suscitadas durante esta pesquisa. A cada repetição do experimento é preciso estar constantemente envolvido com as histórias que me atravessaram e se faz necessário ouvi-las novamente com a mesma atenção do primeiro encontro.

A minha sensação é que a cada lembrança das histórias contadas eu adquiro outros olhares, dúvidas e compreensões, por isso entendo que esta pesquisa gerou em mim uma vontade em ir mais adiante neste experimento cênico e embarcar em um processo criativo que culmine em um espetáculo solo com a figura de um diretor, dramaturgo e toda uma equipe técnica necessária.

O bate-papo que aconteceu após a terceira apresentação desse experimento, ocorrido no apartamento de Wanderley Meira em 17 de maio de 2017, foi importante para confirmar essa ideia que há tempos vinha em mim se solidificando. Cito:

“(...) Instigante e bonito pela busca de nos conhecermos através das memórias dos outros, não sei ao certo o que você quer com essa sua pesquisa, mas quero muito ver um espetáculo disso aí” (Wanderley Meira – ator)

“Magnetismo e transparência que prende a nossa atenção (...) forte exercício de contar a história do outro como sendo sua torna tudo tão próximo da gente” (Augusto Nascimento – ator)

“Desde o primeiro momento eu fiquei querendo ouvir mais, conhecer mais... interessante ver esse homem que diz não ter memória trazer afetivamente essa memória nele, a maneira como isso aparece me deixa curiosa em saber mais dessa pessoa” (Kita Veloso - atriz)

Esta célula de experimento intitulada Mnemosine, construída como parte fundamental desta pesquisa, deve se manter flexível, valorizando sempre o corpo presente e a escuta sensível para que dessa maneira novas conexões entre as minhas memórias e as dos *velhos contadores* possam vir a gerar novas formas de contar essa história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A vida é assim, né? (...) Vai dando voltas...*

*Ceres Laert*

*Mnemosine* envelheceu e tornou-se uma *velha* sábia. Muitos a revelam como sendo a primeira filósofa, cujo dom é o poder da razão e sobre os seus ombros está a responsabilidade de dar nome a todos os objetos. Por conta disso ela ofereceu à humanidade os meios para o diálogo e a conversação.

Muito antes do surgimento do alfabeto e da escrita, *Mnemosine* já se fazia presente e a ela cabia cuidar do bem-estar do indivíduo ou sociedade que contava somente com a história oral.

É dessa maneira que enxergo a deusa *Mnemosine*, como uma *velha* senhora de fala constante, inquieta, impulsiva, desconcertante e surpreendente. Ela é ontem com o olhar de hoje, ela é o coletivo sobre o individual. Ela é mente, palavra e corpo! Em alguns momentos nos escapa e se esconde em algum lugar, em outros escolhe como aparecer. Enfim ... ela, nas palavras de Marilena Chauí, concede o poder de voltar às origens e da imortalidade, pois quem se torna memorável jamais encontrará a morte.

Como também se imortalizará a memória que é contada e espalhada aos quatro cantos. Memória essa que ajuda a entender os indivíduos que as contam, sendo até a sua ausência repleta de significados. Alicerçada pelas tradições, experiências de vida, contos e causos a memória é alimentada pela escuta que preferencialmente sensível ao outro tem a participação de todo corpo nesta ação, vindo a fortalecer a conexão entre quem conta e quem escuta.

Consciente disto me coloquei à disposição para ser essa pessoa que escuta, que absorve e que propaga as memórias. E, desejando ir além, experimentei recontá-las a ponto de unificá-las com as minhas de tal maneira que seria difícil distinguir onde termina a minha e começa a do outro.

Desta experimentação precisei lidar com algumas frustrações que invariavelmente interferiram no resultado aqui apresentado. Algumas dessas frustrações



faziam referência a minha ansiedade por querer realizar todas as etapas desta pesquisa de acordo com o planejamento inicial. Pura utopia!

Neste planejamento o número de participantes era maior que os seis *velhos* aqui apresentados, a escolha era por aqueles que possuíam histórias de vida relacionadas com o bairro e/ou com a cidade de Salvador. Nesta perspectiva o planejamento era associar tais histórias com a teoria formulada por Halbwachs que afirma, em linhas gerais, ser as relações coletivas as responsáveis pela construção da memória.

Após entrar em contato com associações de bairros, de pescadores, bordadeiras e rezadeiras vi muitas portas se fechando, na maioria das vezes diziam que “não tinham tempo disponível para auxiliar na pesquisa”, foi quando precisei redirecionar minhas buscas, passando a contar com o auxílio de amigos que indicavam possíveis parentes para esses encontros.

Ainda que tenha sido difícil esse período inicial de busca por *velhos* com interessantes histórias de vida, tentei tirar proveito dos contratempos, o que me fez entender a teoria de Halbwachs por um outro viés de coletividade: o das relações familiares.

Em todo esse processo de encontro e escuta dos *velhos contadores* afirmo que a ausência mais sentida por mim foi a do senhor **A.**, que infelizmente por questões particulares não pôde ter aqui registrado as suas histórias, mas que de maneira singular ficou guardado na minha memória o nosso primeiro e único encontro.

O senhor **A.** conseguiu através de sua contação me conduzir da varanda de sua casa, repleta de plantas e flores, até os locais por ele passou. Sua forma de narrar, escolhendo as palavras certas, dando ênfase quando desejava fortalecer o seu discurso, criando uma narrativa repleta de clímax e reviravoltas tornou sua contação ainda mais impressionante... Que belo aprendizado de força, fé e coragem aquele *velho contador* me transmitiu.

Parte deste entendimento só foi possível porque tive como bússola os conceitos formulados por Bergson e Halbwachs sobre a memória e sua relação com o indivíduo. E em relação a Bergson o contrário também aconteceu, a real apreensão de seus conceitos só veio a acontecer durante os encontros com os meus *velhos contadores*.

Compreender os meandros teóricos formulados por Bergson para o entendimento da memória como sendo o passado que se mantém vivo no presente foi, para mim, a contribuição das mais importantes para a elaboração de uma investigação criativa que tem na escuta sensível o meio de acessar o outro e se deixar acessar.

No instante em que tentava compreender o passado e a sua articulação com o presente, mais eu conseguia adentrar o universo particular desses *velhos contadores* que propus conhecer através de suas histórias de vida.

Diante de uma extensa e, por vezes, complexa escrita, Bergson assinala pontos fundamentais para o estudo da memória. Destaco: o corpo, consciente do passado que permanece vivo no presente, consegue preservar as ações já realizadas sobre as coisas, ou em outras palavras, uma memória é construída a partir da repetição ou do hábito; e o entendimento de ser a memória a atualização do passado mediante a sua articulação com o presente.

Já a minha absorção do conceito de memória social formulada por Halbwachs aconteceu de maneira inversa. A partir das leituras dos escritos desse autor compreendi aqueles indivíduos cuja memória depende do seu relacionamento com a família e outras agentes sociais. É, de acordo com este conceito, o meio social o formador de tudo aquilo que lembramos, ou ainda que nossas lembranças são formadas pela relação construída com o outro.

Após cumprir a etapa dos estudos teóricos, tornou-se ainda mais claro para mim o porquê de ter elegido a contação das memórias pelos *velhos* como o suporte para a elaboração do experimento cênico. Foi através da escuta e da contação das memórias desses seis *velhos* que pude, enquanto ator, exercitar os meandros artísticos (palavra, gestos, olhar e estado de presença) que entendo serem fundamentais para firmar a cumplicidade entre ator e público.

As memórias de vida desses seis *velhos* passaram a fazer parte também da minha história, como também passaram a fazer parte as suas palavras, seus gestos e olhares. Sem confundir, neste caso, com a repetição ou recriação, mas entender esse resultado como sendo a absorção do meu corpo às memórias dos *velhos contadores*.

Entre as questões que esta pesquisa suscitou, e que está em sua base, destaco aquela que procurou investigar como a corriqueira e simples ação de compartilhar memórias e lembranças pode auxiliar o ator na busca pela inteireza no ato de contar uma história, fugindo de possíveis maneirismos artísticos (excesso de virtuosismo e eloquência, vaidade) que ao invés de aproximar a plateia acaba afastando-os.

O ritmo e a pausa que cadenciam a fala e dão colorido à contação, a elaboração de imagens por parte do ouvinte diante daquilo que é compartilhado, presença de gestos que *corporalizam* memórias foram alguns dos aspectos apresentados, naturalmente, em

diversos níveis pelos seis *velhos contadores* que tive o privilégio de conhecer nesta jornada.

Durante esta investigação criativa, pedindo licença aos *velhos contadores* e fazendo uso de suas memórias e da observação de cada palavra, pausas e gestos, fui sendo conduzido à conquista de um corpo que se afasta da caricatura de um *velho*, já que desde o princípio minha intenção foi pela busca de uma energia que me aproximasse desses indivíduos que, ainda que de forma romantizada, percebo-os como sábios, detentores da memória e das tradições de uma sociedade e que sobre eles descansa a palavra viva!

E por falar na palavra, é imprescindível pontuar a forte influência dos ensinamentos do ator/*griot* Sotigui Kouyaté nesta pesquisa. Foi fundamental para o desenrolar de toda a investigação criativa esse encontro com o universo da ancestralidade presente na figura de Sotigui.

A ancestralidade é sempre fonte de orgulho e alimento para que se estabeleça um eterno diálogo entre as gerações. Este dialogo nunca é hierárquico. A identidade do *griot* é formada pela preservação da memória, pelo respeito aos antepassados, pela sabedoria presente nos ensinamentos orais, mas também pela busca de uma adaptabilidade ao presente. (BERNAT, 2013, p.225).

Sotigui nos mostra o quão importante é a valorização das nossas raízes e o quão necessário é, em tempos de individualismo e disputas pelo poder, nos deixarmos afetar por aquilo que o outro diz para deste modo fortalecermos o elo das tradições que nos une, ampliando nossos referenciais enquanto indivíduos e artistas.

Volto a dizer que seria descabido comparar a figura mítica do *griot* com os meus *velhos contadores*, haja vista que a função social do *griot* é histórica e perpassa outros caminhos que vão muito além da contação de histórias. E que, portanto, mais que uma comparação o exemplo do *griot* Sotigui Kouyaté se faz presente nesta dissertação enquanto fonte de inspiração para voltarmos ao campo sensível, de modo a se sentir tocado pela presença e história do outro.

A maneira que encontrei para chegar nesse campo sensível foi através da inquietação artística que me faz enxergar no outro um extraordinário e singular universo de pesquisa, ao passo que conhecendo partes de mim no outro acabo por reconhecê-lo através de mim.

E dessa alquimia entre conhecer e se reconhecer acabei sendo surpreendido com o retorno daqueles que assistiram às apresentações da célula do experimento cênico. Alguns disseram que ao serem apresentados àquelas memórias acabaram por criar súbitas conexões entre as histórias ali contadas com as vividas por eles. As memórias deixaram de ter um único dono, ao compartilhá-las passaram a ser de todos que as desejassem.

Finalizo com a sensação de que esta pesquisa é o marco de uma jornada que não se encerra por aqui, ao contrário, se inicia. Anseio por conhecer, questionar, silenciar, experimentar, provocar e vivenciar mais desse contador de histórias que faz das suas memórias o alimento ideal para fortalecer e vivificar a palavra.

Ainda há muito que descobrir, me perder e me achar... múltiplas são as possibilidades a serem exploradas.

Sigo a caminhada!

Que o *velho contador* me acompanhe!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÁ, Hampâté. **Introdução à Cultura Africana**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BENJAMIN, Walter Benedix Schönflies. **O Narrador**. In: *Os Pensadores*. Textos Escolhidos/ Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. Trad. José Lino Grunnewald ... [et al.]. 2ª. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, 343 pp.
- \_\_\_\_\_. **Expérience Et Pauvreté**. In: Euvres II. Trad. Pierre Rusch. Paris: Gallimard, 2000.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. Trad. Paulo Neves. 2ª. Edição São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Memória e Vida**. São Paulo: Martins Fontes: 2006.
- BERNAT, Isaac. **Encontros com o Griot Sotigui Kouyaté**. Editora Pallas.
- BIRMAN, J. **Futuro de Todos Nós: Temporalidade, Memória e Terceira Idade na Psicanálise**. In: Veras, R. Terceira Idade – um envelhecimento digno para o cidadão do futuro, UNATI. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995, p.29-48
- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Tao. 1979.
- \_\_\_\_\_. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê. 2003.
- BUSATTO, Cléo. **Contar & encantar: Pequenos segredos da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- CAFÉ, Ângela Barcelos. **Os Contadores de Histórias na Contemporaneidade: da prática a teoria, busca de princípios e fundamentos**. Tese de Doutorado - Universidade de Brasília, 2015.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 2007.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Prática Pedagógicas**. Currículo Sem Fronteiras, v. 11, nº2, pp. 240 -255, Jul. / Dez 2011. Pontífice Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC -Rio.
- CASTILLHO, Jacyan. **Ritmo e Dinâmica no Espetáculo Teatral**. 1a. Edição – São Paulo: Perspectiva; Salvador, BA : PPGAC / UFBA, 2013.
- CHEKHOV, Michel. **Para o Ator**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Pontes Editora Ltda.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.
- COLLA, Ana Cristina e FERRACINI, Renato. **Ator: Um Olhar Poético Para a Imagem**. Revista do Lume, nº 06, 2015.
- COSTA, Catarina de Sena. **Variação/ Diversidade Linguística, Oralidade e Letramento: Discussão e Propostas Alternativas Para o Ensino de Língua Materna**. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.
- DURKHEIM, Émile. **Les Règles de La Méthode Sociologique**. Paris, 1985.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- MATOS, Gyslayni Avelar. **A Palavra do Contador de Histórias**. São Paulo; Martins Fontes, 2015.
- MOSTAÇO, Eldécio. **A Arte da Borboleta; Do Casulo ao Voo**. *Revista de História e Estudos Culturais*. Out. / Nov./ Dez. de 2006 – Vol. 3, Ano III, nº 4.

- MELLO, Marilene Carlos do Vale. **A Figura do Griot e a Relação Memória e Narrativa – Griots: Culturas Africanas, Linguagem, Memória e Imaginário – 1ª Edição.** Organizadores: Tânia Lima, Izabel Nascimento, Andrey Oliveira. Editora Lucgraf, Natal- RN, 2009.
- MENDES, Danielle Cristina. **Oralidade, Narrativa e Mito: Uma Proposta de Leitura Dialógica.** Linguagem em (Re)vista, Ano 09, N<sup>os</sup>. 17 – 18. Niterói, 2014.
- ONG, Walter. **Oralidade e Cultura Escrita.** Campina: Papyrus, 1998.
- PAVIS, Patrice. **A Análise dos Espetáculos.** São Paulo: Perspectiva, 2003.
- RATTO, Gianni. **Hipocritando: Fragmentos e Páginas Soltas.** 1ª Edição - Editora Bem-Te-Vi, 2004.
- SEIXAS, Jacy Alves. **Halbwachs e a Memória-Reconstrução do Passado: Memória Coletiva e História.** *História.* São Paulo: Ed. UNESP, v. 20, 2001.
- SIMONSEN, Michele. **O Conto Popular.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- SISTO, Celso. **Textos e Pretextos Sobre a Arte de Contar Histórias** (3ª edição, revista e ampliada). Belo Horizonte, Aletria, 2012.
- STANISLAVSKI, Constantine. **A Preparação do Ator.** Trad. Pontes de Paula Lima. 34ª. Edição Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2016.
- \_\_\_\_\_. **A Criação de um Papel.** Trad. Pontes de Paula Lima. 22ª. Edição Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2016.
- \_\_\_\_\_. **A Construção da Personagem.** Trad. Pontes de Paula Lima. 26ª. Edição Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2016.
- STERN, William. **Psicologia General.** Buenos Aires: Paidós, 1957.
- YUNES, Eliana. (Org.) **Pensar a Leitura: Complexidade.** São Paulo: Loyola, 2002.
- ZUMTHOR, Paul. **Escritura e Nomadismo – Entrevistas e Ensaios.** Trad. Jerusa Pires Ferreira e Sônia Queiroz. Ateliê Editorial, 1990.
- \_\_\_\_\_. **A Letra e a Voz – A “Literatura” Medieval.** Tradução Amalio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.

### Outras Referências

- Documentário: Sotigui Kouyaté: um griot no Brasil. Disponível em < [https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te\\_3pjI\\_\\_](https://www.youtube.com/watch?v=sJd1te_3pjI__)>. Les Chemins de Sotigui Kouyaté, 2002 .
- Portal ABRAZ. Disponível em: < <http://abraz.org.br/sobre-alzheimer/o-que-e-alzheimer>>.

## ANEXOS: Transcrições dos Encontros com os *Velhos Contadores*

- Memórias de dona **Dioneia**

[*Peço para ela falar o nome*] Meu nome é Dionéia Lima. Sou filha de José como é... meu avô e minha avó foram os meus pais, que me criaram e tomaram conta de mim, me criaram e ficaram no chamego comigo o tempo todo. Aí minha vó... fui para casa de minha vó, passeava na casa dos tios, dos primos, dos irmãos, mas a minha... quando eu fui morar com meus avós era as duas saídas que tinham lá em casa: Uma gata e eu. Uma gata que minha avó chamava ela de saída e eu [ri]. Aí quando chegava carro, chegava coisa e tudo...aí minha vó gostava da gata. Bastava ela chegar assim no quintal: [*diz como que reproduzisse sua vó falando*] “Saída! Saída”. Aí corria eu e a gata [ri]. Aí minha vó dizia que era as duas saídas dela eu e a gata [risos]. [*Pergunto se ela foi pequena ficar com os avós*] Foi pequena. [*Enfatizo se foi pequeninha*] Pequena! Pequena mesmo! [*Pergunto se foi aqui em Salvador*] (...) Em Oliveira dos Campinhos. [*Pergunto o motivo dela ter ido morar com os avós*] Meus avós que me tomaram pra criar porquê eles viviam sozinhos numa fazenda. [*Pergunto se ela lembra dos seus pais*] Eu me lembro... meu pai, minha mãe...minha mãe morava também em Oliveira, mas ela tinha a casa dela lá, mas eu não tinha muita coisa com minha mãe... [*Destaco se o maior contato era com os avós*] Meus avós e minha madrinha também. Minha madrinha me batia de (...) Altino foi meu padrinho. Aí me batizou em Oliveira dos Campinhos...em Oliveira dos Campinhos e Graças a Deus minha vida (...) [*pergunto se ela teve irmãos*] Irmão? Tive tanto irmão! Tive tanto irmão. [*Averiguo se vivia com ela*] Não! [*Pergunto se era só ela e a gata*] Era! Agora os primo ia lá pra casa. (...) Quando passava pelo caminho ia pra casa dos irmãos de minha vó. Tudo filho de minha vó (...) Aí eu ia. Quando eu ia chegava na frente ia e tudo. (...) Foi muito feliz de viver a vida. [*Pergunto se a infância foi boa*] Minha infância foi ótima! [*Inquiro se ela tem alguma história que se recorda da infância. Alguma coisa que a marcou*] (...) A minha história... minha vida foi um pouco... como é? Meu avô... perdi meu avô novo, novo, novo (...) Ele foi para São Gonçalo dos Campos, ele viajava nas carroças pra fazer compras. Comprar... Ele ia fazer compras de... carroça de tudo pra revender em Oliveira. Aí ele comprava fumo, comprava mandioca, comprava tudo pra vender e botava dentro de casa pro pessoal trabalhar. Aí quando foi um dia ele sem se queixar de nada saiu e... eu fiquei dentro de casa eu e ele aí ele inventou de botar uma rede na varanda. E nessa rede ele se deitou e adormeceu. Mas essa morte foi a morte do bem. Tava minha avó agoniada e uma senhora que queria raspar mandioca e queria fazer isso e queria fazer aquilo e meu avô com aquele sono... que era pra chamar meu avô. Aí minha vó : [*diz como que reproduzisse sua vó falando*] “ Ói deixa as horas passarem, deixa estar o dinheiro que se faltar do salário de vocês é por minha conta.” Aí o pessoal foi pra casa de farinha. O pessoal, não! Minha avó e essa [*digo: essa moça*] ...essa senhora. Que ela já era senhora já! Aí ela foi pra casa de farinha pra ajeitar as coisas e tudo. Quando afinal de contas, chamaram minha avó na varanda, quando chamou a minha avó na varanda... aí meu avô morreu assim... deitado. Ele morreu deitado. E eu já estava... quando ele disse deitar... aí pegou me botou lá na casa de... no armazém onde fazia...tinha as lavoura, as coisas dele lá e tudo. Aí ele pegou e levou as meninas que brincava comigo tudo pra lá e quando acabou ele entregou as brincadeiras na casa dele: nessa casa de farinha. A casa de farinha era onde fazia as festas dele, as feiras dele... Eu não ia nem lá. Eu não ia. Não deixavam eu ir que era pra eu num...Que ele sabia que se eu fosse pra lá eu ia ficar com ele, perturbando ele. Num deixavam eu nem ir. Daqui a

pouco to vendo o povo num entra e sai. Entra e sai. Eu num tô sabendo de nada. Depois que foram... tiveram que tirar ele da rede na varanda e botaram pra dentro de casa pra trocar de roupa, de coisa, de tudo pra depois... Um parente meu foi comunicado e ele foi em Oliveira e meu avô já tinha falecido. *[Pergunto o motivo da morte]* A morte veio pra... Ele já era velho. Já bem velho. Vivía pra baixo e pra cima ( ...) trabalhando com uma coisa e com outra. *[Enfatizo ele não ter deixado de trabalhar]* Num deixou não. Ele só trabalhava para São Gonçalo dos Campos, aqueles arraiá dos vizinho tudo. Ele ia fazer compras e revender na casa de farinha e aí a vida dele era essa... *[ Pergunto como ficou sua avó]* Ah! Minha avó ficou com as duas saídas: era eu e a gata. *[risos]* Nós duas dentro de casa *[digo que faziam companhia uma a outra]* (..) *[ Pergunto como ela veio pra Salvador]* aí eu fui parar em Salvador a passeio. Nesse tempo que eu tava menina, menina. Aí um tio meu foi me buscar lá em Oliveira e de Oliveira fui esbarrar em Conceição de Jacuípe e ficava numa casa e no outro dia na outra... lá não tinha lugar pra mim igual a casa de minha vó não. Eu chamava ela de *[ reproduzindo]* “Minha vó, minha vó!” Meus primos ciuava que era danado. Que a avó era de todo mundo e eu só ficava esse negócio de “minha avó” *[ri]*. Ah! *[Silêncio. Pergunto se ela lembra o bairro que ela morou em Salvador]* Eu morei lá em Berimbal. Meu pai tinha fazenda lá em Berimbal. Aí morei uma temporada lá. Passei uma temporada por lá e depois vim pra aqui. *[Indago sobre sua juventude]* Minha juventude foi isso eu... brincando de boneca, brincando de coisa, tinha um... Lá em casa tinha um bucado de empregada. As meninas que trabalhava na casa de farinha aí eu dizia que era minhas empregadas. *[risos]* Elas eram quem fazia as comidas, quem fazia as coisas... Eu não podia mexer no fogo de jeito nenhum que o pessoal não queria. Que não podia ficar brincando com fogo. Aí eu saía pelas cabeceiras da roça e pegava era aipim, era coisa, como é? Batata e tudo que eu achasse de coisa de comer eu ia pegando, quebrando e botando no balaio. Tinha uma maior que ia lá em casa e as outras iam... Teve vez até de meu avô ir almoçar lá comigo. O almoço era uma coisa tão perfeita! Tudo direito que as meninas fazia. Meu avô ao invés dele almoçar em casa, ele almoçava lá debaixo do pé de guabirava ele dizia que era minha casa. *[risos]* Aí ele ia lá para casa e eu almoçava lá com as meninas e depois ficava no rio. Elas se interessavam, muito que faziam as coisa (...) *[Pergunto se jovem ela estava lá ou em Salvador]* Não! Nesse tempo eu era uma menina. Depois fui e tive lá de novo. *[Pergunto se voltava sempre pra lá]* Voltava sempre pra lá. Tinha meus tios na estrada que vinha de Oliveira pra Feira de Santana, e essa aqui pra Salvador. Aí a estrada era essa. Aí nessas estrada aí não sei quantos tios meus que moravam...cada um morava aqui *[Digo: num canto]* Numa fazenda! Passava uns dias com um, uns dias com outro. *[Questiono se ela gostava de ficar cada tempo em uma casa]* Ah! Eu gostava! Gostava, me distraía. Os meninos ficavam de coisa assim... eu queria que os meninos me respeitassem. As verdura, as coisas que eu pegava e arrancada das cabeceiras da roça, botava dentro de casa e dizia para as menina fazer e isso, e isso e isso... eu dava as ordens! O que eu via minha avó fazer com o pessoal da casa eu aí fazia a mesma coisa com as menina...*[risos]* que era pra elas fazer o almoço direito, as coisas direito. Teve umas duas ou três vezes que meu avô almoçou lá debaixo desse pé de guabirava com a gente aí sentou e mandou chamar minha avó. Sentou minha vó lá debaixo do pé de guabirava. Esse pé de guabirava fazia tempo assim ó... Não nascia guabirava. Não deixava nascer. Eu mesmo capinava. Lá tinha uma gatinha que parecia ... A gata era a Saída de minha avó. Saída estava por onde ela tivesse. Quando ela chega, ela chega e vem atrás. Saída também tinha um porretezinho dela... Ai! *[Pergunto se ela adulta tinha alguma história]* Minhas histórias de adulta é muito... *[pausa]* ...eu desejava trabalhar, fazer algumas coisas, tudo... e não conseguia nada devido ao meu estado de saúde... *[Pergunto o que foi que havia acontecido]* o problema que eu tive, epilepsia, não pude



estudar, não pude trabalhar, não pude nada! [*Pergunto sobre os estudos*] Eu estudei... terminei o ginásio, mas eu tinha vontade era de me formar, trabalhar e tudo mas eu não pude! [*quis saber o que ela desejava ser*] eu queria dirigir... doutor... uma coisa assim... eu mandar no pessoal... eu mandar e não ser mandada, eu queria era isso! [*Pergunto se ela descobriu doença quando era adulta*] Não Já foi menina que me apareceu a doença, aí não pude estudar, não pude trabalhar, não pude nada... ficava minha vó me paparicando e coisa e tudo, e brincando comigo, um monte de brincadeira e eu passando minha vida. O momento mais feliz que eu tive foi quando eu tive o meu avô e a minha avó... Tinha uns tios, primos, tudo...Os primos só prestavam pra ‘ciumar’ de mim, tinham um ciúme de mim danado... diziam que minha avó (*como que reproduzindo a fala de alguém*) “só parecia que era neta de vovô era Dedé”, aí ficava me arremedando... só quem parecia que era neta do meu avô era eu (*sorri*) ... e eles também eram netos, mas meu avô qualquer coisa tudo já me procurava e eles ficavam putos. [*Pergunto se ela foi casada*] Não! Não quis saber. Nem namorado eu nunca tive. Não quis saber de casamento e nem de filho. [*Pergunto o motivo*] Oh! Minha saúde desse jeito. Não me ajuda. Não dão ajuda. Eu queria era trabalhar para ter meu dinheiro, minha vida. E pra e viver nessa vida... Nem me interessei. Achei, mas não queria. Há uns anos atrás lá em Santo Amaro, um rapaz era noivo de uma moça aí foi que quando tava perto de se casar aí ele foi inventar de fazer coisa pra fazer casamento comigo. Aí mandou me chamar pra acertar isso. Sentou na cabeceira da mesa e eu sentada do outro lado queria chamar meu pai pra acertar as contas comigo. E eu queria saber de casamento mesmo! Não quis saber de casamento de jeito nenhum. [*Averiguo se ela sentia falta*] A gente com saúde é uma coisa, agora a gente assim não dá uma ajuda, não dá isso, uma coisa. Eu queria trabalhar pra receber dinheiro e ser... [*Enfatizo o independente*] independente! E eu consegui. Aqui mesmo eu sou a idosa mais antiga. [*Pergunto como ela chegou até o abrigo*] Minha mãe morava aqui no Largo do Tanque aí não me dava com ela e tudo, aí depois resolveu me colocar aqui... [*Averiguo quem resolveu*] Meus parente! [*Indago com quem ela morava antes de ir para lá*] Eu ainda morava com meu avô e minha avó. Meu avô já tinha morrido, mas eu morava lá e às vezes ia pra casa de um parente, pra casa de outro (...) e ficava com minha avó, com minha madrinha, meu tio José, irmão de minha mãe, minha vida foi essa. [*Pergunto se ela sabe quantos anos ela está lá. Se ela tinha idéia*] Outro dia fazendo umas contas aqui com... tô com setenta e poucos anos. Eu sei que o povo aqui, a assistente social disse que sou a idosa com mais tempo aqui. [*Inquiro se ela gosta de ficar lá*] Ah! Eu gosto. Eu gosto, gosto, gosto muito. [*Pergunto sobre o dia a dia dela*] Meu dia a dia é... Ia pros hospitais levar idoso. Tinha as funcionárias aí às vezes quando alguém ficava doente e as funcionárias chegavam eu já tinha dado assistência. Levava na Irmã Dulce, levava no Quarto Centro, Santa Isabel, todos esses hospitais. [*Digo que ela ajudava*] Ajudava! Ajudava o doente na sala, na arrumação. Esse mesmo... foi prefeito. Muito prefeito que passou aqui. [*Questiono o nome*] Esse foi... Sei que ele andava de cadeira de roda. Ele era médico, foi diretor daqui. O último trabalho dele foi esse prédio aqui que ele fez que era pra ser coisa de... lugar pra guardar os materiais do serviço social. [*Ela fala sobre o ambiente*] Tão arrumando pra o Carnaval! [*Investigo se terá festa*] É! Carnaval é! [*Pergunto se já pulou Carnaval*] Eu pulava carnaval, antigamente eu ia. Saia lá em Oliveira. Salvador eu às vezes descia com os primos eu ia ali pra... descendo a Rua Chile...descendo aquela rua ali perto do Campo Grande. Eu só gostava mesmo pra fazer a volta ali na Rua Chile e ficava ali com meus primos e tudo. Mas eu ia embora e largava eles lá. [*Pergunto de qual época que ela sente mais saudade*] Ah! Eu tenho saudade do tempo de minha avó e meu avô. Meu pai mesmo eu não tenho o que dizer. Ele queria... tinha lá a mulher dele queria me botar debaixo dos pés. [*Pergunto se seu pai se casou novamente*] Não! Meu

pai tinha várias mulher. Ele tinha os filhos. Tinha uma coleção de mulher. *[risos]* Ele tinha oito filhos! Depois arranhou uma Olga, essa Olga teve mais dez filhos e aí pronto. Tudo criado por ele e por ela. Mas eu deixei todo mundo pra lá. Eles não tão me ligando. Não me liga. Eu não ligo, ligo. Se liga me ligasse, eu ligava liga, né? Sabe disso? *[Peço para ela explicar]* Ligo não me liga, eu não ligo liga. Se liga me ligasse, eu ligava liga. Eu tenho irmão e tudo e não me procura. Eu to aqui há não sei quantos tempos e não me procuram. *[Pergunto se alguém a visita]* Bem poucas! Bem poucas. *[Pergunto quem já foi lá]* Quem já veio aqui é uma prima que tenho que mora lá na Barroquinha. Eu sei que ela trabalha por lá e depois ela trabalha no cartório. Do cartório... Essa semana mesmo ela teve aqui. Veio me trazer meus dinheiro, meus pagamentos. Eu gosto de meus pagamentos. Ela chega aí *[ênfatiso que a prima resolve]*... Ela que resolve tudo aí com serviço social. *[Pergunto se a prima vai rápido]* Oh! Ela não tem tempo, meu filho. Ela às vezes chega aqui numa carreira porque ela tem os filhos dela. Tem os netos que vive enrabichados na saia dela. Larga a casa da vó... que aqui em Salvador larga a casa da vó pra ficar atrás de Sueli. Aí vai lá pra casa de Sueli dorme lá, come... aí Sueli faz tudo quanto é vontade a eles! Aí nessa... tem esse neto que Sueli fica paparicando... Ela tem os filhos dela. Três filhos. Dois casados. Tem Antonio que é casado... Coisinha também casou e o outro... são tudo casado os filhos dela. Todos os três casados. Agora... *[Pergunto se ela sente falta de ter alguém da família por perto]* Eu, se eu tiver saúde... eu queria era ajudar, trabalhar, mas como é que pode? Eu fico pensando em ataque, em vim a doença e tudo aí eu prefiro ficar aqui. *[Peço para ela explicar sobre sua visão]* É! Esse lado... óia pra aqui oi! *[Mostra o olho]* Ói como está! Tá inchado aí vai formando essas bolhas, esses caroços assim. Aí uma vez fui num médico aqui no Canela. Quando cheguei lá o médico pegou e mandou fazer numa mesa lá pra me atender. Quando acabou ele sentou, cruzou os braços... ele de braço cruzado pra eu dizer o que sentia. Eu ai fiz a descrição da minha vida toda. Quase toda! Aí falando dessa epilepsia...vontade era de achar um médico... um remédio que me curasse! Aí ele olhou pra minha cara e eu dizendo... fazendo a descrição da minha vida aí ele quando chegou depois ele falou com Sueli que eu não tinha problema nenhum pra me preocupar. Aí Sueli... ele não deu nem um chá pra remédio ele não me deu, esse Doutor. De braço cruzado tava e de braço cruzado ficou. *[ênfatiso ele ter ficado de braço cruzado]* Eu dizendo o que senti na vida e tudo e ele ficava calado e Sueli em pé nas minhas costas. Botaram uma cadeira pra Sueli. Aí Sueli se retou logo e não quis sentar e a gente foi embora. *[Perguntei se ela costumava sair para passear]* Não! Eu saia muito. Eu saia daqui e ia pra Conceição de Jacuípe, ia pra Oliveira dos Campinhos pra ver os parentes. *[Indago se ela faz isso hoje em dia]* Hoje em dia não tô podendo. Com minha vista desse jeito. Eu tô aqui e depois que cheguei aqui agora dessa ultima vez eu fiquei pra cuidar de mim. *[Silêncio. Investigo se ela pudesse mudar alguma história da sua vida pra muda o que mudaria]* Ah! Eu tenho a minha saúde. Isso já morreu minha avó, meus tios já morreram, meus tios por parte de mãe, né! *[Pergunto sobre a mãe dela]* Ela morreu. Minha mãe era... eu não tinha muito chamego com ela não. Minha coisa era com minha avó. *[ Pergunto se ela deixou de fazer muita coisa por causa da saúde]* Eu tinha vontade de trabalhar e de tudo. Aqui mesmo onde tem um café lá em cima... foi a sala que quando eu cheguei aqui eu fui pra aquela sala. Fui pra aquela sala e lá passei a minha temporada e depois fui pra a sala dos outros. Eu saí e fui pra sala dos outros. Depois voltei de novo pra sala 109. Na sala 109 foi quando eu tive uma crise de epilepsia aí um senhor que era o administrador daqui pediu pra me botarem numa sala sem escada. Aí ele me botou na sala 104 e disse que ia ser daquela sala. Só que eu fazia as coisas até escondida do povo, quando pensava que não tava tudo pronto. Às vezes as meninas lavava uma coisa, lavava outra. Não me queria fazendo

isso e quando elas saiam quando chegavam já tudo pronto. *[Risos. Enfatizo que era pra se sentir útil. Pergunto se ela teria mais alguma coisa que ela quisesse falar]* É meu primo, eu via ele quando era menino. *[Chama uma moça e depois chama um rapaz]* (...) Eduardo! Num tô acertando não...venha cá! Eu tô contando aqui minhas proezas de quando eu era menina na casa de meu avô, casa de minha tia. Eu tô dizendo esse daqui mesmo é meu primo oi! Esse daí você conhece, né? Das coisas que eu pintava na casa dos tios, na casa da mãe dele, na casa dos outros tios que morava... que vinha de Oliveira pra Conceição de Jacuípe na estrada... tinha umas quatro família e todas as quatro era de minha avó. Dos filhos de minha avó, o pai dele foi que morreu logo cedo e minha tia aí graças a Deus... *[pergunto se a melhor época da vida dela foi a infância]* Foi! *[pergunto se ela pudesse voltar numa época se seria a infância]* Ah! É! *[Investigo se quando ela está só se ela pensa nessa época]* Eu entrego tudo a Deus! *[Pergunto se ela não fica pensando muito]* Não gosto muito porquê é passado e eu não tenho jeito para dar. Assim seja feita a vontade de Deus e não a minha. Aí eu vou viver até o dia que Deus quiser! *[Pergunto se ela ainda tem sonhos]* Eu... a minha esperança é... minhas esperanças já tá no fim. Eu tô esperando agora é me chamar e ele não quer. Ai! *[Silêncio. Agradeço por ela ter contado a história]* Pois é! Minha vida foi essa. Saúde e felicidade para todos. Desejo o bem para todos! Saúde e felicidade. Saúde. Aqui era onde eu dançava santa Maria... Agora to que nem aguento nem mais andar. Andando de cacete. *[Pergunto se foi ela quem colocou as fitas na bengala]* Sou eu que to botando. Vou fazer uma coleção nova. *[Pergunto o motivo dela querer trocar as fitas]* Tão todas machucadas! Isso que quando me deram essa bengala ai veio esse cordão com esse sino de madeira *[risos. Pergunto quem deu]* O marido de uma irmã minha. Ele nunca usou não. Isso devia tá em cima de guarda roupa. Nos dias que fui passar uns dias na casa dele aí oia... a filha dele foi no quarto panhou e me deu. E ai tem essa temporada toda em minha mão. Mas eu num tô enxergando nada. Daqui eu não vejo nada, nada, nada. Aí do lado de cá enxergo um pouco. *[Digo que ela tem que andar com mais cuidado]* Ah! É! Tem que ir uma pessoa comigo tem que... *[Enfatizo que tem que estar sempre com alguém e pergunto se ela gosta disso]* Eu queria que Deus ficasse do meu lado e mandasse o pessoal cuidar da vida deles e me deixasse em paz. Mas seja o que Deus Quiser, né! *[Digo que vou desligar a gravação]* Sua família é de onde? *[Explico para ela que sou de Conquista. Que sou ator. Que fiz faculdade de história e que meu sonho sempre foi fazer teatro aí vim pra fazer teatro e estudar e que isso era uma pesquisa sobre memórias]* Essa gata parece toda a Saída. *[ Pergunto quem deu esse nome]* Saída era minha avó que chamava. Que a gata chegava na cozinha aí ia pra panela aí minha avó dava o carão nela aí...*[mostra uma moça]* Essa daí é a enfermeira. *[Pergunto qual a data de nascimento dela]* Foi 6 de janeiro de 1922.

- Memórias de dona **Giselia**

*[Pronto, começamos a gravar]* Sim, o que você queria saber? *[ Vamos fazer uma viagem ao passado, lá na sua infância... a senhora nasceu onde?]* Eu nasci em Santo Antônio de Jesus, na fazenda... Tá gravando? *[ Já tá gravando ]* É? *[ risos ]* *[ A senhora se lembra dessa fazenda?]* *[ longa pausa ]* *[A imagem que você tem dessa fazenda]* Deixa eu vê se eu me lembro... *[longa pausa]* Plantava fumo, sabe o que é fumo? Fazia canteiro de planta... *[pausa]* mas eu não fazia, não... eu via o povo fazer... quem fazia eram as empregadas... *[quem morava nessa fazenda? ]* Quem morava? *[ pausa ]* Era

meu pai, minha mãe... [pausa] minha mãe ensinava... ensinava... [longa pausa] [Seu pai é quem cuidava da fazenda?] Meu pai detestava roça... gostava não! [pausa] Meu pai era funcionário público, mas ele não gostava da fazenda, não! [A senhora gostava?] Eu gostava muito [pausa] só tinha eu de mulher ... [Você teve irmãos?] Tive... cinco! [Você pode dizer os nomes deles?] Era Djalma, Carlos, Jaime e Joel. [A senhora era a caçula] Sim. [Eu também sou o caçula] É? E você morava onde? [Em Vitória da Conquista, interior da Bahia... um lugar frio... na fazenda era frio?] Era! Muito frio [pausa] [E como eram vocês cinco? Você lembra de alguma passagem de vocês brincando nessa fazenda?] [Longa pausa] [balbucia alguma coisa] Eu não lembro muito bem, não! [Vem alguma imagem dessa sua fazenda?] [Longa pausa] Tinha muito caju... tinha abacate... [pausa] eu gostava muito de comer abacate batido com leite [pausa] tinha manga... [Você disse que sua mãe era professora, ela que ensinava vocês?] Não... ela ajudava... [pausa] [Como era sua mãe?] Minha mãe era loira com os olhos azuis, lá em casa todo mundo era loiro... todo mundo já sabia quem eram os filhos de João Cardoso... todo mundo já sabia... [E seu pai?] Meu pai, não [pausa] O que mais você quer saber? [Vamos pensar juntos, sua infância foi toda nessa fazenda?] Foi! [E depois?] Eu vim pra cidade... aqui pra Salvador... aí [pausa] [Em que bairro vocês começaram a morar?] [Longa pausa] Eu era muito orgulhosa, eu não gostava de morar em lugar ruim, não! [risos] [Como é um lugar bom pra senhora?] Um lugar bom? [longa pausa] [Aqui vocês moravam em casa?] Era uma casa e tinha que ser uma casa boa! Era uma casa arrumada [pausa] [tinha que ter um quarto só pra senhora?] Sempre tive o meu quarto! [pausa] [A senhora tinha moral, heim?!] [dona Giselia sorri] [A senhora era muito paparicada?] Eu era demais... demais! [pausa] [A senhora tem alguma imagem dessa casa?] Tinha o santo anjo, tinha o anjo Gabriel no meu quarto... [Era uma imagem dele?] Não... era um quadro... minha mãe rezava o ofício de Nossa Senhora... quarta e sábado... [a senhora rezava com ela?] A coisa que eu mais aprendi foi a rezar! [a senhora lembra da reza?] Era o santo anjo... Santo anjo do senhor, meu zeloso guardador... se a ti me confiou a piedade divina, sempre me rege, me guarde, me ilumina... amém! [e isso repetia quantas vezes?] segunda, quarta e sábado... [pausa] era só com o pessoal de casa, era uma obrigação rezar... fomos criados assim... era assim! Eu gostava... [a senhora tem saudades da sua infância?] eu tenho! [e os seus irmãos?] Os meus irmãos eram ótimos, eu tinha quatro irmãos. [longa pausa] O que mais? [Eles cuidavam da senhora?] Cuidavam como? Protegiam muito! [Tinham ciúmes?] Não! Eu não ia pra casa de todo mundo, não. Eu fui criada assim... [longa pausa] Era assim... [Agora a gente pula... aí a senhora veio pra cá mocinha, estudou e casou... a senhora se lembra de seu marido?] [longa pausa] Eu não lembro muito bem, não! [E o nome dele?] [longa pausa... ela não responde] [A senhora tem quantas filhas?] Duas! [A senhora lembra delas pequenininhas, elas eram bagunceiras?] Não! Eu sempre gostava do quarto delas arrumado... [pausa] Eu sempre gostei de morar em um lugar bom! [A senhora sempre foi quietinha?] Sempre fui! Eu não tinha amizade, assim... [Se pudesse voltar no tempo você gostaria de fazer alguma coisa diferente?] Não... não gostaria, não! [E visitar a fazenda?] Mas hoje é tão difícil, né? [pausa] Tinha uns que queriam casar comigo... meu tia fazia “Zulmira, você não casa sua filha com esses tabaréus, não” [risos] [A senhora lembra desse pessoal?] Eu lembro! [pausa] Mas eu nem conversava assim com eles, eu era muito protegida... muito mesmo! [pausa] Qui eu não ia querer me casar com aqueles tabaréus, nada! Eles não sabiam nem falar direito [pausa] era assim! [pausa] Eu gostei muito de vir embora pra Salvador! [Por que?] Porque eu achava lá muito atrasado, eu não gostava! [pausa] Eu gosto de música, muito! [Tem algum cantor que a senhora gosta?] Não tem, assim, um cantor específico que eu goste, não. [Colocou a música a senhora sai dançando?] Eu

aprendi a dançar...que eu não sabia... eu nunca fui a uma festa dançante, meu pai não deixava! *[Como foi que a senhora aprendeu a dançar?]* Como eu aprendi a dançar? *[Longa pausa]* Dançando! *[Risos]* Eu gostava muito de dançar... eu nunca fui a uma festa dançante, meu pai não deixava! *[Após mais uma longa pausa pergunto se depois do casamento ela não passou a frequentar uma “festa dançante”, ela não responde e dá de ombros]* Eu ia pro cinema escondido! *[Quis saber como ela ia escondido para o cinema]* Eu ia... com o namorado! Eu não gostava de mentir, não! *(Pausa)* *[Na tentativa de uma brincadeira digo que uma mentirinha de leve não tinha problema... não estava fazendo mal para ninguém, nesse instante ela dá uma gargalhada]* Mas meus irmão se pegasse eu no cinema eles contavam, *[eles pegaram alguma vez?]* Pegou! *[ E aí? Contou?]* Contou! Meu pai brigou comigo! Mas não brigou muito, não! *[Isso foi aqui em Salvador, né? Aaah... a senhora não me contou o nome da fazenda, a senhora se lembra?]* Fazenda Barro Vermelho, lá era muito frio... *[pausa]* E você ainda estuda? *[É, tô fazendo mestrado e sou ator, a senhora já foi ao teatro?]* Já! *[ Seu neto também é ator, né? Já assistiu alguma peça dele?]* De Du? Nem me lembro! E aí? *[ E aí a gente conversa o quanto mais a senhora quiser]* *[pausa]* Minha mãe era assim... ela não gostava que a gente tivesse muitas amizades, não! *[ Por que? ]* Porque ela selecionava, ela só gostava de pessoas decentes! *[pausa]* Um dia eu inventei fumar, aí eu peguei o dinheiro da merenda e chamei a minha prima para comprar cigarro *[pausa]* aí fumamos *[pausa]* e aí o meu pai soube *[longa pausa]* meu pai soube *[pausa]* e aí foi aquele... aquela confusão, né? *[Pergunto se ela havia gostado de ter fumado]* Eu gostei! *[riso frouxo]* ... Um dia eu tava na venda e ia pegar dinheiro pra comprar cigarro *[pausa]* mas minha mãe viu (...) fumei muito tempo. *[Pergunto como ela conseguiu parar de fumar]* Parei porque quis parar! (...) Agora eu não fumava nas estradas não, quando eu vinha do colégio... eu não fumava não! Eu fumava, xô ver... eu nem me lembro onde era que eu fumava (...) Tinha uma mangueira grande lá em casa, eu fumava atrás dessa mangueira *[risos depois uma longa pausa]* Lá em casa todo mundo foi bem criado, ninguém dava nome feio, ninguém... ave maria, ninguém... é bom a pessoa ser bem criado. Você xingava? *[ Respondo que não e conto como foi a minha criação, em seguida pergunto se mais alguma história além daquelas que ela me contou a marcou]* Não, nenhuma (...) você já fumou? *[Respondo que sim, mas que não havia gostado... risos... pergunto se ela se lembra do primeiro namorado]* Não, me lembro não! Não tenho nada assim de novidade pra contar! *[Pergunto como é o seu dia a dia atualmente]* É normal, não saio muito... assim! Eu gostaria de viajar... viajar é muito bom (...) Eu viajei muito com meu marido, minhas filhas as vezes iam... as vezes não! (...) Você é daqui de Salvador? Ah, você é de Vitória *[da Conquista], né? Hummm... Eu gosto muito de lugar frio!* *[Pergunto sobre os lugares de Salvador]* Eu já fui no Pelourinho... mas não acho graça! *[E carnaval, a senhora gosta?]* Detesto carnaval! *[risos]* *[Os netos entram e brincam perguntando de quem ela mais gosta]* Ah, eu gosto dos dois... não tem esse assim que eu mais goste! *[risos]* *[Nos despedimos com um forte abraço].*

- Memórias de dona **Martha Muniz**

Meu nome é Maria Martha Muniz, mas aí eu me tornei artista né? Entrei nessa área da arte... aí eu sempre falo Martha Muniz. a minha infância foi uma infância muito boa, eu nasci em 19 de janeiro de 1947, então foi uma época assim... eu tive uma infância normal, brincava... nós brincávamos de roda, podíamos ficar na porta, brincávamos de

ping-pong e de baleou, de bambolê... mas o meu pai não gostava de que eu usasse aquele... uma amiga nossa tinha um bambolê, ele dizia que menina não se anda assim se mexendo com bambolê [*diz como que reproduzisse o seu pai falando*] , (...) e a gente continuava mexendo pra continuar na cintura e fazia aquela [*faz o gestual de como quem estivesse usando um bambolê*]. Eu sempre fui rueira, desde criança, eu apanhei muito, apanhei muito porque eu gostava de rua e lá as meninas ficavam brincando e eu tinha que varrer primeiro a casa *pra* depois sair pra brincar de capitão, costurar aquelas roupinhas de boneca e minha mãe... quando eu nasci, minha mãe tinha 47 anos, quando eu nasci, né? (...) E aí todo mundo achava que a minha mãe era a minha avó e eu não gostava que ela fosse na escola, eu só queria que a minha irmã fosse (...) Aí resultado, lá na rua tinha uma senhora que matriculou as meninas, foram na Escola Parque se matricular. Eu tinha nove anos e eu fui junto com elas, cheguei lá e me matriculei sem os meus pais saberem, na Escola Parque que *pra* mim hoje... hoje não, alguns anos atrás foi... [*nesse instante da contação um transeunte pede informação, Marta Muniz lhe dá atenção*] ... Aí com nove anos eu fui nessa escola. [*Pergunto se antes dos nove anos ela ia pra escola*] ... Naquela época a alfabetização era mais tarde, eu acho que... quem me alfabetizou foi minha irmã. Eu estudava em uma escola que saía de manhã e voltava à tarde, era uma escola de freiras na Soledade, eu estudava num colégio... Escola Parque Número Um, mas como eu vinha com aquelas meninas o meu pai disse que eu não tinha... [*começa a rir*] eu nunca gostei muito de estudar, eu gostava mais de prendas, de fazer coisa de casa, eu sempre fui assim desde muito pequena, e aí eu me matriculei na Escola Parque sem eles saberem, aí quando mãe, quando disseram à mãe que me viam em um lugar que se chama Avenida Peixe, lá na Liberdade... eu nasci na Liberdade onde hoje em dia é a feirinha do Japão, eu nasci ali. Aí mãe foi, aí a diretora da Escola Parque foi lá em casa *pra* conversar com os meus pais, pra falar a respeito da escola... que a escola ia ter um “curso de aprendizado” pra jovem, que não era só para as pessoas de... sabe? Que existia essa pobreza, sempre existiu uma diferença social muito grande e o meu pai, só depois que eu vim saber, observar que a maioria das minhas colegas... poucas tinham pai, era só mãe, né? E meu pai trabalhava nas docas e ele nunca facilitou muito as coisas *pra* gente, ele dificultava porque ele dizia que amanhã... que se tivesse qualquer dificuldade a gente sabia como sair dessa. [*Pergunto quantos irmãos e irmãs ela tinha*] Tinha um irmão meu, mas morreu, eu tinha três anos quando ele morreu, Valter E tinha minha irmã que é Valdívnia, que ela adorava estudar, né? Com dezesseis anos ela já estava na faculdade e eu nunca fui estudiosa... eu me formei na raça mesmo. Antigamente tinha a escola particular, era que pagou, passou, né? [*risos*] depois que inverteu as coisas... e eu aí estudei em um colégio que se chama Aloysio Melhor que foi fundado pelo professor Válcio Lopes, e aprendi na Escola Parque o corte e costura e depois aprendi a tecelagem e aí a tecelagem eu me apaixonei porque eu me identifiquei muito com a professora Guilhermina (...) Aí eu tirei o primeiro grau, aí quando eu fui me formar o meu pai morreu, ele não me viu, né?

Eu consegui me formar em professora, depois eu fiz o curso da Escola de Belas Artes, nos anos 78 eu vim trabalhar aqui dentro do Maciel, que é aqui no Pelourinho... que era... eu não conhecia, era um submundo [*pausa*] e ensinei esses meninos com tanto amor e que hoje, às vezes, eu fico triste quando eu vejo como é que a nossa educação está. A diferença social continua... tá certo que o número de pessoas aumentou muito, né? Mas, eu fico assim observando que as crianças hoje “é” diferentes da minha época. Tinha coisas que era ruim, naquela época, mas eu acho que “tinha” outras que era bem melhor que hoje... [*pergunta se ela conseguia ver essas diferenças*] muito grande, sabe? Em termos... assim... de amor, de respeito ao mais velho, sabe? Teve muitas coisas que avançou, teve uma melhora em determinados aspectos e piora *pra* outros porque

antigamente, na minha época, ave maria se um vizinho chegasse e fizesse uma queixa! A gente apanhava, tomava bolo... Tinha que dar bença, sabe? Ou tinha que chamar de o senhor, a senhora... mas eu tive uma infância muito boa! [*Quero saber como era o dia a dia e a relação dela com os irmão nessa época da infância*] minha irmã casou muito cedo porque meu pai não gostava de ninguém dentro de casa e ele era muito severo e ela sempre foi diferente de mim, eu respondia, era uma diferença muito grande de idade tinha dez anos, ela era mais tímida, mais fechada e quando chegava um colega dela meu pai perguntava logo [*imitando a voz do pai*] “você estuda? Então me diga quanto são cinco vezes sete?”, ele tomava a tabuada, e aí se a menina não respondesse ou não soubesse... aí ele falava [*imitando mais uma vez a voz do pai*]: “pode ir embora, essa daí não é amizade para você... não sabe cinco vezes sete”... aí eu sei que minha irmã não aguentou isso e casou logo. (...) Eu e minha irmã éramos mesmo muito diferentes, até na cor da pele e eu nasci da cor do meu pai. E todo mundo que chegava lá em casa perguntava [*mudando o tom da voz*] “onde você achou essa roxinha? Que neguinha feia é essa? Parece uma niquinha”... Não foi fácil... tanto que hoje tenho problema... tenho ido no psicanalista e tenho descoberto um monte de fatores que me levaram a ter determinadas coisas na minha vida que veio de infância e a gente nunca acha que isso vai dá um trauma no futuro, né? [*Pergunto: mas a senhora fala em relação ao preconceito?*] Sim, e da própria família, dentro da própria família (...) eu achava que minha mãe não era minha mãe porque como eu olhava para ela ... e as mães das minhas colegas eram todas jovens... minha mãe era bem clara, cabelo liso e eu nasci negra e todo mundo dizia que eu era muito feia: “ah ela é muito feia” e ai eu puxava meu cabelo... eu tinha um cabelo grande e fazia aquelas duas tranças (...) hoje acho engraçado mas na época não! Meu pai me dava tudo do bom e do melhor... me dava joias para superar e isso foi uma coisa boa num aspecto e ruim porque a minha irmã é muito simples e eu já sou diferente dela apesar dela ter uma situação financeira melhor do que a minha, mas ela sempre foi uma pessoa mais ajustada do que eu, sempre fui muito consumista, eu acho que era para superar justamente uma coisa, né, que vinha aqui dentro que eu não era aquilo e que eu não ia dá pra nada porque eu gostava de ficar na rua jogar capitão, respondia meu pai... porque quando ele falava eu ia de encontro... eu trazia minhas colegas pra aqui pra casa sim, tinha minhas colegas perto de casa ai eu já estava no ginásio, aí eu já não estava mais na Escola Parque... aí eu levava minhas colegas tudo para lanchar lá em casa, ele falava [*imitando a voz do pai*] “mas essa nega é peituda né, Sinhá Sinezia... essa sua Maria é peituda”, aí mãe fazia aquele bolo e dava guaraná e refrigerante para as meninas, meu pai perguntava se todos já tinham almoçado... ele era muito extravagante, era muito farto... muita comida (...) Rapaz eu tive uma infância legal! [*Fico querendo saber mais dessa relação dela com seus pais*] Eu acho que eu devia ter dez anos que eu vim ver que ela era minha mãe, tinha muitos traços meu apesar dela ser clara... [*Pergunto: até os dez anos a senhora não tinha ideia que ela era sua mãe?*] Eu ficava achando que ela não era minha mãe, mas ai depois todo mundo falava...mas meu pai dizia “a boca é igual a de sua mãe, sinhá Sinezia”... porque meu pai era neto de Theodoro Sampaio (...) a mãe de Theodoro Sampaio era irmã do pai de meu pai, que foi o primeiro engenheiro negro do Brasil, né? E meu pai era Santa Marensse também, eu vim descobrir que Theodoro Sampaio era meu parente há pouco tempo...eu tenho uma tia Nininha que ela está com 103 anos e ela veio contar e trouxe foto dele no jornal falando, aí foi que eu tive esse “negoço” de arte, né? Veio do sangue... eu ficava achando que ela não era minha mãe, né? Por causa da cor e da idade, assim ela era mais velha aí quando tinha reunião queria que minha irmã fosse, ai minha irmã dizia: “agora veja, você não quer que minha mãe vá... você preta como que minha mãe branca e você não quer fica com vergonha”... aí eu ficava mas nunca liguei não

essa coisa veio me atinar depois! [Quero saber como era o diálogo em casa, como quem havia mais conversa: com o pai ou com a mãe] Não tinha muita conversa não (...) na época do Santo Antônio tinha uma festa, né? meu pai não deixava eu ir sozinha, aí mãe ia e coitada ficava sentada lá, eu fica lá dançando, brincando com as meninas e ela lá sentada esperando ele... Meu pai não deixava de jeito nenhum eu ir sozinha com colega de noite de jeito nenhum ele não deixava ai mãe ia comigo ai criou uma coisa entre eu e minha irmã por que com minha irmã era diferente entende tanto que minha irmã com quinze anos... ah meu pai era ignorante mesmo... meu pai não gostava desse “negoço” de namoro, esse “negoço” de casar, sair com colegas, ele não gostava e eu fiz tudo que ele não gostava! Quando comecei a namorar botei na porta essa menina não sei o que por que minha irmã com quinze anos já tinha filhos, ela engravidou e ele chorou... depois pegou uma arma foi atrás do cara... eu que fui mostrar pra ele onde que tava o rapaz... eu era pequena... minha irmã casou cedo justamente pra fugir das ordens de meu pai, mas nem adiantou... ela casou e terminou morando lá em casa junto com o marido, (...) minha irmã não falava nada, era mais fechada... eu não, meu pai comprava um pano e se eu não gostasse eu não ia vestir, comparava sapato com pé maior... ele comprava um número maior e botava um estopa dentro para quando o pé fosse crescendo... ai eu dizia “eu que não quero esse sapato de homi” e ele respondia “queta com isso, essa menina, eu lá vou comprar sapato de homi pra você? Me arespeite” e eu respondia “parece sapato de homem sim”. E veja você... quando fui pela primeira vez a Espanha comprei um sapato igual, oh pra aí eu chorava tanto e agora tô comprando um sapato igual a que meu pai comprava! (...) Não esqueço meu pai dizer: “ Como é que pode? Uma irmã tão diferente da outra? Essa sinhá Maria é muito peituda... ô nega peituda é essa menina” e por que? Porque eu dizia a ele “eu vou pra batucada” e eu ia! Eu botava o braço, eu passava por baixo do braço, eu ia atrás da batucada com as meninas eu acho que quando eu voltava apanhava [*Pergunto se ela apanhou muito*] Apanhei sim, eu era muito danada [*Digo: e em relação ao seu bairro? A senhora falou que era da Liberdade*] Sim, a Liberdade era bem diferente! A Liberdade na minha época só tinha pessoas intelectuais sabe? o bairro tinha um melhor nível social, né igual hoje não! Todo mundo bem estudado... tinha as famílias organizadas, tinha muito artistas que morou lá, entende? Ah! Era muito legal, muito... muito legal! [*Quero saber se ela passou toda a infância ou apenas parte dela no bairro*] Toda minha infância, eu saí da Liberdade deve ter uns 25 anos, até hoje lá só são casas... como eu disse pra você... eu vivia brincando na rua, eu tinha muitos amigos naquela época... as minhas colegas que era bem pobres... ai eu chegava [*imitando o tom de voz de criança*] “mãe, na casa de fulana... eu posso citar o nome?”... Maria Helena tinha uma casa bem pobrezinha, mas tudo limpinho... [*imitando o tom de voz de criança*] “na casa dela hoje não tem nada para comer, então invente um cozinhado aí”, meu pai comprava aquelas mantas no cartão e eu “venha vamos fazer um cozinhando lá na casa dela”, eu se sempre tive isso, sempre! [*Se fosse pra escolher um acontecimento, uma história da sua infância algo que a senhora fez assim e que te marcou, pode ser até uma história que a senhora já contou aqui, mas que pudesse contar, enfim algo que marcou sua memória e que até hoje quando fala infância a senhora pensa sobre isso*] Eu lembro que aos três anos que Valter morreu, eu acho que foi meu aniversário, nós fizemos uma roda eu tava com meus colegas no quintal de lá de casa e aí eu via que ele chegava me dava à mão e ficava na roda e ai eu comecei a descrever ele pra mãe, comecei a chorar, chorei muito foi uma coisa na minha infância que eu marcou muito. Eu não tenho a imagem dele, como ele era e ele essa coisa de mãe, meu pai a casa vivia cheia vinha todo mundo de Santo Amaro, do interior, ficava lá em casa para estudar, na época fui convidada para trabalhar na Petrobras aí ele foi e botou um primo dele... Bernardo, acho... meu pai



viveu muito pela família... Lá em casa parecia uma pensão cheia, eu fazia amizade com uma colega daqui a pouco tava morando lá em casa. É Isso marcou muito... assim depois as pessoas não têm reconhecimento né? mas na época eu me sentia feliz, na época eu me sentia [pausa] e depois achei que devia sair dali porque não é bom você ter uma família destacada em determinados lugares não é bom, não, eu não acho. [Pergunto o porquê dela dizer aquilo] porque eu acredito muito hoje na inveja sabe? que as pessoas elas não têm por que de um pão você transforma ele em um banquete, pode comprar um frango e fazer um banquete depende da sua criatividade, então muitas vezes as pessoas não entende [pausa] eu não entendia porque eu era assim e eu gostava de tudo bom, mas eu costurava e quem fazia as minhas roupas era eu, jovem e modéstia à parte eu sempre tive bom gosto porque eu acho que não é o dinheiro né? muitas vezes você não tem dinheiro mas você ver uma chita e transforma em uma roupa super chique e as minhas colegas de lá da Liberdade depois foram pro Duque de Caxias... Anísio, eram pessoas que tinham poder aquisitivo melhor, famílias ajustadas, e a maioria das minhas amigas eram brancas, tinha umas que tinham condições muito boa e outras não tinha, mas todo mundo ia lá pra casa porque gostava da minha companhia, eu tinha bom gosto e aí eu emprestava as minhas joias, era roupa emprestada, era sabe eu sempre fui assim. Eu nunca fui egoísta, nem metida né? a gente não bebia, tinha gente que bebia... eu nunca bebi, Tatai me levava nos lugares assim... eu me dava bem com as minhas colegas pobres, a gente éramos caprichosas, então nós tínhamos um ambiente muito bom. Eu convivi com pessoas... Luana mesmo que foi casou com o conde era condessa e era minha amiga (...) sabe, ela tinha um pé maior do que o meu e ela calçava minha sandália ficava a metade do pé pra fora e nós éramos amigas e ela não era um nada e chamávamos ela de formigão porque estudava no Duque de Caxias tinha a perna fina... depois ela foi ser manequim e foi famosíssima, depois casou com o Conde e foi morar na França então toda vez que Luana vinha ela me procurava. [Peço para ela falar sobre sua adolescência e fase adulta] Minha adolescência eu passei ainda na Liberdade, tive minha festa de 15 anos lá, meu pai fez pra mim uma festa... Quando sai da Liberdade [bairro de Salvador] eu já tinha uma filha, não me casei, tive uma filha... e o processo que tive na minha família com a questão da cor da pele, o pai da minha filha teve o mesmo comportamento. Quando eu engravidei, já namorava com ele há quatro anos e ele disse que não casaria de jeito nenhum comigo porque eu não tinha nada a ver com a mulher que ele queria... a pele, a cor, o cabelo nada! (...) E olha que dei condições a ele de frequentar ambientes que ele nunca... tá entendendo? Quer dizer, hoje eu estou falando isso, dessa maneira, mas antigamente eu chorava como o que... era uma dor muito grande, hoje tenho consciência de que certas coisas acontecem em nossas vidas para a gente crescer e reconhecer quem somos de verdade, a dor ainda que difícil de passar, ajuda a gente a amadurecer. Pra você vê... tive preconceito com a minha mãe, não aceitava o jeito que ela era, eu te contei, né? Escondia das minhas amigas quem ela era! (Pausa longa) Comecei lá atrás eu com minha família e veio para o pai da minha filha... foi uma coisa assim horrível. [Pergunto como ele era fisicamente] Ele era negro, mas o pior racista daqui da Bahia é o próprio negro, o homem negro que tem uma condição melhor não valoriza a mulher negra, mas não mesmo! Ele só veio a registrar minha filha quando ela já tinha três pra quatro anos. (...) Eu não sei se o que sentia por ele era amor, porque uma pessoa fazer da sua vida o que fiz com minha vida eu não aconselho a ninguém! (pausa) O potencial que eu tinha e tenho eu não avancei por conta de pessoas como ele, entende? Se fosse antigamente eu ia contar tudo isso pra você chorando... Foi o trabalho que me ajudou a superar muitas dessas coisas que vivi. (...) Quando eu saí do IPAC eu fui trabalhar no SESI, aliás, antes eu trabalhava no SESI aí quando eu engravidei não pude ficar no SESI, porque eu não casei (Neste momento

*não consigo esconder minha surpresa*) Era rapaz! Isso acontecia... tinha dessas coisas, acabei sendo demitida... Eu não estava ainda como fixa, eles iriam me contratar, eu ainda comprei um vestido dizendo que ia me casar e tudo mais, mas acabei falando lá tudo que tava acontecendo. Resultado: sai do SESI. Aí eu tive o convite de ir trabalhar no IPAC, aí vim trabalhar aqui no Pelourinho, era aqui perto, aqui dentro do Maciel. *[Perguntei qual a função que ela exercia]* Eu era professora. Aí quatro anos depois eu peguei o jornal e aí vi: precisa-se de instrutor na área de tecelagem, Serviço Social da Indústria. Aí eu falei que ia lá, que ia fazer esse concurso... eu ia me inscrever. Aí Maneca, o pai da minha filha me disse: Você é louca, Martha, você teve aquele problema. E eu disse que ia lá. Então fiz o teste e passei, nisso já não era mais a mesma diretora, era outra... aí fui de novo pro SESI. (...) Quando passei a valorizar a minha arte e a me valorizar as coisas começaram a mudar em mim. *(pausa)* *[Peço para ela me dizer algo referente à adolescência que a tenha marcado]* A imagem que eu tenho da minha adolescência foi o dia da minha primeira comunhão que ia ter uma festa lá em casa, mas aí um vizinho morreu e não teve nada, eu tava toda empolgada e eu acha que nem foto tirou... *[Peço que escolha uma palavra, uma frase ou uma imagem que pudesse sintetizar a Martha criança]* *[pausa]* Minha infância? ... Deixa eu pensar... minha infância... Ah, eu queria tá dando mais carinho pra meu pai, pra minha mãe... eu dei muito sabe? Eu sentava no colo... eu saía nua pela casa e meu pai dizia *[Mudando o tom de sua voz]* “Meu Deus essa menina, sinhá Sinezia ô pá sinhá Maria, meu Deus do céu...” até hoje eu gosto de ficar nua em casa, então eu tenho essa imagem... e mãe começa a ri e minha mãe dizia “Essa menina saiu de mim mesmo?”, não sei o quê... essa é a imagem que eu tenho, de brincar, gostaria que eles estivessem vivos pra me vê, né? *(pausa)* *[Peço que diga a imagem da adolescente Martha]* Sapeca, rueira, gostava de me vestir bem, comprava coisa caras e minha mãe tinha que pagar e ela ficava retada e minha irmã dizia que tava errado, e tava mesmo... ai menino como eu comprava, mas eu que costurava... eu costura as roupas de minhas colegas, eu costurava as roupas de Maria Helena, fazia igualzinho aos modelos....a formatura de minha irmã eu que fiz o vestido dela... *[Para finalizar, se a senhora encontrasse a Martha com 10 anos de idade o que falaria pra ela?]* Aaah... pra fazer o que eu fiz! Não mudar nada *(pausa)* só estudar mais! Estudar! Pegar livro... lê... *[ênfatisa]* Lê... lê...lê! *[E peço que cante uma canção que a represente]* *[Ela canta]* Você é algo assim, é tudo pra mim, é como eu sonhava, baby... Sou feliz agora, não... não vá embora, não! Não vá embora, Não... não vá embora! Não, não vá embora! Vou morrer de saudade... *[Nos despedimos, peço por um abraço, ela deixa de lado o seu Tear e me abraça, dizendo]* Oh! Eu gostaria de ter falado tudo isso que disse pra você pra um pessoal que fez aqui uma matéria comigo, mas aí Maneca *[pai de sua filha]* apareceu e na hora me bloqueou assim...

- Memórias do sr. **Nilton** e sra. **Ceres**

*[Início da gravação e dona Ceres toma a palavra]* Nilton Oliveira Sampaio e Ceres Laert Cotrim Sampaio, então o meu nome têm algumas origens das quais... o meu pai que era um contador de história, meu pai era um contador de história, meu pai era garimpeiro de andar em Lavras Diamantinas em Andaraí, foi onde eu nasci e ele era um contador de história *[Enfática]* mesmo... porque ele tinha... a gente tem até gravado aqui uma porção de pedaços que ele contou... *[Complemento: de histórias dele]* Pois é! Então, ele conta que o Cotrim, que é o nome dele Públio Cotrim, que o Cotrim era

originário de... da Itália, como é o nome dele? [*Pergunta para o marido*] Daquele homem que ganhou a guerra? Como é, se eu esqueci? [*Seu Nilton responde*] Cromwell, não? [*Volta a narrativa para dona Ceres*] Cromwell! Que uma das filhas de Cromwell veio ao Brasil e trouxe... deu origem a família Cotrim. Era o que ele contava... e ele contava assim... que era a parte nobre da família. Era uma família meio metida porque o meu avô havia estudado na Europa, teve oportunidade.... o pai dele deu ele pra estudar na Europa... veio para.. isso eu tô contando as coisas que o meu pai contava, que ele veio para Mucugê, que foi onde a família dele... de todos eles nasceram, o meu pai era o mais velho... em Mucugê e meu avô se apaixonou por minha avó (...) veja ele estudou na Europa, era um fidalgo... eu to fazendo essa ressalva para você vê como as coisas acontecem na vida, que era o que o meu pai chamava a atenção... então, meu avô apaixonou-se em Mucugê por uma moça linda que era a minha avó... novinha, menina, bem menina e ela chamava ele de “senhor Augusto”, ela era tão escabriada que ela chamava ele de “senhor Augusto”. Casaram-se, tiveram muitos filhos e ele a vida inteira corrigiu o português dela... é a história também que eu sei... que ela era uma mulher prendada mas era uma menina boba, do interior e tem duas coisas que mostram como era ela. Quando ele morreu, ele estava doente... é uma coisa que contam da história... olhe eu to misturando uma porção de coisas, viu? [*deixo ela livre dizendo que podia “misturar”*] ela sentou-se junto dele, ele bem doentinho... já pra morrer, o meu avô... ela sentou-se junto dele e disse assim: [*diz como que reproduzisse a forma de falar de sua avó*] Seu Augusto eu vou “me assentar” aqui junto do sinhô! [*volta a sua voz padrão*] e ele disse: “assentar” não Amelia, vou sentar-me!; e morreu. E o meu pai dizia que os filhos diziam “o meu pai corrigiu a minha mãe até a hora da morte”... literalmente. Bom, a família era grande e meu pai era um homem que deveria ter nascido, vivido em outra época porque ele não tinha um apego de família como tradicionalmente se tem, só o seu clã ou mais o seu clã do que qualquer.... não... ele era um homem do mundo. Ele nunca conseguiu fazer um pé de meia, como dizia a minha mãe porque ele era um homem capaz de tirar a camisa pra dar a alguém... e ele montava um negocio, por exemplo, e o negocio dava pé aí ele colocava lá um rapazinho pra tomar conta e como que daqui a pouco, quando menos esperava já era o dono e chamavam Zé de Publio, Chico de Publio porque eram pessoas que ele nunca... [*não completa o raciocínio*] minha mãe era ao contrário... minha mãe era de uma família italiana [*digo: “família típica italiana”, e ela concorda*] Típica italiana. Meu avô, aí eu sei mais, meu avô morava na região de Piemonte, o pai de minha mãe, os pais de minha mãe... meus avôs... [*se confunde e conserta a informação*] os pais de minha avó Zaira, eles eram de Piemonte e o nome dele era André Luis Laert Lamert Labati, era o nome dele... quando ele veio da Itália.. a gente sabe que ele veio da Itália em navio, a mulher não se sabe se ela morreu ao embarcar ou ele já chegou aqui sem a esposa e com quatro filhos e quando ele chegou aqui ele registrou todos os filhos e ele também... só o Laert, ele tirou o Lamert Labati... então o que eu desconfio, que aí eu não tive oportunidade de saber exatamente...porque a minha mãe... meu pai sabia até mais coisas dessa família que a minha mãe. A minha mãe não falava muito sobre essa família e eu tenho a desconfiança de que ele ou veio fugido da mafia ou veio fugido para não servir o exercito que tinha essa história também... porque dizem que ele tinha um castelo, a família dele tinha um castelo em Piemonte, aquelas casas... castelo não, que eram aquelas mansões enorme na região de Piemonte e veio com uma mão na frente e outra atrás e vem morar aqui no Carmo, aonde ele criou os filhos sozinhos sem mulher e aí em um determinado momento ele casa-se com uma negra e constitui uma outra família, aí as filhas já estavam casadas, que aí já é a minha avó Zaíra, que ficou viúva muito cedo de um professor e contam que ela... porque ficou muito pobre... [*interrompe e fala*

com o marido] É pobre a sua história? É mais pobre do que essa? [ao que seu Nilton responde] Muito pobre [E ela diz] Aah... eu vou ajudar, eu vou ajudar, mas é sem contar mentira, de coisas que você não sabe... diz que ela tirava um fio do cabelo pra fazer bordados, pra ajudar a criar esses filhos, por que ela ficou sozinha... só com a pensão do meu avô que era Lago, ele era professor Homero do Lago [eu digo: *deixa vê se eu entendi... a senhora é da primeira esposa... e ela logo responde*] Sim, da primeira esposa, da primeira família dele... e essa segunda família que foi uma negra... tanto que chamavam ela de vovó tortinha Porque ela pegou outro lado mas ela criou uma filha que foi juíza de direito no interior, ela teve uma filha dele, então a neta foi ser juíza de direito Ah como ele morreu não sei o que eu sei é... Então a partir da vinda de meu avô só tem até aí que ele chegou... [Seu Nilton faz uma brincadeira e diz: *Onde eu fui meter*], pois ele casou-se e ficou com essa negra... esse é o pedaço que eu sei, tem um livrinho que eu dei a Julia, você viu o livrinho? [Pergunta para mim] ali tem alguns... essa família é uma família grande ele veio com quatro... três filhas mulheres... Em 11 de janeiro de mil e não sei quanto tem assim “uma lágrima de dor no meu coração, perdi meu marido”. O que eu sei é que a minha mãe era a filha caçula que formou-se em professora, nasceu em...em... [tentando se recordar] em Campo Formoso! esse meu avô foi trabalhar em Campo Formoso “aonde” minha mãe foi a última filha a nascer... ele morreu, ela veio embora com essa filha que formou-se em professora aqui, pela Escola Normal e precisava trabalhar e ela foi para Andaraí, e foi o primeiro lugar onde ela conseguiu trabalhar, e minha mãe conseguiu ser nomeada pelo governo em ser professora em Andaraí... chega lá essa moça... que era considerada naquela época já velha para casar... o que não é verdade, mas ela assim... naquela época era moça velha e veio do interior muito bonita, conheceu meu... [seu Nilton interrompe e fala: “Você tem que puxar a história para sua infância.” E dona Ceres responde: *Mas vai, isso é pra ele identificar... e eu já vou terminar...*] Aí ele chegou, ele casou-se ... minha mãe chegou lá professora e conheceu meu pai que era um malandrão... que era esse homem que eu falei antes, além de ser um homem muito boníssimo, ele era um malandro... E ela foi como uma mãe dela que era uma italianona, bom depois eu mostro as fotos deles... lá ela conheceu... casou-se com meu pai e meu pai teve quatro filhos e quando a mais velha estava, eu tava com 3 anos e a mais velha com 11 era o período de estudar em Salvador, na Bahia que era como ele diziam. [Pergunto onde eles estavam naquele período] Foi em Andaraí que foi onde eu nasci, todos os três nasceram lá só a mais velha que nasceu aqui em Salvador. E ele prometia a minha mãe todo ano que viria para Bahia porque só quem estudava na Bahia, [seu Nilton completa a informação] Era que antigamente, não sei se mais hoje... Bahia era só Salvador... [dona Ceres] aí todas as pessoas ou estudavam em Fonte Nova ou aqui interna e só quem podia isso eram os ricos e ele prometia a minha mãe. Aí minha mãe juntou dinheiro fazendo biscoito na padaria dele. E juntou naquela época que se chamava 20 contos de reis... e prometia todo ano que viria, ela desmanchou essa vinda dela umas três vezes. Bom ela veio comigo com 3 anos e a mais velha com 11, ela veio e ficou na casa de uma cunhada aqui na Ladeira da Fonte Nova esperando para comprar casa e veio com dinheiro pra comprar a casa, e essa casa a minha tia reservou o sótão da casa pra alojar e enquanto a minha mãe procurando casa e ela alugou, por que não achava pra comprar... e já tinha que desocupar a casa da cunhada pois tinha tempo que estávamos lá, ela precisando matricular a gente nas escolas... hoje em dia não tem mais essa casa, foi demolida... Aí minha mãe, pra manter o padrão... não sei se foi exigência de meu pai...porque a gente morava em Andaraí na casa na praça, minha avó morava em um lugar alto, tinham três casas que o meu avô construiu... a dele, a do primeiro filho que casou e do outro filho que casou. Aí o meu pai queria manter esse mesmo padrão, ou ela queria manter o

mesmo padrão, então ela alugou primeiro uma casa aqui no Rio Vermelho e mobiliou a casa toda linda... ela manteve o padrão que a gente tinha lá, só que esse dinheiro foi indo embora porque além disso como ele era um homem magnânimo, tinha uma moça que precisava fazer um concurso, tava no interior e ele dizia [*imitando a voz de seu pai*] Não... fica lá com Rita! [*Retorna*] Aí a família dele [*seu pai*] a mãe precisava ir no medico [*imitando a voz de seu pai*] Não... você fica lá com Rita! [*Retorna*] Aí ele nem vinha e o dinheiro dela acabando, nisso ela tomou uma decisão, como a família dela era daqui, a prima dela morava no Largo da Palma, dona Romilda Noviz... a esposa de Aristides Noviz... o homem que criou aquele hospital Aristides Maltes, o hospital do câncer... essa prima de minha mãe conseguiu na rua do Bangalô, que era uma ruazinha assim simplesinha, ela [*a prima*] alugou uma casa pra minha mãe na Igreja do São Francisco. Lá tinha várias casas, mas só alugava para mulheres ou separadas ou viúvas, né? Aí ela conseguiu, essa prima nossa conseguiu alugar essa casa pra minha mãe, foi onde ela criou todos... eu sai lá com 19 anos de idade. Essa rua... quando a minha mãe veio do interior, e ele [*seu pai*] não veio... ele vinha e voltava... vinha voltava, minha mãe... esse é um outro aspecto que tem a ver com a sociedade... minha mãe pelo fato de ser uma mulher largada do marido, que era a expressão usada na época, ela se “enfeiou”, ela só vestia roupa muito escura e só ia pros lugares segurando os dois filhos... [pergunta se ela era jovem] Jovem, quer dizer naquela época ela já era velha, para os padrões da gente jovem, praquela período ela era velha... nessa época ela tava com uns trinta e poucos anos.. aí ela andava... isso eu me lembro, a gente ia... eu e Zé, meu irmão... [*seu Nilton toma a palavra*] Imagine naquela época ela era desquitada, quer dizer ela era um grauzinho inferior ela era separada [*dona Ceres enfatiza*] Largada do marido, a expressão era essa! ... As meninas mais velhas para namorarem, minhas duas irmãs mais velhas... o primeiro namorado de Déa [*irmã de dona Ceres*] ficava da janela do lado de fora e ela da janela do lado de dentro da casa... quando a gente falava alto, imaginei nós éramos quatro irmãs brincando dentro de casa, ela dizia: [*imitando a voz suave da mãe*] gente... falem baixo! [*retorna*] ela tinha muito medo de chamar a atenção sobre a gente, nós éramos educadíssimas e tínhamos que andar na linha, agora eu era levada do capeta, a impressão que eu tenho... a imagem que eu fiz de que os meus irmãos me preservaram... preservaram a minha infância, porque eles perderam muito cedo isso... como eles precisavam ajudar a minha mãe... porque a ajuda do meu pai era assim... ele não constituiu outra família, ele não teve outra mulher, se teve filhos a gente não sabe... mas ele não mandava o dinheiro, o salário do mês, então vinha de Andaraí um caixote, aí quando abria tinha rapadura, farinha, fruta pão, mas feijão com arroz, carne era com ela... e aí muito cedo as mais velhas trabalharam... Déa que é a minha irmã mais velha costurava para as empregadas da rua, ela aprendeu datilografia... todas [*irmãs*] se formaram em professoras, menos o meu irmão. Zé foi o... o primeiro trabalho de José foi como office-boy, que naquela época se chamava “menino de recado”, minha mãe conseguiu um emprego pra ele lá embaixo no Comércio... ela aumentou a idade dele pra matricula-lo no Colégio da Bahia e assim ele estudar à noite para assim trabalhar durante o dia. Minha mãe sozinha resolvia isso tudo, de manhã ela resolvia tudo da gente... comida, costura... tudo que tivesse que fazer, de tarde ela dava banca para meninos ricos, a gente chamava de meninos ricos, ela ia na casa dos meninos tais dias e tais dias, eram pessoas que tinham ela num conceito danado porque ela era uma professora de primeira linha enquanto que as outras meninas... a do meio que era cinco anos mais velha do que eu, ela dava banca em casa, na mesa da casa ... os alunos de minha irmã vinham em casa, essa irmã minha foi a única que não ficou só como professora, ela teve três formaturas. Ela formou-se em biblioteconomia, em direito e línguas neolatinas... então ela dava aula, Zé era office-boy e Déa costurava para as

empregadas e eu era a única que não e eles preservaram, eu trabalhei formada. A primeira pilha de prato que eu lavei viravam o caixão de lixo para eu subir pra poder aprender a lavar... Eu vivi uma infância maravilhosa, era uma rua que ela tinha uma ponta... ela começava aqui [*aponta na mesa*] e terminava lá no quartel general quase, era uma rua que tinha muito menino, muita criança, então né? Eu pulava corda, eu jogava bola... eu brincava muito com menino, eu sempre gostei muito de estar com os meninos [*seu Nilton diz*] Até hoje! [*Dona Ceres retorna*] A conversa de mulher é muito chata, ainda mais mulher naquela época minha que só falava de costura. Imagine? De namoro mesmo eu tive meu primeiro namorado com 15 anos e olhe lá, ele era o colega de minha irmã nessa faculdade de direito, ele coitado chegava pra namorar e ficava do lado de fora... e a minha irmã ficava junto comigo conversando, namorando e eu escapulia pela porta e rua! [*Pergunto se dona Ceres teve algum acontecimento em sua infância que viveu e que tenha lhe marcou*] Do que eu vivi? A fortaleza dessa mulher [*sua mãe*] pra mim é a coisa mais importante, porque... isso que eu estava dizendo... ela trabalhava até tarde, chegava em casa e dava café pra todo mundo... e ela ensinava no Retiro. O único lugar que ela conseguiu pra trabalhar de noite era no Retiro e ela ia de bonde... ela descia a ladeira pegava um bonde e avisava a gente que as oito horas todo mundo apaga a luz e vai dormir [pausa] e eu era danada, né? Eu ficava gritando porque a Igreja de São Francisco batia as badaladas de oito horas, batia de sete, batia de oito... aí quando ia bater a de oito eu ficava gritando achando que a minha irmã não ia ouvir as badaladas e ia deixar eu ficar acordada mais tempo, então essa mulher que era assim, tanto que o casaco que ela vestia... quando ela morreu custou muito a gente se desfazer dele porque era um marco... ela colocava a chave no bolso e dizia que oito horas todo mundo ia dormir e então essa mulher que saía e voltava, ela ao mesmo tempo era dura na disciplina e ao mesmo tempo era uma mãe amorosíssima [*pergunta em qual década tinha acontecido esses fatos*] Era de cinquenta, eu sou de quarenta e dois então eu devia ter nesse período uns seis, sete anos. (...) Minha mãe foi tão competente em seu trabalho que ela chegou a trabalhar na secretaria da educação, ela foi convidada pelo superintendente de educação na Bahia em um governo desses aí, ela foi assessora dele... pra você ter uma ideia... ela teve um câncer de mama... ela morreu muito cedo... [*seu Nilton diz*] Cinquenta e poucos anos, não foi Ceres? [*Dona Ceres responde*] Foi! (...) O dia em que não tinha trabalho, ela [*mãe*] ... ela só não, várias mulheres colocavam a cadeiras do lado de fora e conversavam, os vizinhos, e as crianças brincavam, né? (...) Era uma rua que não tinha carro, não tinha nada (...) E eu era danada, tanto que ... tarde, fim de tarde, ela apontava na esquina, ela vinha da esquina com pão na mão, ela vinha pra dá o café da gente e sair novamente, eu ficava [*como quem pensa*] ‘meu Deus o que foi que eu fiz hoje?’ ... se eu tinha andado na linha, porque eu era muito danada, mas ela tinha uma autoridade presente, ausente... uma autoridade extraordinária. Tanto que uma vez, minha irmã mais velha, que era aquela que tomava conta de todo mundo, ela tava limpando a casa porque o namorado ia tomar café, que foi depois o marido dela, e aí eu brincava muito, acredite que eu até hoje tenho uma caixinha bonitinha que eu não consigo jogar fora, porque naquela época eu aproveitava tudo e tinha uma peça velha, toda enferrujada no fundo do quintal, minha casa tinha um quintal, uma peça velha que era onde eu guardava tudo lá e aí eu tava brincando no chão, no degrau da sala, do corredor pra sala de jantar, aí a minha irmã vinha varrendo a casa porque ia arrumar a casa porque o namorado vinha, aí ela: ‘Ceres, saia!’, não sei se eu disse que não ia sair ou coisa parecida, aí ela chutou, passou a vassoura com tudo nos meus brinquedos, eu [*risos*] eu aí fui na sala e fiz xixi na sala, eu já era menina grande já, aí quando ela viu o meu movimento, ela sabia que eu era danada, ela que viu... ela aí me bateu, me deu umas duas palmadas, quando minha mãe

chegou eu pensei que ia levar uma surra, aí minha mãe disse [*para a irmã*] ‘você perdeu a razão, você não tem autoridade, não tem direito de bater nela, aqui só quem pode castigar sou eu ou seu pai e está encerrado o assunto’, e ela batia na gente...naquela época se apanhava, ela dizia: vou tomar banho e vou lhe chamar pra você apanhar. Ela não batia com raiva, ela nunca bateu um filho com raiva, nunca bateu de “corrião”, nunca bateu de tapa, ela sempre dava uns bolinhos [*bate em sua mão*] e todos sabiam quantos bolinhos iam tomar, até hoje tenho a escova de sapato que servia de palmatoria, não consegui me desfazer dela. Bem nisso eu vim a conhecer a família de Nilton que é o oposto da minha, era uma família com todos os membros, né? Pai, mãe... O pai era a autoridade centrada da casa e a autoridade lá passava dele para a mulher e depois os filhos, essa adaptação desse casamento... a história da família de Nilton é... seu avô é de? [*Seu Nilton responde*] Meu avô era de Milagres, tinha uma cidade chamada Veados, agora é Nova Itarana [*Dona Ceres volta a falar*] Ele era político, fazendeiro de cacau... não... café. [*Seu Nilton diz*] Não Ceres, ele não chegou a ser fazendeiro, ele era escrivão da cidade. [*Dona Ceres revela*] Riquíssimo! [*Seu Nilton sorri e diz*] Não, ele tinha dinheiro, praquela época... daquele tipo que podia mandar as filhas para a Bahia. Fazia compras, estudava. [*Dona Ceres volta a falar*] No primeiro casamento ele teve cinco filhos. O meu sogro era o mais velho e no quinto filho do primeiro casamento a mulher morreu e casou-se com a irmã dela. E teve mais cinco filhos. [*Seu Nilton diz*] Então essa era a história de meu pai, resumidamente... meu pai sempre foi muito danado, e não admitia a autoridade do pai naquela época... quando a gente vê essas novelas hoje em dia, aquilo existia mesmo, era falar... o pai você não retrucava, não tinha nada que você fizesse, o pai deu a ordem, acabou! A ordem estava dada, e meu pai se rebelava muito contra isso, e principalmente porque ele pegou ainda jovem a madrasta... e a madrasta fazia a diferença entre os filhos dela e os filhos do primeiro casamento, ... e como ele era danado e conta, essas coisas vão passando na família de que ela fez uma gemada, um negócio e não fez pra ele, ele saiu quebrando os ovos todos que tinham na casa e aí o velho Flávio [*avó de seu Nilton*] não tinha conversa, o que a gente sabe mais ou menos é isso... e ele veio pra Salvador [*sua esposa dona Ceres interrompe e complementa dizendo: Com dezoito anos ele resolveu vir embora...*] e meu avô disse que não ajudaria ele em nada, tanto que ele chegou aqui, com a roupa do corpo, com algum dinheirinho junto e ele foi pra ficar em uma pensão de Vovó Otília, olha eu já estou chamando ela de vó... que passou a ser uma pessoa importantíssima [*pergunto se ele sabe o bairro onde ela morava, ele responde*] Pelourinho. Pelourinho naquela época era ali, onde hoje, se não me engano, é até uma repartição municipal, número 32 [*vibra*] olha a memória vindo... a pensão de minha avó... Vovô Otília, ele ficou lá e de lá ele começou a trabalhar servindo, eu não sei como é o nome não... não era lojista, não... era um empregado da loja. Ele tinha um espírito empreendedor muito grande. Vovó Otília manteve ele [*seu pai*], disse até que teve uns meses que ele não tinha o dinheiro da pensão e ela deixava, e ela vem entrar depois quando eu vim a crescer porque eu fiquei... passei o resto quase todo da minha infância nessa casa... era no Pelourinho... Ela arrumou colchão pra ele [*seu pai*] que não tinha dinheiro nem pra comprar um colchão, dormia em cima de jornais. [*Dona Ceres diz*] Ela chegou e disse pra ele “olha meu filho eu tenho essa cama mas não tenho colchão. Ele não tinha dinheiro nem pra comprar colchão, ele dormia com jornal em cima da mola da cama e enquanto isso, [*Quando seu Nilton ia narrar algum fato Dona Ceres o interrompe outra vez*] licença aqui Nilton, só um detalhe... as irmãs vinham de carro do interior, um carro com chofer e vinham fazer compras na Baixa do Sapateiro, compras do enxoval, comprar fitas e rendas... a dor dele era muito grande, ele tinha uma revolta disso [*Seu Nilton*] Ele era um homem muito bonito, dizem que ele era muito namorador... eu não sei muito mas

minha mãe no caso foi diferente, ela foi praticamente adotada né? [Dona Ceres] Ela foi filha de um fazendeiro perto de Jequié (...) [Seu Nilton] Eu não falei tudo... é interessante... o nome dele era Narciso Figueiredo Sampaio e minha mãe era Maria de Lurdes Teixeira e depois passou a ser Sampaio. [Dona Ceres] Dizem que ela flagrou o marido, ela teve vários filhos [Seu Nilton rindo] Ela não era minha mãe não né? [Dona Ceres] Não, sua avó. Ela flagrou o marido com a empregada, uma negra da cozinha, ainda dizia que ela, devia ser problema pós-parto... a depressão pós-parto, ela ficou enlouquecida mesmo. E aí dona Lurdes era a mais nova, era a pequenininha, o irmão mais velho era padrinho, levou dona Lurdes para o interior que ele foi morar que era Veados e ela foi criada então por esse irmão... [Seu Nilton conserta a informação] Não, não quem levou pra Veados foi meu pai. [Dona Ceres] O irmão de dona Lurdes não levou ela pra Veados?... Não foi Veados, não? Onde foi que tio Zé criou ela? [Seu Nilton] Quem? [Dona Ceres] Zé, o pai de Zé Matos? [Seu Nilton] O pai de tia Lurdes... [Dona Ceres] Tia Lurdes casou-se e então uma irmã de seu... [Seu Nilton] Eu acho que foi Salvador, Ceres... ela foi trabalhar nas Lojas Slopper [Dona Ceres] Não, ela moro lá com eles menina... [Seu Nilton] Em Três Morros? [Dona Ceres] Em Três Morros! Então... ela, minha sogra, que foi trazida pelo padrinho-irmão, veio pra casar-se com um irmão de Seu Narciso, então... ela era menina, que ela conta que ela ficava escondida, seu Narciso é quantos anos mais velho que ela? [Seu Nilton] Dez anos! [Dona Ceres] Dez anos, imagine? Ele tinha dezessete e ela devia ter sete, ela ficava escondida e dizia assim... chamava ele de seu Narciso... [fazendo uma outra voz] O irmão de Dindinha tá ali, seu Narciso! [Retorna] Ela conta isso, que foi criada nessa casa, quer dizer, na casa do irmão, padrinho e da cunhada [Seu Nilton] É, ela não foi criada com os pais não. [Dona Ceres] Aí nesse período que seu Narciso tava aqui, o velho Flávio que tinha tanta coisa, ele teve um problema de saúde muito sério e depois ficamos sabendo que ele tinha diabete, ácido úrico ... qualquer coisa assim... morreu aberto em feridas, então... perdeu tudo e essa mais velha, a que criou dona Lurdes foi quem ficou mais ou menos orientando, cuidando das irmãs e aí todas vieram pra Salvador pra trabalhar, as mais velhas, trabalhar na Slopper e morar em pensionatos... aí quando chegou a época de dona Lurdes, ela também veio trabalhar na Slopper [Seu Nilton] Nesse vira e mexe, ele [seu pai] conseguiu juntar, como vendedor também de uma loja de tecido, juntando dinheiro...fazendo bico, ele era [Dona Ceres] Danado! [Seu Nilton] Danado! Um empreendedor, conseguiu um dinheirinho e alugou uma barbearia, ele não era barbeiro, não tinha condições, só fazia administrar a barbearia. A vovó Otília ajudou muito ele, emprestou um dinheirinho e ele conseguiu alugar, dando uma “luva”, naquela época... hoje não que já até acabou isso, a gente dava uma “luva”... pra conseguir um ponto, aí eu passo o ponto pra você mas eu quero dez contos de reis, e aí passava o contrato do ponto de aluguel, nessa barbearia ele administrou tão bem que ele comprou a casa que eu morei... que eu nasci, que foi a travessa que liga a Baixa do Sapateiro ao Pelourinho, eu passo sempre lá. A casa era embaixo um armarinho, subia uma escada e em cima tinha um vão, uma cozinha e um banheiro. [Dona Ceres] Nisso ele [pai de seu Nilton] Casou-se com dona Luzia no dia 31 de dezembro porque a pensão dos dois acabava... [Seu Nilton]... em 31 de dezembro e pra eles não pagarem [Dona Ceres] E não podiam morar juntos sem se casar [Seu Nilton] Dessa pensão, por incrível que pareça, eu me lembro... só me lembro disso... desse vão, desse armarinho, um vão muito grande onde tinha a cama de casal, o lugar onde eu dormia e eu brincava naquele salão, tinha um negócio de um carrinho de mão porque eles trabalhavam embaixo, né? [Dona Ceres] Ele ficava brincando lá em cima. [Seu Nilton] E eu nasci no dia de Santa Barbara, conta minha mãe que no dia em que eu nasci a procissão de Santa Barbara passou na porta... eu nasci em casa, e eu acho que vovó Otília ajudou no parto... essa vovó Otília que eu tô



falando tanto, porque quando eu comecei a ficar maiorzinho eu ia pra pensão pra ficar lá, ela que tomava conta de mim, e meu pai me deu a ela pra batizar, ela é a minha madrinha... praticamente eu fui criado e vivi a minha infância naquela casa com mais de vinte hospedes, eu era o reizinho porque todo mundo gostava de mim [*Dona Ceres*] Era a criança que tinha... e Nilton assim, era o filho mais velho e brincar na rua, Nilton não brincou [*Seu Nilton*] É, não brinquei... vivia no Pelourinho e não brinquei até os 8, 9, 10 anos porque depois a situação melhorou. [*Dona Ceres*] Mas isso quando você foram pra Brotas, agora porque não brincar na infância? Porque era uma rua que era muito perigosa, não ficava menino na rua, era uma rua de comercio, diferentemente da minha que era tipicamente uma rua residencial [*Seu Nilton*] O Pelourinho depois se tornou bairro de prostituição e tudo, antigamente não era nada disso, as família moravam, etc. Depois foi pra Carmo, passou um tempo e fomos pra Brotas, pra Matatu primeiro, Matatu não... desculpe... foi aí que comecei a ter uma infância interessante porque foi na Boa Vista de Brotas, defronte ao Hospício Juliano Moreira... no número 32, daí eu passei a jogar bola [*Dona Ceres*] Aí minha sogra já não trabalhava, ficava mais em casa [*Seu Nilton*] Desse armarinho o meu pai já tinha comprado outro armarinho, depois vendeu esse segundo armarinho e comprou uma loja que se tornou tradicional no comercio de Salvador a Louça Moderna, eu me lembrou eu menino de 12, 13 anos eu ia pra lá e ficava no microfone falando a tradicional casa da girafa, pra chamar o pessoal era eu que cuidava, tanto que eu trabalho desde os 9, 10 anos [*Dona Ceres*] Nilton ficava de olho... [*Seu Nilton*] Pra nego não pegar... [*Dona Ceres*] ... as louças que ficavam ... [*Seu Nilton*] cada um que encostava eu gritava... freguês ou não ... [*Dona Ceres*] Tinha umas expressões como era? Mingau de Arroz? [*Seu Nilton*] Mingau de Carimã, quando o cara começava a... chegava um cliente que não queria comprar e tava empatando o tempo a gente “iiiih... hoje você vai tomar mingau de carimã” [*riso*] que era sinônimo de que não queria nada... a minha infância foi muito diferente, eu fui muito independente desde cedo, tanto que comecei a trabalhar na loja do meu pai e eu trabalhava mesmo, eu vinha do colégio de manhã, eu tinha que buscar o almoço de meu pai, ia levar na Baixa do Sapateiro [*Dona Ceres*] Antes de almoçar ele levava o almoço do pai. [*Seu Nilton*] E eu almoçava lá com ele e ali eu ficava é... já direto, pra estudar de novo de manhã... isso eu fiquei cedo, com 15 anos eu já tava quase que... eu não digo homem feito por que... mas eu já tinha conhecimento... mas eu não deixei de... de jogar bola, jogava com os malucos do Juliano Moreira, era superinteressante os diretores deixavam usar o campo grande... [*Dona Ceres*] Agora conte uma história que você foi comprar carne no açougue, isso com 10 anos de idade... [*Seu Nilton*] Eu sempre fui muito brigão... [*Dona Ceres*] Tanto que ele era chamado no colégio de Chiquinho Gavião... você sabe o que é Chiquinho Gavião? [*Eu respondo que não*] Chiquinho Gavião era um personagem das histórias em quadrinho daquela época do Mindinho... Chiquinho Gavião era um galinho brigão como que! [*Seu Nilton*] Era um gavião! [*Dona Ceres*] Era muito brigão, então ele na escola era Chiquinho Gavião, qualquer coisa ele já tava caindo nos tapas, quem amansou ele foi eu viu!? [*Seu Nilton ri*] Minha mãe mandou eu comprar uma carne no açougue e me disse que não podia ser carne com gordura e lá o açougueiro falou que só podia ser daquele jeito e eu disse que minha mãe pedia sem gordura e eu “essa eu não quero”, o palavrão você tira depois, ele disse “e aquela filha da puta sabe de nada”, nisso tinha um gancho que eu... quando eu meti o gancho ele ficou preso no gancho na madeira, quando eu vi aquilo eu me lembro bem que na minha cabeça eu tinha que me salvar, eu conhecia aquele Boa Vista e eu vim pelo fundo dos quintais das casas correndo e eu não trouxe a carne, tomei um esporro por causa da carne, três dias depois o açougueiro apareceu e contou a história da maneira dele, a única vez que minha mãe me bateu, mas me bateu que eu fui pra água e sal

[*Dona Ceres*] Deu uma surra nele tão grande ... [*Seu Nilton*] Depois alguém ou fui eu que contou a história como foi que eu tava defendendo ela, e ela veio pedir desculpas... eu me lembro bem ela pedindo desculpas, chorando e não sei o que... Lá no colégio no Instituto Baiano de Ensino, era ali no Campo da Pólvora, nós éramos os menores... eu fui o mais novo a terminar o curso, assim eu não era... como é que se chama? CDF né? Mas eu nunca perdi de ano [*Dona Ceres*] Não era estudioso como Teresinha, a irmã dele... agora repare a diferença... a irmã dele por 3 anos era a única filha mulher, então nessa época que Nilton, era regra naquela época né? Não que meu sogro e minha sogra fossem errados... [*Seu Nilton*] Minha mãe também descia pra trabalhar... [*Dona Ceres*] Era costume, mas então... Teresinha foi criada feita uma... estudou em escola de música, estudou em escola particular. [*Seu Nilton*] Aí foi como eu lhe disse... quando meu pai abriu a loja Louça Moderna o status melhorou, meu pai passou a ter carro, passou a ser classe alta, classe média alta [*Dona Ceres*] Eles chegaram a ser ricos, né? [*Seu Nilton*] Tivemos televisão... [*Dona Ceres*] Então enquanto eu era uma menina pobre ele era rapaz rico [*Seu Nilton*] Moramos em Matatu numa casa de dois andares, uma casa bonita lá na Otaviano Pimenta, aí fui estudar depois fiz contabilidade na Faculdade de Ciências Econômicas que fiz um complemento bacharel em ciências contábeis, mas não é curso superior não... é curso médio... [*Dona Ceres*] Só considerado curso médio. [*Seu Nilton*] Sobre esse negócio de bola eu comecei a sofrer das vistas e naquela época não tinha lente de contato, né? E eu então sofria muito... [*Dona Ceres*] Bullying ? [*Seu Nilton*] Bullying não porque eu metia a mão. [*Dona Ceres cai na gargalhada*] Lá no Instituto Baiano de Economia eu era muito magrinho, aí a gente tinha eu e a turma toda grande e aí começou a bater na gente... tinha o Bem-te-Vi... o rapaz, aí nós chegamos um pro outro e disse “rapaz a gente tá apanhando de mais aqui e não sei o que, vamos unir nós dois?” Aí nós unimos os dois e aí a gente passou a enfrentar os grandões... um dia meu pai disse que não ia comprar mais óculos pra mim [*Dona Ceres*] Ele tirava os óculos e jogava... já chegava com os óculos quebrado (...) Nilton foi pra prostíbulo muito cedo, ele não “se perdeu” porque naquela época não tinha e ele tinha princípios também, ele tinha valores sedimentados, mas não sei como Nilton não ficou um beerrão, porque era farra, pelo menos era o que ele contava, né? Porque saía com os empregados da ... a irmã dele que diz isso que quando ele pedia uma moça em namoro ele comprava... naquela época quando você queria ter mais uma certa liberdade na casa da namorada tinha que ter uma aliança de compromisso, diz que ele comprava aliança de compromisso as dúzias... sua irmã que disse! (...) [*Seu Nilton*] Nos meus três anos eu tinha um trenzinho, objeto que me acompanhou até muito tempo mais... a história é que eu ficava sozinho na parte de cima e alguém subia pra ver como era que eu tava [*Dona Ceres*] Pra você entender, meu filho, embaixo era uma loja, tinha uma escada, um gradeado... [*Seu Nilton*] Quem saía comigo era Vovó Otília, minha madrinha, eu saía com ela pra fazer compras, porque minha mãe trabalhava... aí de noite ela me dava banho, me trocava e me levava pra casa (...) [*Dona Ceres*] Quando ele era novinho ele usava um chambram e quando ia se encontrar com as meninas ele não botava nada por debaixo do chambram [*Seu Nilton ri*] Que nada, isso aí é história de Ceres... [*Dona Ceres*] Eu não tô contando história, não! Quem contou isso foi tio Beca! (...) Nilton acabou amadurecendo muito cedo, pra você ter uma ideia quando a mãe dele ia comprar Papai Noel pra crianças ela dizia pra ele que Papai Noel não existia, ela teve que dizer a ele porque se ela voltava pra casa com ele, os mais novos... os dois irmãos ficavam em casa e ele ajudava na loja. [*Seu Nilton*] Em com 18 anos, meu pai ficou até chateado no início mas depois passou... eu fui ao banco em que ele tinha conta e sem ninguém saber... [*Dona Ceres*] Ele não quis trabalhar mais com o pai. [*Seu Nilton*] Eu então fui ser caixa de banco, com 18 anos. [*Dona Ceres*] Não foi uma experiência boa trabalhar

com o pai não, tanto que Nilton nunca quis ... [*Seu Nilton*] Não que não fosse boa, mas é que eu já sentia que eu ia ficar limitado as ordens do pai... [*Dona Ceres*] Agora eu acho assim... que ele não teve essa infância de brincar, ele teve muito mais a mocidade, ele aproveitou muito mais a adolescência do que a infância e eu aproveitei muito mais a infância do que a adolescência, porque minha adolescência foi muito fiscalizada, tanto que Nilton por exemplo, como eu tive muito amigo menino, Nilton nunca acreditou que tivesse amigo... não aceitava que homem pudesse ser amigo de mulher, tanto que quando a gente era namorado e tal ele não aceitava muito isso, depois que a gente passou a participar desse movimento “Escola de Pais” onde havia homens é que eu voltei a ter essa relação despreocupada e confiante, porque eu brincava com os meninos da rua e não tinha nada, não acontecia nada, não tinha nenhuma forma de exploração... vamos dizer assim, né? Era tudo menino, era tudo uma coisa só... eu era considerada moleca de rua, agora eu brinquei muito [*Seu Nilton*] Na minha infância não tinha nada de muito interessante não, mas agora, me lembro, se você quiser... de carnaval com lança perfume, já pequenininho, vovó Otília, era ela que me arrumava e íamos pro carnaval, levava a gente de mão dada para o carnaval. Ela chegou a levar eu, Teca e Luís [*irmãos de seu Nilton*][*Pergunto onde era o carnaval nesse período*] O carnaval era mais ali [*dona Ceres acaba respondendo por ele: Ladeira de São Bento*] Ladeira de São Bento, [*dona Ceres, de novo, relembra mais um local: Barroquinha*] Praça da Sé ... a festa forte mesmo era nos clubes... nas ruas tinham desfiles e dona Rita e as senhoras botavam cadeiras pra assistir aos desfiles. [*Dona Ceres*] As famílias colocavam bancos, na casa da minha mãe tinha um banco que era um banco do carnaval, tinham seis pés e então no sábado, tinha carnaval sábado... [*Seu Nilton*] Eu tô me lembrando, teve um fato que o meu pai deu um tiro em um cara, um fiscal que quis pedir o suborno, aí ele “você tá me pedindo dinheiro pra não me multar em uma coisa que eu tô certo... não o senhor não tá certo... não eu tô certo, olha aqui o documento, um instantinho que vou ali” ... ele voltou e trouxe o revólver e disse que ia dar um tiro na boca dele, na mesma hora o cara se picou... aí depois veio a polícia, veio não sei o que [*pergunto se ele presenciou esse fato*] Presenciei sim! Agora interessante isso, eu nunca fiquei alguma coisa de traumatizado, eu tive um câncer, cinco stend, só tenho um rim e nada que eu ficasse... [*Dona Ceres*] Mas você acha que as pessoas que não tiveram infância [*não completa o raciocínio*] ... porque você se lembrou disso? [*Seu Nilton*] Isso não me marcou, sei lá, eu era muito adaptável. Eu com 15 e 16 anos eu já tinha uma vida de adulto e quando chegou os 18 anos eu partir pra arrumar um emprego pra ter vida própria, nesses 16, 17 anos eu queria ter botado dois negócios já só que meu pai não topou. Em minha infância não teve nada que eu dissesse “isso foi marcante”. Só isso que te contei mesmo... A grande lembrança da minha infância foi a vivência dentro da pensão de vovó Otília... foi muito interessante, foi um aprendizado...vinha gente de toda a parte da Bahia, né? E cada um tinha uma história e eu ficava com esses caras conversando, sentado... era bom ouvir essas coisas todas. Tudo isso foi me marcando... [*Dona Ceres*] E ele saiu da infância muito cedo, eu acho que ele saiu da infância muito cedo. E aí essa juventude dele foi muito prolongada, quer dizer, pra ele... também quando ele casou ele não pegou essa fase da malandragem. [*Seu Nilton*] Assim, por exemplo, eu fumei aos 17 anos, um dia eu disse assim “não vou fumar mais”... eu sempre tive uma força de vontade assim. [*Dona Ceres*] Aí depois teve a decaída econômica de meu sogro, foi na época da subida, das vacas gordas de Nilton, entendeu? [*Seu Nilton*] Meu pai era um homem bem diferente [*dele*] ele não queria que você não desse nada ao governo a não ser o necessário, então ele nunca quis que eu pagasse o INSS, quer dizer ele nunca pagou... quando eu fiz pressão ele se zangou comigo, eu botei minha mãe e depois eu botei ele, sem ele saber, quando ele chegou na velhice foi

isso que sustentou ele. [Dona Ceres] E quando ele deixou de trabalhar foi muito ruim pra ele, porque os sofrimentos dele todos... [Seu Nilton] Ele começou a ter colapso nervoso. [Dona Ceres] Ele com as pressões do comercio, ele teve problema de depressão seria, mas a depressão dele não era de... ele chorava muito e tal e aí um médico idiota disse pra minha sogra “ou ele para de trabalhar ou ele pode morrer”, aí ele venderam tudo, ela pressionou pra ele vender e ele vendeu a loja (...) Agora eu vou ali preparar uma merenda, o que você gosta? [Antes pergunto qual a imagem que ela tem da sua infância] O dia em que eu sai do Rio Vermelho, minha mãe fez a mudança do Rio Vermelho, o quê que aconteceu? Quando ela viu que não podia... ela correu atrás e conseguiu vender... a casa da gente era tão linda, o bangalô, o lugar onde a gente morava... eu tenho duas lembranças da infância, era linda essa casa... ela tinha um pátio interno e eu brincava, eu tenho a lembrança de tá segurando uma fita colorida... eu era louca por boneca, eu pegando uma fita colorida na mão e trazendo para essa minha irmã Déa vê, ela dizendo “é uma cobra”, eu me lembro eu pequena segurando uma fita na mão, essa é a lembrança que tenho. E a outra imagem que tenho é a de uma boneca que quebrou de louça e meu nome é Ceres, a deusa da agricultura... a filha de Ceres era Proserpina e aí essa boneca... bonequinha de louça, meu pai colocou o nome de Proserpina, trouxe de presente pra mim e aí a boneca caiu no chão e quebrou... dias depois, muito tempo depois... sei lá o que, aí minha irmã disse “faça o enterro, bote em uma caixinha”, eu me lembro a caixinha, esperando minha mãe vir da escola, do trabalho, sentada no jardim dessa casa... que era uma casa linda, o bangalô... tudo assim muito fluido... e as pessoas contam, meus irmãos contam que eu fiquei dizendo assim “Proserpina morreu, meu pai chorou, Déa chorou, Íris chorou, eu chorei... foi aquele chororô”. Eu não me lembro contando isso, eles é que lembram... juntam a minha imagem ... “ é você fez isso mesmo, você foi pra porta... sentadinha na porta com uma caixa de sapato que Déa dizia pra parar de encher o saco “bote aqui vamos enterrar Proserpina”, agora a lembrança que eu tenho... o que eu me vejo, me vejo... [Seu Nilton] A lembrança que eu tenho sou eu acordado em um cercado brincando, eu devia ter acordado antes e meu pai e minha mãe acordando, eu virando e vendo eles dois acordados falando comigo, isso eu tenho até hoje... eu me lembro perfeitamente, isso não deixou de ficar na minha cabeça... eu quando tinha 7, 10, 8 anos eu e um primo meu, Zé Matos, ele é até filho daquele casal que Ceres falou... [Dona Ceres] ...que criou minha sogra... [Seu Nilton] Nós éramos muito amigos, a porta do carro abriu e eu e ele pegou uma cicatriz aqui... bateu o carro em velocidade, a traseira abriu e a gente caiu em cima de um paralelepípedo, foi muito sangue [Dona Ceres grita da cozinha] Nilton tem a marca até hoje [Seu Nilton] Tenho aqui na careca! (...) Isso é uma coisa que de vez enquanto me vem na mente que foi aquela sensação que você caiu no espaço... é verdade, eu me lembro que eu cai e me levantei, eu não desmaiei, fiquei sentado assim, meu pai disse que eu fiquei todo melado de sangue... tem várias coisas que a gente vai dizendo e vai lembrando! [Seu Nilton se despede e vai para a fisioterapia] Fernando, fique aí conversando com Ceres e muito obrigado pela visita, tá? [ Sra. Ceres aparece segurando um livro com escritos de seu pai e lê um poema feito por ele para as filhas] Deixa eu te mostrar um livro de poesias que a minha irmã mais velha mandou fazer juntando as poesias... Eu acho bonito o que ele fez para as filhas mulheres [Lendo] Minhas filhas, quando nasceu a minha primeira filha prostrei-me aos seus pés em adoração, é uma deusa para mim em sua beleza e com sua alegria encheu o meu coração, dei então a ela o nome Dea, romano nome desse neo pagão, sem renegar porém a fé primeira amei a obra prima desta natureza e agradei a Deus como bom cristão. Outra nasceu e o mesmo sentimento encheu minh'alma e o gesto repeti, sendo loura, rosada, olhos azulados de arco multicolor de deusa das flores, dei-lhe o nome Íris e nela

uma flor vi! A simples Íris dos campos retirados e tendo o nome de deusa mensageira o mito misturei com minha fé e com ela enviei aos céus a minha prece, Deus deu-me outra e a fartura deste pai feliz ela mostrou sendo a minha deusa Ceres, como foi chamada, deusa dos campos... dos imensos arrozais, dos pomos, dos legumes e frutas raras, farta deusa dos louros trigais... completando esta trindade, esta deusa foi adorada em minha pretensão redimiu, rezei a Deus, penitente e Ele ouviu... [*vira a página e diz*] Essa parte daqui eu acho bonita que é quando ele se penitencia.. cadê? Uai... aqui! [*volta a ler*] Hoje elas são como as deusas razão das minhas alegrias, das minhas penas... minha via de ancião gira por elas, por elas faço reza e poemas... Déa com a força da primeira é a deusa das deusas e as lidera, a Íris é de nós a medianeira, encarnando o nome recebido, Ceres a fartura representa e como mãe muito preocupada é maternal filha do pai velho, a Deus que agradeço permitiu-me terrena adoração e a Ele peço quando for embora dê a elas toda a proteção [*termina a leitura*] Né bonito? Moleque sabido! Veja você, ela [*sua mãe*] não embutiu na gente ódio por ele! Nem depois... nunca! [*Sra. Ceres vendo as fotos que estavam sobre sua mesa, começa a se recordar de canções que marcaram sua infância e canta*] Vestida de azul e branco, trazendo sorriso franco no rostinho encantador, minha normalista linda, rapidamente conquista meu coração sofredor. Eu que vivia fechado, dentro do peito guardado meu coração sem amor, hoje estou apaixonado por vê-la brotinho em flor. Mas minha normalista, não pode casar ainda, só depois que se formar, eu estou apaixonado e o pai da moça, zangado... o remédio é esperar! [*Sorri, emocionada*] Só Fernando pra me fazer isso, tá vendo? [*Emocionados, nos despedimos com um até breve*].

- Memórias de seu **Rosalino**

Meu nome é Rosalino dos Santos, nascido em 1940, trinta de agosto... ao contrário, eu faço aniversário em outubro pelos documentos porque naquela época nossos pais eram um pouco atrasados, demoravam de “rezistrar” as crianças e quando colocava no livro, né? E quando resolvia “arezistrar” era com datas erradas, mas eu nasci em agosto, trinta de agosto, porém em meus documentos trinta de outubro. Então eu considero duas datas de nascimento. Nasci no município de Candeias, distrito Passagem dos Teixeiras. [*pergunto sobre a primeira imagem que ele guarda de sua infância*]. Olha a imagem que nunca esqueço, porque muitas vezes eu fico conversando com uma pessoa de minha idade, diz que não lembra de idade de quando tinha três anos, mas eu lembro! Felizmente eu lembro da idade de três anos que quem me batizou foi uma filha de um fazendeiro de nome Lauro de Freitas, ela tinha doze anos de idade e praticamente a menina de doze anos de idade naquela época só brincava de boneca, então eu servia de boneca para essa minha madrinha, né? E o meu padrinho era o pai dessa minha madrinha, era fazendeiro, ele gostava muito de mim... a minha mãe não tinha condições de criar, né? Então passou pra ele pra ele me criar, ele gostava muito de mim e a imagem que eu tenho é o seguinte, que quando eu tava com três anos e não tinha muito entendimento, mas era muito curioso e meu padrinho me colocava em cima da mesa, na hora do almoço, me mandava dobrar as mãos assim, os dedo que hoje não me permite por causa do reumatismo, colocava uma mão na frente e outra pra trás pra pedir bolo de comida aí eu fazia aquilo ali, cada um colocava o bolo de comida e eu comia, eu com três anos de idade, isso eu nunca me sai da memória e a irmã de minha madrinha ia pro

fogão pra fazer comida e botava o óleo e eu não sabia, eu não pensava que depois ela colocava a carne, pensava que no óleo que ela botava já virava a carne (*risos*) e eu era curioso, ficava no pé do fogão, ela me dava “cocorote”, ela não gostava muito de mim porque eu ficava enchendo a paciência dela e me dava “cocorote” pra eu sair do pé do fogão... é a imagem que eu tenho de criança e depois meu padrinho tinha uma vaca que deu cria, e essa cria, a cobra mordeu a vaca e ficou o bezerrinho sem mãe, né? Aí meu padrinho trouxe esse garrote, esse bezerrinho pra eu criar, eu com três pros quatro anos, aí eu já tava com quatro anos mais ou menos... e deu pra eu criar, eu falo de colocar na mamadeira, o garrotinho na mamadeira e o garrote foi crescendo, crescendo e crescendo e assim ficou um touro... aí nessas alturas eu já estava com meus cinco anos e aí ficou um touro e soltou no pasto... ele deu muito pra bater e então pra pegar esse touro que batia muito no pessoal, e quando ele entrava na rua todo mundo fechava a porta porque ele era muito bravo... então pra pegar esse touro ninguém conseguia, os vaqueiros não conseguia, aí teve que me botar no cavalo pra que eu fosse, levasse ração pra chamar o touro... eu botei o nome do touro de Bela Vista, aí chamava o touro que ele vinha... ele obedecia ninguém, só obedecia a mim... eu ainda criança, né? Aí cinco anos, aí eu fui levei a ração e quando eu chamei ele aí, pra quê? Pra quando ele viesse eu colocasse o laço nele, né? O laço já tava na mão do vaqueiro, pra quando eu colocar o laço o vaqueiro puxar o laço e depois daquilo eu fiquei muito sentido que levaram ele pra abater, aí eu fiquei muito sentido, né... com isso! É a minha lembrança de criança até os cinco anos. Depois eu fui crescendo, os meus nove anos com muita dificuldade... meu “padrinho” morreu e minha madrinha se casou e não teve mais condições de ficar comigo, eu fui ficar com a mãe de minha madrinha... ela me maltratava, aí vim logo pra Salvador e aí ela me castigava demais, me batia... fui obrigado a fugir... a fugir! Tinha um sargento que morava perto de mim, um sargento da polícia me pegou quando me viu fugindo... cinco horas da madrugada, eu já estava nessas alturas com nove anos de idade, ele: “pra onde é que você vai?” e eu disse que “vou fugindo porque dona Mariquinha me prometeu me dar uma surra de cipó caboclo, ela viajou e quando chegar ela vai me bater”. Aí eu já tava cansado de apanhar dela, aí ele disse: “tem nada não” e botou na casa de um conhecido dele, que por sinal era polícia também, soldado, né? “E fica com esse menino”... Ela botou no alto falante que eu tinha fugido, que não sei o quê, que me procurou e não achou em casa, botou em alto falante e eu ouvindo tudo ali, mas depois alguém me viu na casa dessa pessoa, desse soldado, aí disse “ele tá ali na casa daquele soldado, ali” e aí foi, me pegou e o soldado disse “não toca a mão nesse menino, se você tocar a mão nesse menino, você vai se ver comigo” aí também ela chegou e se chateou e entregou a minha mãe, e me levou na casa de minha mãe...” E aí eu fui muito sofrido, um tempo de infância muito sofrido porque a minha mãe não tinha condições de sustentar os “filho” que ela tinha, não era só... “era” cinco! Ela achava eu, assim, mais desenvolvido na inteligência, né? E ela não queria que eu ficasse no meio dos “otros”, lá não tinha colégio, não tinha instrução quase nenhuma... aí me dava, não sei se era boas intenções dela, ou... não sei... sei que ela disse que não dava porque não tinha condições de me criar porque eu era um menino muito ativo, muito destacado dos “otros”, então ela queria aproveitar. Aí ela me botou pra “outra pessoa” me criar... que eu fui criado assim, de mão em mão pelas “outras” pessoas, né? Até os meus quatorze anos quando eu tomei a minha decisão e fugi de uma casa, também... aí daí eu fui trabalhar de empregado doméstico... aí pronto, Bonfim, aí eu fui criado aqui nessa região de Boa Viagem... Monte Serrat, Ribeira... de empregado doméstico... depois eu fui crescendo mais e trabalhando já por conta própria e levando a minha vida assim... de alguma forma tudo isso que aconteceu comigo serviu pra formar a pessoa que me tornei... minha mãe, e todas as “pessoa” que passaram por minha vida deixaram essas

coisa que eu acabei tomando pra mim e agradeço por todos eles [*Averiguo se já começou a trabalhar com empregado doméstico com 14 anos*] 14 anos quando eu fugi de uma casa que eu era empregado doméstico e eles queria me bater e eu cheguei e fugi. Fugi de umas três casas, né! Porque eles queriam... além de ser empregado doméstico, eles queriam bater, né! Me batia e tudo eu aí fugia. Quando eu recebia meu dinheiro, arrumava minha mala e fugia... quando eles vinham pra me bater eu aprontava também com eles. É! Quando eles vinham pra me bater eu aprontava também com eles e fugia ne...[*ri*] E assim, minha vida foi assim até chegar meus 18 anos... é eu comecei a trabalhar por conta própria. [*Pergunto qual trabalho era*] Era assim... raspagem de taco, não sei se lembra, né! Eu comecei a trabalhar com raspagem de taco, raspando taco, de mão e tudo, depois de máquina e aí depois foi assim. Mas eu tinha uma intenção, uma vontade desde quando era criança... eu gostava de comprar as pilhazinhas, essas lâmpadas de pilhas, né! E fazia instalação de rua assim no poste, né! Tinha uma vontade de ser eletricista, meu dom era ser eletricista. E aí comecei a trabalhar e depois foi quando surgiu trabalhando assim de raspagem de taco e tudo, depois foi quando surgiu a petroquímica, né! Aí foi que eu fui trabalhar na petroquímica. Trabalhei na petroquímica e tudo, e Graças a Deus aprendi a profissão de eletricidade, fiz curso e tudo. E Graças a Deus criei meus filhos nessa profissão: de eletricista. E meus filhos hoje são tudo... investir bastante neles, né! Só teve uma que não investi porquê não foi criada comigo. Só fiz registrar. Mas, todos os meus filhos foi criado comigo sobre meu domínio, sobre meu... contava a eles meus sofrimento, né! E não queria que eles sofressem como eu sofri. E todos eles são pessoas... estão estabelecidas. Uma trabalha no Pólo, é técnica de instrumentação, uma de informática, um ta se formando agora pra advogado tá em Brasília... uma trabalha na prefeitura de Candeias e outro, infelizmente, que é um dos mais velhos, que não é do casal, achou de morar na rua que não quer morar com os parente de maneira alguma...vivia em Itapuã, que eu morava em Itapuã, né! Vivia em Itapuã e não quer ficar com os irmãos, nem comigo e nem com ninguém. Quer viver na rua! É! Tomando bebida e tudo. Não há meio pra trazer... a gente pega ele e bota e leva pra casa, ele não se dá bem e foge pra rua. Então a gente viu que a vida dele é essa mesmo, só faço orar por ele, né? É só isso. Mas, infelizmente foi uma vida que ele escolheu. [*Pergunto como ele conheceu a sua esposa*] É... primeiro o mais velho, o de... o que escolheu uma vida triste pra viver na rua, ele é de uma mãe que... namoro! Comecei a namorar uns vinte e poucos anos com ela e ela engravidou de mim. Mas ela tomava umas.. bebida. É tanto que ela morreu por causa de bebida. Quando não achava... menina jovem, quando não achava bebida, ela pegava o álcool, botava com bebida, e tomava. Era uma alcoólatra! Nova, nova e uma alcoólatra. E ela morreu com isso... acho que o menino tinha tre...meu filho tinha uns três anos mais ou menos quando ela fale... então a avó começou a tomar conta dela [*Enfatizo a mãe dela*] (...) a mãe dela! E assim também quando comecei... quando comecei a trabalhar no Polo, eu ajuda tudo, dava despesa dele e avó morreu e os parente dela não queria...os tios não queria ficar. E eu aí...solteiro...aí ela...me deram ele. E eu fiquei com uma dificuldade de criar, não tinha... solteiro e tudo, aí eu... [*Enfatizo que ele morava sozinho*] Morava sozinho! E eu estudava nessa época, eu tava fazendo ainda o Mobral porque não estudei direito, então comecei a fazer o Mobral. E no Mobral, eu conheci uma criatura é... que... que Graças a Deus eu era bom de matemática, né! E era a matéria que eu mais gostava. E ela se uniu em mim que... a gente foi fazer equipe pra...me colocou na equipe dela pra poder ter ajuda da matemática. E aí eu... ela se interessou quando soube do meu caso, que eu tava com uma criança sem ter condições de criar ai ela [*reproduzindo*] “Não, eu tomo conta!” Ela também era solteira... [*reproduzindo novamente*] “Eu tomo conta do menino!” Aí pegou e levou pra mãe dela tomar conta e tudo. E foi... [*Pergunto se ela*

*era mais velha que ele]* Ela era mais velha 6 anos. E estudava também! E aí foi o caso de eu casar com ela por causa dessa criança. *[Pergunto se ele não gostava dela]* Não! Não tinha amor. Gostava. Porque gosto é uma coisa. Amor é outra, né! E eu gostava dela... era companheira de colégio e tudo, ne! É tanto que terminou o ano e eu não me matriculei no colégio dela porquê... pra não ter um relacionamento, ne! Mas, *[ri]* infelizmente eu não achei vagas em outros colégios e ela aí me matriculou...ela mesmo me matriculou no colégio que ela estava. No Celina Pinho! No Celinha Pinho, não sei se você conhece ali na Liberdade. No Curuzu, alias! É... Celina Pinho. Não sei se ainda existe. Deve existir! Celina Pinho. E eu estudava, fazia o Mobral ali no Assis Chateaubrian ali em São Caetano. E aí...eu tive que de voltar, eu queria estudar, eu tive de voltar e aí o namoro continuou e tal, ne! E aí eu tive que casar com ela por causa desse... desse garoto. E daí foi que criou... sim quando eu tava na petro...na petroquímica, eu conheci outra criatura. E essa outra criatura foi que eu tive uma menina também. Ela teve uma menina...que essa foi que só fiz registrar e não assumi. É única que assim... eu tenho sentimento por não ter ajudado ela como ajudei os outros, ne! Mas ela...ela... conversei com ela e tudo, ela não tem raiva de mim não... é a que trabalha na prefeitura de Candeias. E aí..daí eu.. *[Pergunto quantos filhos ele teve com a moça do Mobral. Se chegou a ter filhos com ela]* Tive! Com a do Mobral tive 3. Foi essa que eu me casei...foi esse que ta em Brasília fazendo direito, que vai se formar agora, é técnico de informática e a outra trabalha com petroquímica, na área petroquímica. *[Pergunto se a moça já faleceu]* Não! É viva! É! Mas eu sou divorciado, mas eu só divorciei quando os menino já tava tudo criado pra não frustrar eles por causa de colégio, ne! Que também tem isso... muitas pessoas não pensa essa parte de crianças, de adolescentes, de estar estudando e ver a separação...quem paga o preço é a criança, ne! Então eu não queria frustrar minhas crianças, não queria que eles ficassem coisa... continuei, separado dela, dentro de casa. Minha casa era em cima, é... minha casa era em cima ela embaixo...eu em cima e ela embaixo. Os meninos sabia que nós estava separado. Mas a amizade continua... que até hoje nós temos amizade. Ela telefona pra mim, conversa... alguns problemas de filho pra resolver, nós entra em acordo e tudo. Nós separamos, mas não ficamos inimigos, certo? E aí pra que não tivesse problema com os filhos... eu aí...deixei pra divorciar quando estavam tudo formado. E aí um tá se formando pra advogado e o outro ta sobre si. *[Pergunto se tem algo marcante na vida dele que ele se pudesse viveria de novo]* Eu acho que...Todo ser humano, quando chega nessa idade, eu acho que... queria voltar tudo de novo algumas coisas erradas que fez. Que não fez como deveria ser, ne! É o que eu penso assim... Poxa! Quando tava na juventude, não pensei nisso... é... de che...quando é agora depois de velho é... que eu queria voltar pra consertar aquilo que eu deixei no meio de caminho, que eu não fiz di... certo. É isso que eu só penso! Não tenho... Mas não tem nada assim eu me marque na juventude não. O que me marca foi assim... o sofrimento que eu tive... de minha mãe não poder me criar, me dar um bom colégio. Que eu vim estudar quando eu fui pra petroquímica, através de um amigo que me colocou lá, eu fui de ajudante... de ajudante de eletricidade. E porque eu tinha vontade aí pedi que eu queria trabalhar de eletricista, então ele era amigo, aí ele *[reproduzindo]* “Vou botar lá!” Eu nem sabia escrever e nem ler direito. Segundo ano, ne! Segundo ano. Por isso mesmo que eu fui pro Mobral pra poder estudar. E uma coisa que me marcou assim...que eu sempre conto pra as pessoas foi que por eu não ter muito estudo era discriminado na firma. Recebia discriminação! Inclusive do supervisor... toda de manhã quando ele chegava, ele já vinha com a chave do carro dele pra eu lavar o carro. *[Silencio]* Enquanto os outros ajudantes tava aprendendo a profissão porquê tinha estudo. Aí já era um meio de discriminação... como quem diz: *[reproduz]* “Ele não sabe ler. Ele tem que lavar o carro aí e não aprender!” Aí



quando foi um dia, por eu ser empregado da firma, não ser empregado dele aí eu virei pra ele: *[reproduzindo]* “Figueiroa, eu não vou lavar seu carro hoje não.” Aí ele disse: “Por que?” Aí eu disse: “Porque eu não sou empregado do senhor pra lavar carro. Sou empregado da empresa. Enquanto os outros ta aprendendo profissão, eu to lavando seu carro. Então não vou lavar seu carro não!” Aí ele disse: “É? Tudo bem!” Aí tomou a chave e mandou eu ir pro campo trabalhar. Mas a firma todo ano, ele dava um... um aumento... que tinha o aumento do governo e tinha o aumento de... da firma mesmo que dava pra num... aí todo mundo teve aumento, os ajudantes teve aumento, pegava o envelope, dando risada, pelo aumento que teve, além do governo, ne! A firma dava o aumento aí o meu não veio. Aí eu cheguei pra Figueiroa e disse: “ Figueiroa, todo mundo teve aumento por que eu não?” Ele virou pra mim e disse: “ Ce quer aumento?” Eu disse: Quero, claro! Tenho direito também!” Ele disse: “Não! Você não tem direito. Se você quiser aumento, você vá estudar como eu estudei!” *[Silêncio]* Aqui o ali foi como uma... um tapa, uma bofetada que ele me deu, ne! Tudo bem. Eu já tava no Mobral estudando foi que eu me esforcei mais a estudar. Aí fiz o segundo grau. Mas a tendência minha era fazer é engenharia. Aí eu digo *[reproduz]* “Bom! Já que ele mandou eu estudar, vou estudar!” Aí eu fui estudei...fiz o segundo grau, fiz o primeiro grau, fiz o segundo grau e aí fiz curso técnico. Aí comecei fiz curso técnico...fiz curso técnico e tudo eu aí...que minha intenção era passar ele pra quando chegar em outras firma eu encontrar ele, eu como a patente máxima de que a dele. Mas, infelizmente, essa menina que eu encontrei no colégio... aí foi que atrapalhou todos os meus estudos. Que eu não...tive de criar o menino e tudo e aí me casei...teve filho e aí acabou meu futuro. Era o pensamento que eu tinha. E aí eu fiz curso técnico, graças a Deus no Senai, me virei mesmo, ne! Na paz da minha profissão, estudei muito, né! E aí...quando foi um dia...eu trabalhava..não sei se você já ouviu falar na Dao Química, ali no Caboto, eu tava trabalhando na Dão química no Caboto. Já tava trabalhando como eletricitista especializado. É! Aí um engenheiro...tava trabalhando com um engenheiro disse: , *[Reproduzindo]* “ Rosalino, vá na sala de Figueiroa pegar o nel gomito” que só quem trabalhava..pegar esse aparelho era eletricitista especializado. Então ele disse: “Vá na sala de Figueiroa pegar o nel gomito pra gente”... aí quando ele falou o nome Figueiroa, eu pensei logo: *[Reproduz]* “Será que é Figueiroa que ta lá na Pasquim?”Que isso foi lá na Pasquim, em Candeias, que mudou o nome e eu nem sei nem mais como é o nome... *[Reproduzindo]* “Será que é Figueiroa que ta lá na Pasquim que me humilhou?”Aí eu já fui logo com aquele pensamento, ne! E eu gostava de usar meu crachá...o crachá pendurado, mas pra dentro, ne...dentro da camisa, pra não sujar, pra não ficar atrapalhando...e quando falou “Figueiroa!” Eu aí já peguei logo meu crachá e botei do lado de fora. Aí eu fui procurando na sala...aí eu vi na sala dele Figueiroa e o segundo nome dele que eu não me lembro. Aí eu disse: *[Reproduz]* “ É esse mesmo!” Bati na porta. Aí entrei e ele disse: *[Reproduzindo]* “Oh! Abelha!”Que meu apelido era abelha, ne! No polo petroquímico, o pessoal so me cha...só me conhecia como abelha. Abelha africana. *[ Pergunto o motivo]* Aí é outra história ne...*[risos]* Outra história! Aí ele disse: “Oh abelha, CE ta por aqui?” Eu disse: “Tô!” “ Em que posso lhe ajudar?” Aí eu disse: Eu vim pegar o negomito pra fazer uma medição. Ai ele disse: “Quem vai trabalhar com esse aparelho?”Aí eu peguei o crachá e disse: “Sou eu, Figueiroa! Aqui ó...meu crachá. Tenho condições de trabalhar... tenho capacidade de trabalhar com esse apare...essa ferramenta.E muito obrigado pelo incentivo que você me deu.” Ele olhou crachá e viu *[Reproduzindo]* “eletricitista especializado”. Aí eu disse é...também..aí ficou naquela conversa...me pediu desculpa, depois peguei o aparelho, fui trabalhar e quando acabei de medir aí fui levar a ele...aí mandei que ele testasse o aparelho pra ver se tava em dias...aí ele disse “ Não! Não precisa não!” Aí eu disse: “ É bom cê testar!”

Aí ele testou e “É! Tá bom! Tá bom!” E aí a história acabou nessa...[*Risos. Peço pra ele falar do apelido.*] Ah! O apelido foi o seguinte...quando eu fui pra Petroquímica, que o amigo me colocou lá, em Candeias na...Pasquim...é..eu num entrei logo de ajudante de eletricista porquê eu num tinha a vaga. Eu entrei pra quando tivesse a vaga de ajudante de eletricista aí eu num...então pra que eu num perdesse a vaga de emprego...ele me colocou de ajudante. Oh! De ajudante, não. De...vigilante! Aí eu trabalhava pela noite, trabalhava pelo dia na área. Justamente porquê eu não tinha um estudo aí me botava na área...aí eu tava trabalhando assim num alto, num lugar que tava desmatando pra poder ampliar a área da fábrica, ne! E aí o...um rebanho de abelha atacou um dos...dos roceiros daquelas pessoas que tava roçando ali o mato. Aí pegaram o camarada e levou pra o hospital. Então eu sai de lá de meu posto de serviço e vim pro posto de...de abastecimento de carro conversar com um dos seus colegas. O apelido era pombo correio...que tudo que via na área, ele espalhava, ne! O apelido dele era pombo correio. E eu já trouxe a notícia pra Pombo Correio...pra Pombo Correio. Aí cheguei tô... descendo de minha área de serviço... e era longe! A área de serviço era longe! Era como daqui no Sine na na...na igreja de de...na igreja de...o hospital Santo Antônio. Era longe! Aí eu saí da minha área e fui e vim trazer a notícia a Pombo Correio que o camarada saiu picado de abelha pá... e Pombo Correio tava abastecendo carro e eu num olhei que carro era que tava sendo abastecido... vidro fechado e tudo, Era do supervisor da empresa. Aí..eu tô contando a história a Pombo Correio eu vi o vidro baixar [*Reproduzindo*] “ziiiii”. Aí botou a cabeça do lado de fora e disse: [*Reproduzindo*] “ Oh meu filho, você é criador de abelha?”Aí eu disse: “Não senhor!” ...“ E o que faz aqui? Saiu de seu posto pra vim contar história de abelha aqui? É melhor que você vá pra seu posto” [*Risos*] eu aí baixe a cabeça e fui pra meu posto, né! Pombo Correio já num gostava de de...vender notícia...quando...bastou o carro sair dali, ele pegou o telefone e começou a anunciar. Anunciou pra um, anunciou pra os operadores, aí pronto! Aí os operadores começou a chamar: [*Reproduzindo novamente*] “ “Ô abelha! Abelha africana!” Que foi a abelha africana que atacou o homem. “A abelha africana!” Eu me chateava com aquilo! Mas quando eu vi mesmo que não tinha jeito eu aí liberei [*Risos*] Aí eu liberei! Que eu tava num posto de serviço aí: “ Oh! Eu quero falar com abelha!” [*ri*] Aí eu me chateava” Aí pronto! Pegou e eu liberei e pronto. Aí ficou no polo todo eu era conhecido como abelha africana. Sai daqui de Candeias e fui pro polo petroquímico... pólo petroquímico. Aí dizia: abelha africana...pronto! É tanto que meu...que minha senha no facebook é abelha... é... é.. Rosalino... Rosalino não. É abelha polo... abelhapolo75. Então porque eu botei porque se algum dos colega meu ver no face...aí eu botei abelhapolo...sou eu {Pergunto se ele mexe nesses tipos de coisas} Eu gosto de internet. É! Eu to com com um mês aqui eu to sentido que ainda não coloquei minha internet. Ontem mesmo eu fui na Tim pra ver se faço um plano. Fazer um plano porquê eu gosto de... [*Enfatizo ele estar um mês lá*] 18 amanhã, né? É...18! Amanhã faço um mês. [*Pergunto como ele chegou lá*] Bom, eu cheguei aqui pelo seguinte, que eu moro sozinho e eu fiquei muito debilitado por causa do problema de ler e artrite reumática, essas coisas toda... tinha dia que eu não podia fazer nada. Eu mesmo lavava minhas roupas, depois foi que minha irmã lavava a roupa pra mim, mas a comida era eu quem fazia e tudo. Às vezes tinha vez que eu não tinha condições nem de fazer a comida... As vezes eu tava deitado e não tinha condições nem de levantar pra comer [*Pergunto se por causa das dores*] É...por causa das dores...aí como eu morei aqui e fui criado aqui no Monte Serrat, já conhecia isso aqui...mas tava esquecido, eu aí fui na internet pesquisar na internet ali...apareceu Dom Pedro II, ne? Dispensei os outros ai vim fiz a inscrição aqui e aí Graças a Deus...[*Pergunto como foi o primeiro mês*]. Oi ta bem pelo...Tá bem! O relacionamento com alguns colega é favorável, mas tem uns que são mais fechados e tal e eu vou

chegando devagarinho. Porque nas empresas que eu trabalhei eu fiz... em seis em seis meses a gente fazia o curso de Relações Humanas pra ver como tava com as pessoas e tudo teve uma vez que eu cheguei a ser encarregado mesmo do serviço né... pra eu... como era que me relacionava com os colegas. Então a mesma coisa eu to usando esse... o que eu aprender aqui...vou devagar com eles...vou ver como eu vou me chegar naquele... vou ver como eu vou me chegar naquele e aí eu to chegando aos pouquinhos. Quando eu cheguei logo, tava difícil, mas eu fui com carinho, devagarinho. Eu já tenho uns 4 a 5 aí que eu já me relaciono bem né! Mas já tem outro que é mais fechado e eu vou devagarinho...espero ver como chego lá. *[Risos. Pergunto como é a rotina dele lá]* Minha rotina é essa aqui...quando chega o almoço e tal...almoço e depois tiro um cochilozinho e de tarde eu saio de novo e fico batendo papo com aqueles, que gosta de conversar, minha rotina é essa. Tem vez que eu vou na rua resolver algum problema se tiver alguma...problema de resolver no banco, eu vou... *[Enfatizo que é tranquilo]* É tranquilo! É! Peço autorização pra sair e saio. *[Questiono se seus filhos apoiaram ele ter ido pra lá]* É! Apoiou! Um porque não tinha condições de conviver comigo porquê eu não me relaciono muito com a minha sogra...com a minha nora, ne! Então A outra filha mesmo que trabalha no polo ela é um pouco egoísta, então ela não liga pra mim. E foi a mais que e investi pra que ela chegasse a ser uma técnica de instrumentação industrial, ne! Não me dava muito valor. Esse que ta em Brasília é o que mais se preocupa. Tá sempre ligando pra mim. Quase todo dia ele ta ligando pra mim e tal é... ele ficou meio chateado perguntou: *[Reproduzindo]* “Venha cá, os outros irmãos ta sabendo?” Aí eu: “Tá sim! Aí num disseram nada né!” Aí ele disse: “É! Por mim mesmo, se eu tivesse aí o senhor não ia pro abrigo. O senhor ia morar comigo.” É o caçula e é o mais cabeça! É... estou aqui! Eu to me sentindo bem com... os funcionários trata muito bem a gente, né! E...as enfermeiras são excelentes também e eu trato elas com respeito porque tem alguns aí que até fala bobagens com as enfermeiras, mas eu...não tem nada a ver né! Elas merecem respeito no trabalho delas. Mas tô me dando bem com todos eles. *[Pergunto a idade]* 76 anos! Já tô na faixa de 77 que eu já entrei no...é 77! *[Pergunto se ele tem alguma relação com algum bairro que morou]* É! Eu morei em vários bairros. *[Explico sobre minha pesquisa e pergunto se ele tem alguma história que envolve a cidade ou bairros]* Bom! Eu falei antes que eu fui criado...criado não Minha juventude foi toda aqui. Ribeira a Boa Viagem. Então, todas essas festas... Boa Viagem, Lavagem do Bonfim, Festa do Bonfim, Ribeira que era a segunda feira da Ribeira, tudo eu participei quando era...né! Eu...a festa da Conceição que eu não gostava muito da festa da Conceição assim...por eu achar ali um lugar muito apertado pra muita gente. Eu achava assim... que eu não deveria ir porque era muita gente para o espaço, ne? Aí eu não ia. Mas Bonfim, Ribeira, essas coisas eu participava. Depois morei em São Caetano, Capela de São Caetano é... morei em Coutos, morei deixa eu ver aonde mais...é...Plataforma. Morei em Catú, fui morar em Catú, depois fui e retornei pra Salvador. Aí eu fui morar em Itapuã. Em Itapuã foi que eu criei meus filhos, né! Fiz casa lá... em Itapuã morava na Lagoa do Abaeté, fim de linha. Que ali chama Nova Brasília, né? Eu morava ali em cima é... Nova Brasília, acima da Lagoa do Abaeté, e a casa que eu tinha lá deixei pros filhos, né! E aí construir outra moradia. Daí eu saí de Itapuã, morei na Liberdade, vários bairros ali da Liberdade eu morei. É... vários bairros e daí eu sai da Liberdade e fui pra Muniz Ferreira, conhece? Entre Nazaré e Santo Antônio de Jesus. Daí de lá eu fui pra Governador Mangabeira. Morei lá em Governador Mangabeira também... fiquei 8 mês. Alugada, a casa alugada. Mas já em Muniz Ferreira eu comprei um terreno lá e fiz casa e tudo. De lá de Governador Mangabeira eu vim pra Simões Filho é... num lugar nome Palmares. Fica perto de Camaçari onde eu tenho um sitiozinho lá... meus parente tem um sitiozinho lá aí e eu

comecei a construir também lá, mas de lá eu foi que eu resolvi vim pra aqui. *[Perguntei de qual bairro ele tinha mais saudade]* Liberdade! *[Enfatizo a Liberdade]* É! Porque é um lugar assim muito desenvolvido, certo? E eu tinha uma paixão por Liberdade! Apesar de que demorei tanto tempo lá em Itapuã, lá em Abaeté, mas eu sempre só pensava na Liberdade. *[Pergunto quanto tempo ficou lá na Liberdade]* Na Liberdade fiquei uns... mais de 15 anos. Morei mais de 15 anos. 18 anos mais ou menos. *[Pergunto se isso já foi com a família]* Não! Eu já aí morando só. Porque quando eu me divorciei, já me divorciei morando em Itapuã. *[Pergunto se ele se divorciou cedo no caso]* Não! Eu me divorciei em dois mil e... eu me separei em 1986, quando me separei, mas morando na mesma casa. Aí ficou pra não dar frustração a meus filhos, né! Aí eu fiquei morando lá, não abandonando a casa, mas Liberdade. Só na Liberdade. Depois quando eu resolvi morar totalmente na Liberdade e cuidar do divorcio. Aí quando cuidei do divorcio só acho que foi em 2000 já tinha sido divorciado. Acho que foi sessenta e... noventa foi 96! Foi em 96 que eu aí divorciei. Aí foi que eu comecei a morar sozinho, né! *[Pergunto se tinha muitos amigos no bairro]* Tenho! Bastante! Até hoje é tanto que quando... eu abro meu face é tudo da Liberdade. É tudo da Liberdade. *[Investigo se ele ficava com os amigos, na porta conversando]* É! Exato! É... uma que eu sou evangélico, ne! Uma que eu sou evangélico. O pessoal da igreja e tudo ali colégio ali da Liberdade, adventista, tudo ali... e eu sai pra passear nas rua que eu morava...que eu sou uma pessoa que gosto de fazer amizade. Se eu achar com quem fazer amizade boas eu faço, né! Não sou das pessoas fechada. Sou aberta, né! Então... aí todo lugar que eu chegava, as pessoas gostava de mim por eu ser assim... é... ser...não sou expansivo. Eu sou uma pessoa assim... gosto de fazer amizade, né! Tenho um bom relacionamento com as pessoas, com os vizinhos e com tudo. *[Indago se ele tem saudades de algo]* Assim como, assim? *[Explico se saudade de alguém, saudade de algo que aconteceu]* Bom, realmente, tem uma coisa que eu...eu tenho saudade realmente dessa filha minha de lá de... que mora em Dias D'ávila. Ela foi uma filha que tudo que ela me pedia, ela... eu fazia um tudo pra ela ser... pra ela... pra chegar na mão dela. É tanto que ela estudou aqui num colégio... não sei se você ouviu falar. Acho que não tem nem mais esse colégio. Então, tudo que ela pedia eu me virava e dava. É tanto que os outros irmãos dela ficavam chateados: *[Reproduzindo]* “É... tudo que Cristiane pede, painho dá! Quando a gente pede uma coisa e tudo ele manda esperar... é assim!” E eu me dediquei muito a ela. Investi nela e tudo e hoje ela nem..nem liga pra mim... eu magoado. Triste! Quando penso nela é tristeza! Tristeza mesmo! Não é alegria e nem nada. É tristeza! É tanto que os outros irmãos cobram isso de mim... *[Reproduzindo]* “Aí sua filha que você fez tudo por ela e tudo...ela nem liga pro senhor!” “Mas é isso mesmo! Inclusive essa que eu disse que... só fiz registrar e depois é a que mais bate na minha cara. Diz: *[Reproduz]* “Aí ói! Cristiane que você fez tudo por ela, ela nem liga pro senhor!” *[Indago qual foi o motivo que ele acha de ter acontecido isso]* Não... é questão que... a natureza dela que é assim..que ela sempre quando eu tava coisa ela me dizia assim *[Reproduz]* “Detesto pobre!” E eu pensava que era brincando, mas ela depois deixou claro que ela detestava pobre... é tanto que o irmão dela, que ta lá em Brasília, trabalhou com ela que ela estagiou na White Martins, né! E a White Martins contratou ela e tudo e quando ela foi pro Polo e eu chamei ela na mesa e expliquei a ela: ! Olhe minha filha, nunca seja melhor do que ninguém. *[Reproduzindo]* Quando seus colega fizer uma coisa errada, não critique. Quando alguém perguntar a você se você sabe fazer...é vou tentar fazer! Não diga que sabe porquê se você errar tem cobrança. E se você disser que não sabe se você errar eles...eu vou lhe ensinar, vou lhe orientar!” Expliquei tudo a ela. E quando ela foi que ganhou estabilidade... saiu da empresa porque não se comunicar comigo porquê ela não devia engravidar que a profissão dela era de

subir torre, essas coisas, mas logo quando ela entrou na empresa ela desligou de mim. Não quis saber mais de se comunicar comigo. Aí não pediu orientação. Engravidou. Levou 2 anos... que ela teve a criança e tudo aí ela mandou eu ir embora. Mas ela entrou em outra empresa e acho que depois abriu outra... eu vejo falar. Vejo as pessoas falar que ela é sócia de uma cooperativa que presta serviço nas empresas. Cooperativa. Então tá bem, ne! Então ela não gosta de... humilhou esse menino meu que tá lá em Brasília quando trabalhava com ela. Humilhou ele. Aí ele disse: *[Reproduz]* “Ah meu pai, não quero trabalhar com ela não que ela humilha muito a gente, certo! Ela não dá valor a nossa família!” E não dá mesmo! Então eu tenho tristeza por isso. E a natureza dela assim de... só gosta de tá com pessoas que tem status e tudo, né! *[Afirmo que ela valoriza demais]* Valoriza demais! Então tenho tristeza por isso e também por ela não se relacionar muito com os parentes. *[Enfatizo que ela preferiu se distanciar]* Se distanciar... dos parentes. Os irmãos são chateados também com isso, ne! E eu também que ela se distanciou de mim e... as vezes mandava mensagem pra ela no face e tudo, ela não respondia. Aí eu deixei de mandar mensagem. *[Pergunto se ele ainda tem sonhos]* (...) Bom, sonhos eu tenho assim ainda de ver meu filho formado que ele parou de estudar por causa de uma matéria, que falta uma matéria pra ele se formar, então ele até ligou pra mim...tá devendo uma matéria faculdade e... o sonho que eu tenho é dele se formar, legalizar com a faculdade, se formar, que ele também carregou o capricho de... passar ela, ne! Que formada mesmo só tem ela! Ela se formou! Então ele carregou o capricho de se formar, ter uma formatura melhor do que a dela. Que ele tá estudando pra direito, né! E meu sonho é esse! E... não tenho mais sonho nenhum. É tanto que eu vim pra aqui e me estabilizei aqui, ne! Quero fazer daqui uma morada. É tanto que já ando com um atestado de residência daqui já, ne! Todo canto que tem... não tenho mais sonho nenhum não. Só...viver mais se Deus me der mais uns dias de vida eu...permanecer aqui. *[Digo que gostei de conhecê-lo. Peço pra ele dizer uma imagem que o simboliza. Algo que venha a mente e o represente]* Olha, quando eu olho pra mim, eu enxergo a Deus! Porque ele diz assim “fazer conforme a minha imagem e a minha semelhança.” Aí quando eu olho pra você eu tô vendo Deus! Quando eu olho para o ser humano, eu digo: Deus é assim! Nariz, boca, tudo... assim! Então é essa imagem que eu vejo em mim, que eu sou a imagem de Deus. Como nós somos a imagem de Deus! *[Agradeço pela entrevista. Digo que Deus o abençoe e afirmo que ele também está começando uma nova etapa da vida no abrigo]* (...) É a gente nunca diz que termina. *[Reafirmo que a gente não pode dizer]* Enquanto tiver o coração batendo e feliz a gente tá vivo. *[Desejo que ele seja feliz e os filhos também. E que ele tenha de volta os filhos que estão distantes. Que Deus possa colocar a mão do filho que está na rua. Que abram o coração para ouvir Deus]* (...) Porque a gente tenta ajudara pessoa, mas aquela pessoa também tem que se ajudar! *[Agradeço novamente e desejo que Deus o abençoe!]*.